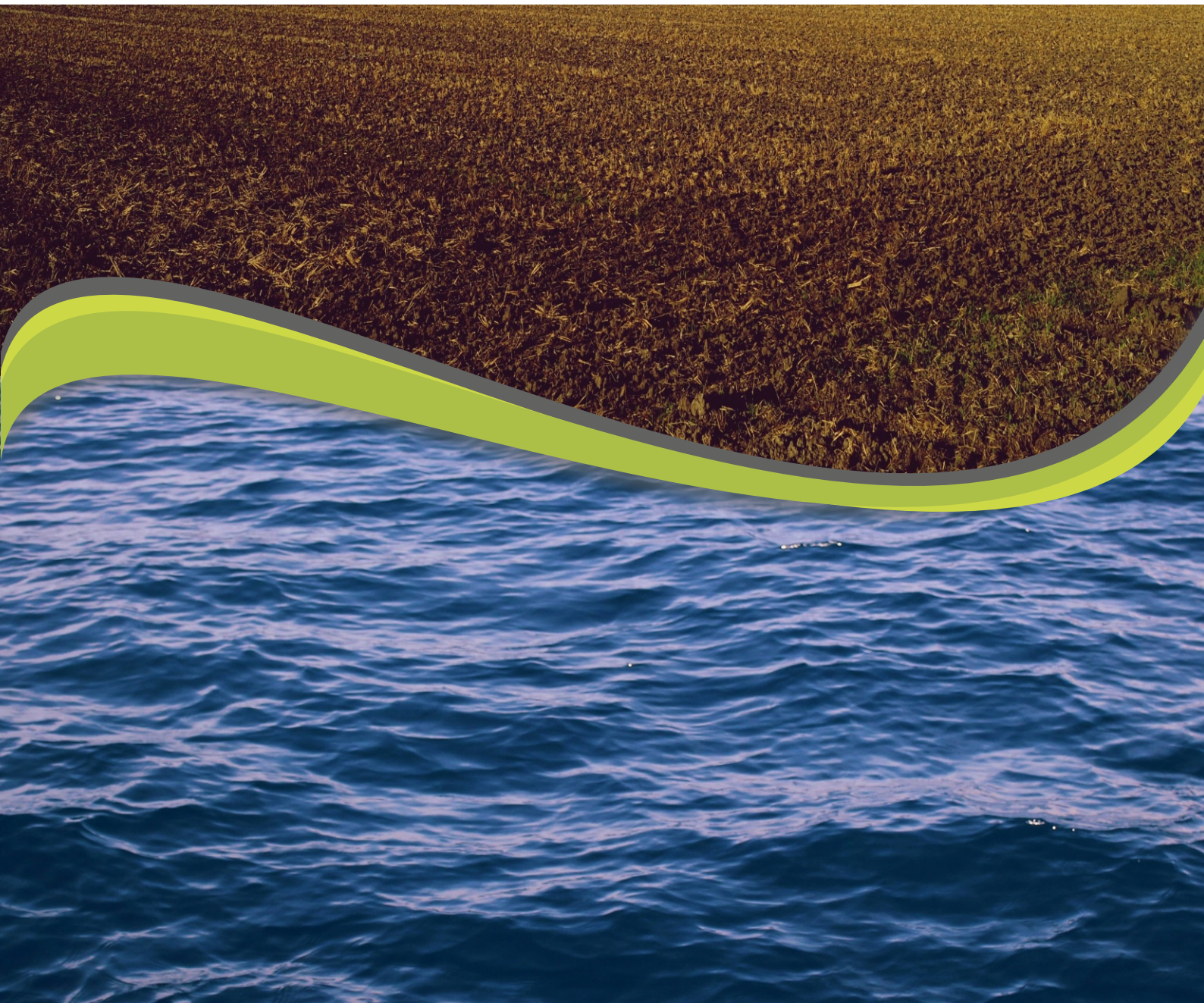
universidade de aveiro

cesam universidade de aveiro centro de estudos do ambiente e do mar

Pressbook - 2016



universidade de aveiro

PRESS BOOK

CESAM 2016

CISION

Revista de Imprensa

1. José ficou fascinado com a resistência desta ave, Wilder Online, 16/12/2016 1

2. Personal view defende estudo mais profundo da terapia fotodinâmica, Diário de Aveiro, 30/11/2016 4

3. "Personal view" defende estudo mais profundo da terapia fotodinâmica, Diário de Aveiro Online, 30/11/2016 5

4. Investigadora da Universidade de Aveiro defende a necessidade de mais estudos sobre terapia fotodinâmica como alternativa às terapias convencionais, Saúde Online, 29/11/2016 6

5. UA: "Personal view" no The Lancet Infecious Diseases defende estudo mais profundo da terapia fotodinâmica. Investigadora da UA é coautora do artigo publicado., Rádio Terra Nova Online, 28/11/2016 7

6. Novos projectos em debate em seminário de aquacultura - Jornal da Economia do Mar, Jornal da Economia do Mar Online, 07/11/2016 8

7. Universidade de Aveiro capacita técnicos do Governo de Moçambique, APLOP Online, 07/10/2016 10

8. Universidade de Aveiro: DAO capacita técnicos do Governo de Moçambique, Notícias de Aveiro Online, 05/10/2016 11

9. Estudo mostra alterações na vegetação do Baixo Vouga, Diário de Aveiro, 30/09/2016 12

10. Sapais do Baixo Vouga têm sofrido degradação, Diário de Aveiro, 29/09/2016 13

11. Os sapais do Baixo Vouga "têm sofrido transformações ou degradação", Diário de Aveiro Online, 29/09/2016 14

12. Subida do mar pode afectar função dos sapais no Baixo Vouga, Notícias de Aveiro Online, 28/09/2016 15

13. UA analisa alterações nos sapais do Baixo Vouga Lagunar, VerPortugal Online, 27/09/2016 16

14. Alterações nos sapais do Baixo Vouga, Diário de Aveiro, 24/09/2016 17

15. Projecto da Universidade de Aveiro estudou alterações nos sapais do Baixo Vouga Lagunar, Rádio Voz da Ria Online, 19/09/2016 18

16. Burocracia drasticamente reduzida na Aquicultura, Diário de Aveiro, 31/08/2016 20

17. Testes identificam origem de peixes e bivalves, Diário de Coimbra, 31/08/2016 22

18. Testes da Universidade de Aveiro identificam origem de peixes e bivalves, Tech ITT Online, 31/08/2016 23

19. Há golfinhos à vista no Norte mas não vieram para ficar, Público, 24/08/2016 25

20. Há golfinhos à vista no Norte mas não vieram para ficar, Público - Público Porto, 24/08/2016 26

21. Há golfinhos à vista no Norte, mas não vieram para ficar, Público Online - P3 Online, 24/08/2016 27

22. Há golfinhos à vista no Norte, mas não vieram para ficar, Rádio Nova Online, 24/08/2016 29

23. Golfinhos avistados no norte de Portugal, Tech ITT Online, 24/08/2016 31

24. Presença de golfinhos nas praias do Norte é normal mas pessoas devem afastar-se, Viva! Porto Online, 24/08/2016 33

25. Golfinhos em Leça da Palmeira, Correio da Manhã Online, 23/08/2016 34

26. Avistamentos recentes de golfinhos no Norte são normais e pessoas devem evitar contacto, Destak Online, 23/08/2016 36

27. Há golfinhos no Norte e as pessoas devem evitar contacto, Diário de Notícias Online, 23/08/2016 37

28. Avistamentos recentes de golfinhos no Norte são normais e pessoas devem evitar contacto, Diário Digital Online, 23/08/2016 39

29. Pessoas devem evitar contacto com os golfinhos, Jornal de Notícias Online, 23/08/2016 41

30. Pessoas devem evitar contacto com golfinhos na costa do Norte no país, Notícias ao Minuto Online, 23/08/2016 42

31. Avistamentos recentes de golfinhos no Norte são normais e pessoas devem evitar contacto, Porto Canal Online, 23/08/2016 44

32. Há golfinhos à vista no Norte, mas não vieram para ficar, Público Online, 23/08/2016 46

33. Golfinhos surpreendem banhistas a Norte, Renascença Online, 23/08/2016 48

34. Avistamentos recentes de golfinhos no Norte são normais e pessoas devem evitar contacto, RTP Online, 23/08/2016 50

35. Avistamentos de golfinhos no Norte são normais e pessoas devem evitar contacto, SIC Notícias Online, 23/08/2016 52

36. Peixes de aquacultura vão ter alimentação mais saudável e sustentável, Sul Informação Online, 22/08/2016 53

37. UTAD em projeto para tornar os peixes de aquacultura mais resistentes, Emigrante - Mundo Português (O), 12/08/2016 54

38. Ovar acordou sob manto de fumo dos incêndios, OvarNews Online, 11/08/2016 55

39. Peixes de aquacultura podem ficar mais saudáveis, Diário de Notícias da Madeira, 05/08/2016 56

40. Aplicação prevê marés da Ria de Aveiro - AGRICULTURA E MAR ACTUAL, Agricultura e Mar Actual Online, 04/08/2016 57

41. Peixes de aquacultura vão ter alimentação mais saudável e sustentável, Voz de Trás-os-Montes - Alto Tâmega (A), 04/08/2016 59

42. Aquacultura: consórcio português com EUR1,2 milhões para melhorar qualidade dos peixes, AgroNegócios Online, 03/08/2016 60

43. Peixes de aquacultura vão ter alimentação mais saudável e sustentável, Gazeta Rural Online, 03/08/2016 62

44. Peixes mais saudáveis? É a meta deste projeto de 1,2 milhões, Dinheiro Vivo Online, 02/08/2016 64

45. Projeto de 1,2 ME para criar alimentação mais saudável a peixes de aquacultura, DiáriOnline - Região Sul Online, 02/08/2016 66

46. Peixes de aquacultura vão ter alimentação mais saudável e sustentável, Notícias de Vila Real Online, 02/08/2016 68

47. Projeto de 1,2 milhões quer tornar peixes de aquacultura mais saudáveis, Sapo Online - Sapo Lifestyle Online, 02/08/2016 70

48. 1,2 ME para criar alimentação mais saudável a peixes de aquacultura, Tech ITT Online, 02/08/2016 72

49. Biólogos da Universidade de Aveiro participam em censo aéreo de cetáceos, Diário de Aveiro, 27/07/2016 74

50. A qualidade do ar hoje? E porque não amanhã?, Diário de Aveiro, 26/07/2016 75

51. Navegar na Ria de Aveiro será mais fácil graças a uma aplicação, APP - Associação dos Portos de Portugal Online, 25/07/2016 76

52. CIIMAR sensibiliza os mais jovens para a importância da biodiversidade, Universidade do Porto Online - Notícias Universidade do Porto Online, 25/07/2016 77

53. Aplicação prevê com exatidão as marés da Ria de Aveiro, Emigrante - Mundo Português (O), 22/07/2016 79

54. Biólogos da Universidade de Aveiro participam em censos aéreos de cetáceos, Notícias de Aveiro Online, 22/07/2016 81

55. Aplicação prevê com exatidão as marés da Ria de Aveiro, Mundo Português Online, 19/07/2016 82

56. Universidade recebe galardão “Campeões das Zonas Áridas”, Diário As Beiras, 16/07/2016 84

57. Selo de Excelência para Spin-off da Universidade, Diário de Aveiro, 16/07/2016 85

58. Spin-off da UA recebe selo de excelência europeia, Diário de Aveiro, 14/07/2016 86

59. Spin-off da UA recebe selo de excelência da Comissão Europeia, Notícias de Aveiro Online, 14/07/2016 87

60. Comissão Europeia atribui selo de excelência a spin-off da UA, VerPortugal Online, 14/07/2016 88

61. HidroRia | Uma aplicação para não encalhar na Ria de Aveiro, CidadesOnline Online, 13/07/2016 89

62. UA cria aplicação para facilitar navegação na Ria, Diário de Aveiro, 13/07/2016 91

63. Nova aplicação ajuda navegação na Ria, Diário de Viseu, 13/07/2016 92

64. Navegar na Ria de Aveiro será mais fácil graças a uma aplicação, Ponto e Vírgula - Informação Digital Online, 13/07/2016 93

65. Universidade de Aveiro cria app para facilitar a navegação na Ria, Shifter Online, 13/07/2016 95

66. uma aplicação para não encalhar na Ria de Aveiro, AuriNegra Online, 12/07/2016 97

67. Nova aplicação ajuda navegação na Ria, Diário de Coimbra, 12/07/2016 99

68. Green Savers - App prevê com exactidão as marés da Ria de Aveiro, Green Savers Online, 12/07/2016 100

69. Navegar na Ria de Aveiro será mais fácil graças a uma aplicação, Notícias ao Minuto Online, 11/07/2016 102

70. U. de Aveiro cria "app" para facilitar navegação na Ria, Público Online - P3 Online, 11/07/2016 103

71. UA: HidroRia é uma aplicação para não encalhar na Ria de Aveiro., Rádio Terra Nova Online, 11/07/2016 104

72. HidroRia: uma aplicação para não encalhar na Ria de Aveiro, VerPortugal Online, 11/07/2016 106

73. Dinâmica da praia do Porto Santo em debate, Funchal Notícias Online, 06/07/2016 108

74. Aveiro combate desertificação, Ensino Magazine, 01/07/2016 109

75. Workshop Regional de Lisboa das Estratégias Municipais de Adaptação às Alterações Climáticas, Lisboa E-Nova Online, 24/06/2016 110

76. Estratégias contra desertificação valem prémio, Diário de Aveiro, 23/06/2016 111

77. Estratégias contra desertificação valem prémio, Diário de Aveiro Online, 23/06/2016 112

78. UA participa em projeto europeu de qualidade, Correio do Vouga, 22/06/2016 113

79. Universidade de Aveiro distinguida pela investigação em estratégias contra a desertificação, Gazeta Rural Online, 22/06/2016 114

80. Green Savers - Universidade de Aveiro distinguida pela investigação em estratégias contra a desertificação, Green Savers Online, 22/06/2016 115

81. Universidade de Aveiro distinguida pela investigação em estratégias contra a desertificação., Rádio Terra Nova Online, 21/06/2016 116

82. Engenharia do Ambiente na UA: construir o desenvolvimento sustentável na prática, Diário de Aveiro, 06/06/2016 117

83. Bluebio Alliance celebra protocolos com sociedades de advogados - Jornal da Economia do Mar, Jornal da Economia do Mar Online, 03/06/2016 118

84. Nova Licenciatura em Geologia na Universidade de Aveiro: Uma formação para o desenvolvimento sustentável da sociedade, Público - Exlibris - Comunicação & Informação, 19/05/2016 119

85. UA colabora no Doutoramento em Gestão e Políticas Ambientais da Universidade de Cabo Verde, Universidade de Aveiro Online - Jornal Online, 17/05/2016 120

86. Aveiro debate "Uso Inteligente das Funções do Solo", AgroNegócios Online, 08/05/2016 122

87. Workshop "Contribuições do CESAM para o Uso Inteligente das Funções do Solo", Gazeta Rural Online, 05/05/2016 123

88. Investigadora da UA na direção da EURODOC, Notícias de Aveiro Online, 05/05/2016 124

89. Ambiente em 2015, RTP 2 - Biosfera, 23/04/2016 125

90. Investigadora da UA participa em estudo da Comissão Europeia sobre Áreas Marinhas Protegidas, Notícias de Aveiro Online, 22/04/2016 126

91. Biólogo da UA publica na Nature alerta para as espécies invasoras, Universidade de Aveiro Online - Jornal Online, 19/04/2016 127

92. David e Slavka voaram da UA... até aterrar na NASA, Diário de Aveiro, 06/04/2016 128

93. Universidade de Aveiro: Fátima Lopes Alves participa em estudo da Comissão Europeia sobre Áreas Marinhas Protegidas, Notícias de Aveiro Online, 22/03/2016 129

94. Green Savers - Estudo de investigadora portuguesa sobre sacarrabos faz capa da Mammalian Biology, Green Savers Online, 09/03/2016 130

95. Estudo da UA destacado na "Mammalian Biology", Região de Águeda Online, 09/03/2016 132

96. UA apresenta estudo sobre sacarrabos na Península., Rádio Terra Nova Online, 09/03/2016 134

97. Estudo da UA sobre sacarrabos na Península destacado na "Mammalian Biology", VerPortugal Online, 09/03/2016 136

98. Investigação não chega ao mar profundo de Portugal por falta de financiamento - Marina Cunha, investigadora da UA, Notícias de Aveiro Online, 03/03/2016 138

99. Veados: Montarias e stress fisiológico, Caça & Cães de Caça, 01/03/2016 139

100. A especiação dos morcegos noctilionoídeos do Novo Mundo, Região de Rio Maior Online, 20/02/2016 146

101. Estudo científico desenvolvido em Coruche revela que a cortiça retém carbono absorvido na atmosfera, Correio do Ribatejo Online, 16/02/2016 148

102. Estudo do CIIMAR recorre a técnicas não destrutivas para análise com percebes, Universidade do Porto Online - Notícias Universidade do Porto Online, 16/02/2016 149

103. Preservar a saúde dos solos, RTP 2 - Biosfera, 13/02/2016 150

104. Estudo científico desenvolvido em Coruche revela que a cortiça retém carbono absorvido na atmosfera, Correio do Ribatejo, 12/02/2016 151

105. Indústria da cortiça ajuda a atenuar as alterações climáticas, Emigrante - Mundo Português (O), 12/02/2016 152

106. Indústria da cortiça ajuda a atenuar alterações climáticas, Jornal N, 08/02/2016 154

107. UA dá formação técnica em Angola na área do ordenamento e gestão do mar, Notícias de Aveiro Online, 08/02/2016 155

108. Uma tonelada de cortiça anula 73 toneladas de dióxido de carbono, Ribatejo (O), 04/02/2016 156

109. Setor da cortiça "é um sumidouro de gases com efeito de estufa", Voz do Algarve Online (A), 04/02/2016 157

110. Universidade de Aveiro revela que a indústria da cortiça ajuda a atenuar alterações climáticas, AuriNegra Online, 02/02/2016 158

111. Por cada tonelada de cortiça, o montado retira duas de dióxido carbono da atmosfera, Correio da Beira Serra Online, 02/02/2016 159

112. "Zonas Húmidas para o nosso futuro: Meios de vida sustentáveis", Descla Online, 02/02/2016 160

113. Universidade de Aveiro revela que cortiça é reservatório de carbono, Jornal da Construção Online, 02/02/2016 161

114. Estudo científico revela que a cortiça retém carbono absorvido na atmosfera, Médio Tejo Online, 02/02/2016 162

115. Estudo revela que a cortiça retém carbono absorvido na atmosfera, Revista O Instalador Online, 02/02/2016 163

116. Setor da cortiça "é um sumidouro de gases com efeito de estufa", Vida Rural Online, 02/02/2016 164

117. Indústria da cortiça ajuda a atenuar alterações climáticas, Barlavento Online, 01/02/2016 165

118. Usar produtos de cortiça ajuda a atenuar alterações climáticas, Construir.pt Online, 01/02/2016 166

119. Cortiça ajuda a atenuar alterações climáticas - Dinheiro Vivo, Dinheiro Vivo Online, 01/02/2016 167

120. Estudo avalia a pegada de carbono do sector da cortiça em Portugal, Diário Digital Online, 01/02/2016 168

121. Universidade de Aveiro revela que a indústria da cortiça ajuda a atenuar alterações climáticas, Fórum Estudante Online, 01/02/2016 170

122. Estudo revela que a cortiça retém carbono absorvido na atmosfera, Notícias ao Minuto Online, 01/02/2016 172

123. Estudo científico revela que a cortiça retém carbono absorvido na atmosfera, RTP Online, 01/02/2016 173

124. Universidade de Aveiro revela que a indústria da cortiça ajuda a atenuar alterações climáticas., Rádio Terra Nova Online, 01/02/2016 174

125. Universidade de Aveiro revela que a indústria da cortiça ajuda a atenuar alterações climáticas, Universia Portugal Online - Universia News Portugal Online, 01/02/2016 175

126. Indústria da cortiça ajuda a atenuar alterações climáticas, VerPortugal Online, 01/02/2016 176

127. Setor da cortiça "é um sumidouro de gases com efeito de estufa", Vida Rural, 01/02/2016 177

128. Sobreiro é aliado de peso na luta contra alterações climáticas, Wilder Online, 01/02/2016 178

129. Quintas da Ria fala sobre turismo hoteleiro nas margens da ria., Rádio Terra Nova Online, 28/01/2016 179

130. Turismo hoteleiro nas margens da Ria em análise, Diário de Aveiro, 27/01/2016 180

131. Universidade de Aveiro avalia pegada de carbono da cortiça, Diário Agrário Online, 04/01/2016 181

132. Baixo Vouga em risco com as alterações climáticas, Correio do Vouga, 23/12/2015 182

133. Metodologias de avaliação integrada no âmbito de planos de melhoria da qualidade do ar em Portugal, Indústria e Ambiente, 01/11/2015 183

José ficou fascinado com a resistência desta ave

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 16/12/2016

Meio: Wilder Online

URL: http://www.wilder.pt/historias/jose-ficou-fascinado-com-a-resistencia-desta-ave/

Soubemos este mês que os maçaricos-galegos conseguem voar, sem parar, 5.500 quilómetros, numa viagem sobre o oceano entre a Islândia e a Guiné-Bissau. Quisemos saber mais sobre esta capacidade espantosa e falámos com um dos biólogos que fez a descoberta. José Alves, 37 anos, está fascinado por estas aves.

Podia ser apenas o título do filme realizado por José Fonseca e Costa em 1996, "Cinco dias, cinco noites". Mas não é. É também quanto tempo alguns maçaricos-galegos (Numenius phaeopus), aves de plumagem acastanhada e bico escuro fino e comprido, voaram sobre o Atlântico Norte, nas suas migrações entre a Islândia e a Guiné-Bissau. Não pararam, não planaram, não se alimentaram e não se hidrataram ao longo de 5.500 quilómetros, atingindo velocidades de 65 a 85 quilómetros/hora. Graças a geolocalizadores colocados em 10 aves em Junho de 2012 na Islândia, a equipa de José Alves, biólogo da Universidade de Aveiro, descobriu que dois machos e duas fêmeas desta espécie fizeram as suas viagens sem uma única paragem. Os resultados foram publicados num artigo na revista Scientific Report a 9 de Dezembro.

Wilder: José Alves é investigador no Departamento de Biologia e CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da Universidade de Aveiro. O que o faz trabalhar com aves?

José Alves: A minha motivação é o fascínio pelo desconhecido! As aves são capazes de proezas incríveis, que desconhecemos por completo. Gostava de poder descobrir outras façanhas antes que desapareçam.

W: Ficou surpreendido com o que descobriu sobre o maçarico-galego?

José Alves: Sim, foi algo inesperado. Porque para outras espécies do mesmo grupo - como o maçarico-de-bico-direito (Limosa limosa) e o borrelho-grande-de-coleira (Charadrius hiaticula), que voam entre a Islândia (onde se reproduzem) e o Sul da Península Ibérica ou África (onde passam o Inverno) - já tínhamos constatado que efectuam paragens migratórias, mesmo quanto têm a capacidade física para embarcar num voo directo.

José Alves com um maçarico-galego com um geolocalizador. Foto: Verónica Mendez

W: Por que são os maçaricos-galegos "recordistas" no mundo das aves?

José Alves: As aves limícolas são recordistas mundiais neste tipo de voos directos. O recorde absoluto é de uma outra ave que pertence a este grupo, o fuselo (Limosa lapponica), que voa sem parar entre o Alasca (onde de reproduz) e a Nova Zelândia (onde passa o Inverno). São voos que superam os 11.000 quilómetros! Contudo, nenhuma destas aves recordistas de longos voos faz a mesma rota nas duas migrações anuais se puderem seguir uma rota próxima da costa sem aumentar muito a distância de voo. A primeira ave a fazer dois voos sem parar nestas condições é o maçarico-galego!

W: Mas teria alternativa?

José Alves: Sim. Quanto está a regressar à Islândia poderia seguir uma rota mais continental sobre a

Europa e efectuar paragens migratórias. A verdade é que alguns indivíduos fazem isso mesmo, mas também há outros que voam de regresso novamente sem parar.

Paisagem da Islândia. Foto: Verónica Mendez

W: Qual é o "plano de viagens" do maçarico-galego?

José Alves: Os maçaricos-galegos deixam África no final de Abril e chegam à Islândia ainda em Abril (se voarem directamente) ou durante a primeira metade de Maio. As viagens de regresso são essenciais para que se possam reproduzir e passar os genes à geração seguinte. Por isso pensa-se que a maioria dos indivíduos é mais cautelosa na viagem de regresso. Caso encontrem condições adversas na sua chegada (por exemplo neve e gelo ainda a impedir o seu acesso aos recursos alimentares) ou fortes ventos contrários, arriscam a sua sobrevivência. A reprodução na Islândia costuma acontecer de Maio a Julho, em zonas húmidas costeiras e em vales de rios glaciares. Os machos chegam antes das fêmeas, para ocupar e defender o território. Depois, em Agosto, partem para África.

Maçaricos-galegos na Guiné-Bissau. Foto: José Alves

W: E passam por Portugal? Onde os podemos observar?

José Alves: Há maçaricos-galegos que invernam em Portugal, nos estuários do Tejo e do Sado e nas rias Formosa e de Aveiro. Podemos ver alguns indivíduos entre Setembro e Abril. Mas pensamos que, na sua maioria, provêm das populações que se reproduzem na Escandinávia e não da Islândia. É algo que ainda temos de confirmar.

W: Como se preparam estas aves para as migrações?

José Alves: As aves limícolas que fazem estes voos de longo curso alimentam-se abundantemente e engordam usando a gordura como fonte de energia durante os seus voos. Algumas aves podem chegar a ter cerca de 50% da sua massa corporal em gordura e algumas são tão pesadas que nem conseguem levantar voo, vendo-se forçadas a parar de se alimentar durante alguns dias para baixarem o peso e poderem embarcar nas suas grandes viagens.

Um bando de maçaricos-galegos em voo. Foto: Tómas Gunarsson

W: E durante as migrações, que estratégias podem utilizar para rentabilizar o esforço?

José Alves: O grande apoio (e risco) para estas aves é o vento. Com uma excepção, constatámos que todos os maçaricos-galegos partem com ventos favoráveis, tanto da Islândia como de África. Mas claro, não conseguem prever a direcção e força do vento a 4.000 quilómetros de distância e a três a quatro dias no futuro. Por isso podem encontrar ventos contrários nas suas rotas. Pensa-se que algumas aves terão a capacidade de reduzir a carga de ventos contrários alterando a sua altitude de voo e encontrando os ventos mais favoráveis, mas as evidências destas estratégias são ainda ténues.

W: Qual a importância destes resultados para o avanço da Ciência?

José Alves: Isto é Ciência fundamental! Por exemplo, permite perceber que há ligações e relações directas entre o Ártico e os trópicos. Alterações que ocorrem de forma mais célere no Ártico (por exemplo o aquecimento global) podem influenciar a dinâmica populacional drasticamente, mesmo que trabalhemos para conservacao e proteccao destas espécies durante o Inverno. Habitats do planeta que geograficamente são tão distantes estão, afinal, intimamente ligados!

Cria de maçarico-galego. Foto: Verónica Mendez

W: E para o futuro, o que falta saber?

José Alves: Há linhas potenciais de investigação abertas por estes trabalhos: como podem estas aves exercer exercício (quase) contínuo durante cinco (e mais) dias? Como é que os seus músculos são capazes de tal esforço e como metabolicamente se processa este mecanismo? De que forma resistem à desidratação e ausência de alimento? Que capacidades metabólicas (ou outras) têm para lidar com estas situações extremas?

W: No final, o que mais o fascinou nos maçaricos-galegos?

José Alves: A sua capacidade de orientação numa paisagem sem referências, como é o oceano, onde não podem parar para se alimentar e hidratar, ao contrário das aves marinhas. O voo directo de tantos quilómetros é também absolutamente fascinante! Pensar que voam dia e noite, à chuva ou com ventos contrários e não páram até chegar ao destino faz-nos sentir muito pequeninos quando nos queixamos de um voo "desconfortável" de duas horas.

José Alves conta-lhe por que Portugal é um palco do espectáculo mundial da migração das aves:

Portugal está no epicentro da rota migratória do Atlântico e é um pilar fundamental da ponte aérea entre o Norte da Europa e África, não só para as limícolas, mas também para patos, rapinas, planadoras, passariformes, etc.

Serve como local de invernada - nomeadamente nas zonas húmidas do Estuário do Tejo e do Sado, Ria de Aveiro e Formosa e outros pequenos estuários (como o Mondego e Minho) - e como importante local de paragem migratória, quase uma bomba de gasolina onde as aves podem abastecer e descansar.

A par de Doñana, na Andaluzia, o estuário do Tejo é uma das mais importantes zonas de invernada das aves limícolas no sul da Europa. No Estuário do Tejo podemos observar muito facilmente os pilritos-das-praias (Calidris alba) que se reproduzem na Gronelândia, as tarambolas-cinzentas (Pluvialis squatarola) que viajam até altas latitudes e os maçaricos-de-bico-direito (Limosa limosa) que se vão reproduzir à Islândia.

Para o maçarico-de-bico-direito, os arrozais entre Vila Franca de Xira e o Porto Alto (e em toda a envolvência do Tejo) são extremamente importantes não só para a invernada, mas para a sua passagem migratória. Aves de toda a Península Ibérica e de África (Senegal e Guiné-Bissau) concentram-se ali em Janeiro e Fevereiro antes de partirem para as zonas de reprodução no Norte da Europa, formando bandos de 20.000 a 30.000 indivíduos podendo, em alguns anos, atingir os 50.000. É um espectáculo mundial da migração que temos à nossa porta todos os anos.

Agora é a sua vez. Perguntámos a José Alves o que podemos fazer para ajudar as aves limícolas migradoras.

A melhor ajuda que cada um pode dar a estas aves que ligam o mundo é cuidar do planeta e permitir que a vida selvagem que temos à nossa porta possa permanecer. Por exemplo, os fuselos chegaram a ter concentrações de 80.000 a 90.000 aves naqueles mesmos locais. Mas essa população decresceu 75% nos últimos 50 anos, como alias é a tendência generalizada para as aves limícolas.

Share
facebook twitter google

pinterest linkedin

Fri, 16 Dec 2016 21:48:57 +0100

CISION

Diário de Aveiro

ID: 67155254

30-11-2016

Tiragem: 5550
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 7
Cores: Cor
Área: 15,97 x 18,20 cm²
Corte: 1 de 1

"Personal view" defende estudo mais profundo da terapia fotodinâmica

Saúde Investigadora da Universidade de Aveiro, Adelaide Almeida, é co-autora do artigo publicado no "The Lancet Infecious Diseases"

Adelaide Almeida, investigadora do CESAM e professora do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro (UA), que tem vindo a estudar métodos alternativos para inactivar microrganismos patogénicos, está entre os autores do artigo "Photoantimicrobials - are we afraid of the light?", publicado a 22 de Novembro no "The Lancet Infecious Diseases".

Neste artigo de opinião ("Personal view"), sete investigadores defendem a necessidade de estudar mais a fundo a terapia fotodinâmica como alternativa às terapias convencionais, perante a cada vez mais preocupante resistência de bactérias comuns aos antibióticos.

A terapia fotodinâmica já é usada em tratamentos oncológicos, assim como no tratamento de verrugas víricas, leishmaniose cutânea e acne e até na desinfecção de sangue. Há, no entanto, infecções localizadas que poderiam ser mais eficazes e rapidamente combatidas com a terapia fotodinâmica, que consiste na aplicação de substâncias fotossensíveis – por exemplo, porfirinas – que na presença de oxigénio e de luz produzem espécies reactivas de oxigénio (ROS) que inactivam microrganismos, defende Adelaide Almeida.

D.R.

Adelaide Almeida é professora na Universidade de Aveiro

Esta terapia actua sobre qualquer microrganismo, fungo, bactéria ou vírus, inactivando-os irreversivelmente. Estes microrganismos são mais sensíveis a este tipo de tratamento do que as células humanas, salienta a investigadora, acrescentando ainda que os estudos realizados até agora mostram que os microrganismos sujeitos a esta terapia não conseguem desenvolver resistência. Isso deve-se, explica, à actuação simultânea em diferentes estruturas dos microrganismos, o que não acontece com os métodos convencionais.

O artigo publicado no "The Lancet Infectious Diseases" alerta para a necessidade de aprofundar a investigação nesta área que tem, lamenta Adelaide Almeida, merecido pouca atenção das entidades financiadoras da ciência. O grupo de autores prepara uma candidatura, no âmbito das acções COST, para criação de uma rede internacional de investigação nesta área.

Esta terapia actua sobre qualquer microrganismo, fungo, bactéria ou vírus, inactivando-os irreversivelmente

"Personal view" defende estudo mais profundo da terapia fotodinâmica

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 30/11/2016

Meio: Diário de Aveiro Online

URL: http://www.diarioaveiro.pt/noticia/13025

Adelaide Almeida, investigadora do CESAM e professora do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro (UA), que tem vindo a estudar métodos alternativos para inactivar microrganismos patogénicos, está entre os autores do artigo "Photoantimicrobials - are we afraid of the light?", publicado a 22 de Novembro no "The Lancet Infecious Diseases".

Neste artigo de opinião ("Personal view"), sete investigadores defendem a necessidade de estudar mais a fundo a terapia fotodinâmica como alternativa às terapias convencionais, perante a cada vez mais preocupante resistência de bactérias comuns aos antibióticos.

Leia a notícia completa na edição em papel.

Investigadora da Universidade de Aveiro defende a necessidade de mais estudos sobre terapia fotodinâmica como alternativa às terapias convencionais

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 29/11/2016

Meio: Saúde Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=7302adf6

Imagem: Adelaide Almeida, investigadora do CESAM e professora do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro, tem vindo a estudar métodos alternativos para inativar microrganismos patogénicos

Em artigo publicado há dias no The Lancet Infecious Diseases, sete investigadores, entre os quais Adelaide Almeida, investigadora do CESAM e professora do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro defendem a necessidade de se estudar mais a fundo a terapia fotodinâmica como alternativa às terapias convencionais, perante a cada vez mais preocupante resistência de bactérias comuns aos antibióticos.

Intitulado "Photoantimicrobials-are we afraid of the light?", o artigo de opinião destaca o facto de a terapia fotodinâmica já ser usada em tratamentos oncológicos, assim como no tratamento de verrugas víricas, leishmaniose cutânea e acne e até na desinfeção de sangue. "Há, no entanto, infeções localizadas que poderiam ser mais eficaz e rapidamente combatidas com a terapia fotodinâmica, que consiste na aplicação de substâncias fotossensíveis - por exemplo, porfirinas - que na presença de oxigénio e de luz produzem espécies reativas de oxigénio (ROS) que inativam microrganismos", defende Adelaide Almeida, que tem vindo a estudar métodos alternativos para inativar microrganismos patogénicos.

Esta terapia atua sobre qualquer microrganismo, fungo, bactéria ou vírus, inativando-os irreversivelmente. Estes microrganismos são mais sensíveis a este tipo de tratamento do que as células humanas, salienta a investigadora, acrescentando ainda que os estudos realizados até agora mostram que os microrganismos sujeitos a esta terapia não conseguem desenvolver resistência. Isso deve-se, explica, à atuação simultânea em diferentes estruturas dos microrganismos, o que não acontece com os métodos convencionais.

O artigo publicado no The Lancet Infectious Diseases alerta para a necessidade de aprofundar a investigação nesta área que tem, lamenta Adelaide Almeida, merecido pouca atenção das entidades financiadoras da ciência.

O grupo de autores prepara uma candidatura, no âmbito das ações COST, para criação de uma rede internacional de investigação nesta área.

O texto integral do artigo pode ser acedido AQUI

Fonte: Universidade de Aveiro/SO

29 de Novembro de 2016

UA: "Personal view" no The Lancet Infecious Diseases defende estudo mais profundo da terapia fotodinâmica. Investigadora da UA é coautora do artigo publicado.

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/11/2016

Meio: Rádio Terra Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=9d0ed725

Adelaide Almeida, investigadora do CESAM e professora do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro, que tem vindo a estudar métodos alternativos para inativar microrganismos patogénicos, é um dos autores do artigo "Photoantimicrobials-are we afraid of the light?", publicado a 22 de novembro no The Lancet Infecious Diseases. Neste artigo de opinião ("personal view"), sete investigadores defendem a necessidade de estudar mais a fundo a terapia fotodinâmica como alternativa às terapias convencionais, perante a cada vez mais preocupante resistência de bactérias comuns aos antibióticos.

A terapia fotodinâmica já é usada em tratamentos oncológicos, assim como no tratamento de verrugas víricas, leishmaniose cutânea e acne e até na desinfeção de sangue. Há, no entanto, infeções localizadas que poderiam ser mais eficaz e rapidamente combatidas com a terapia fotodinâmica, que consiste na aplicação de substâncias fotossensíveis - por exemplo, porfirinas - que na presença de oxigénio e de luz produzem espécies reativas de oxigénio (ROS) que inativam microrganismos, defende Adelaide Almeida.

Esta terapia atua sobre qualquer microrganismo, fungo, bactéria ou vírus, inativando-os irreversivelmente. Estes microrganismos são mais sensíveis a este tipo de tratamento do que as células humanas, salienta a investigadora, acrescentando ainda que os estudos realizados até agora mostram que os microrganismos sujeitos a esta terapia não conseguem desenvolver resistência. Isso deve-se, explica, à atuação simultânea em diferentes estruturas dos microrganismos, o que não acontece com os métodos convencionais.

O artigo publicado no The Lancet Infectious Diseases alerta para a necessidade de aprofundar a investigação nesta área que tem, lamenta Adelaide Almeida, merecido pouca atenção das entidades financiadoras da ciência.

O grupo de autores prepara uma candidatura, no âmbito das ações COST, para criação de uma rede internacional de investigação nesta área.

2016-11-28 15:25

Novos projectos em debate em seminário de aquacultura - Jornal da Economia do Mar

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 07/11/2016

Meio: Jornal da Economia do Mar Online

URL: http://www.jornaldaeconomiadomar.com/10977-2/

Vários projectos candidatos ou em vias de se candidatarem a apoios financeiros no âmbito do Mar 2020 e relacionados com a aquicultura foram referidos no recente seminário sobre a actividade, promovido pela Associação Portuguesa de Aquacultores (APA), que decorreu em Setúbal, com a presença do secretário de Estado das Pescas, José Apolinário, elementos na Autoridade de Gestão MAR2020, investigadores e empresários.

Florbela Soares e Pedro Pousão, da Estação Piloto de Piscicultura de Olhão (EPPO) do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) mencionaram os projectos Saúde e Aqua, IB Bem Aqua e ZI Aqua, todos a candidatar pelo instituto, na sequência da sua intervenção sobre Parasitas Externos - Ocorrência, boas práticas e gestão de pisciculturas de tanques em terra. Os dois primeiros ao abrigo da Portaria 116/2016, de 29 de Abril, que aprova o Regulamento do Regime de Apoio à Promoção da Saúde e do Bem-estar Animal, e o último ao abrigo da Portaria 50/2016, de 23 de Março, que aprova o Regulamento do Regime de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura, nos Domínios da Inovação, do Aconselhamento e dos Investimentos Produtivos.

O Saúde e Aqua visa criar "um módulo laboratorial de apoio ao sector", conforme nos explicou Florbela Soares, destinado a ensaios controlados (parasitas, stress, efeitos das alterações climáticas, etc.) e a diagnósticos às espécies, por exemplo. Embora o IPMA já disponha de laboratórios, a mesma responsável esclareceu-nos que "esse laboratório tem que ser individualizado das estruturas do IPMA já existentes", para evitar contaminação.

O orçamento do projecto a candidatar "ainda não está completo", referiu a cientista, mas até ao final ao ano a proposta deve ser submetida e nessa altura certamente que o seu valor terá que estar estimado.

O IB Bem Aqua é um projecto de investigação para estabelecer os parâmetros sanguíneos em termos imunológicos das espécies produzidas em Portugal pela aquicultura. O orçamento também não está completo e Florbela Soares não sabe quando é que a candidatura será apresentada.

O ZI Aqua está relacionado com o Diversiaqua 2, que envolve a implementação de painéis fotovoltaicos para a aquacultura, e é dirigido a criar modelos de produção que possam dinamizar a actividade e ser transmitidos ao sector, em seu benefício. Não se conhece o orçamento e a candidatura ainda não está aberta. "Algo que deve suceder em Abril do próximo ano, pelo que só depois disso é que a proposta será submetida", referiu a mesma responsável.

José Lino Costa, do Centro de Ciências do Mar e do Ambiente (MARE) da Universidade de Lisboa, fez uma apresentação sobre o programa Crassosado - Estado actual da ostra portuguesa no Estuário do Sado, que decorreu entre Dezembro de 2014 e Março deste ano, sob coordenação do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), com o apoio do MARE, do IPMA e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro, e manifestou a intenção de continuar o projecto, através de um Crassosado 2.

"Numa primeira fase, com eventual apoio da Portucel", que já financiou o primeiro, mas também "com

recurso a financiamento do Mar 2020". O objectivo é identificar as necessidades dos ostricultores e aprofundar vários aspectos do primeiro projecto, como a distribuição espacial da estrutura populacional da ostra portuguesa, detalhar melhor os bancos e a estrutura populacional, fazer estimativas da fecundidade das espécies, refinar os testes de determinação da idade dos exemplares ou a criação de práticas de obtenção de ostras em meio natural para fins comerciais.

Alexandra Silva e Susana Rodrigues, do IPMA, dedicaram a sua intervenção ao tema do Fitoplâncton Tóxico - Monitorização nas zonas de produção de bivalve. A esse propósito, referiram que os dados sobre previsão da toxicidade dos bivalves irão ser apresentados de forma diferente da actual, ou seja, à semana, permitindo reagir melhor em termos de medidas de gestão e actuação, possivelmente a partir de Janeiro do próximo ano.

Laura Ribeiro e António Marques, também do IPMA, abordaram o tema Alterações Climáticas e Aquacultura: Riscos e Oportunidades, relacionando a produção aquícola com as alterações ambientais e os impactos sociais e económicos desta realidade

E mencionaram os projectos europeus nesta matéria, como o CERES (visando, com base no conhecimento, desenvolver instrumentos capazes de prevenir pescadores e aquacultores destes impactos, promovendo a sua adaptação face a futuras projecções climatéricas), já aprovado para beneficiar de financiamento no âmbito do programa Crescimento Azul, do Horizonte 2020. O IPMA, juntamente com a Sagremarisco, integra o consórcio internacional deste projecto, em curso desde Março e até 2020.

Francisca Félix, do Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental (CIIMAR) da Universidade do Porto, falou do projecto Inseafood: Formação profissional e códigos de boas práticas na produção de ostras. O projecto tem a duração de três anos, é financiado pelo programa Norte 2020, através do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), e é uma das linhas de investigação do projeto Innovmar - Innovation and Sustainability in the Management and Exploitation of Marine Resources.

Os seus objectivos são a valorização e a produção de produtos marinhos locais de elevado valor acrescentado e inovadores, como a ostra do Pacífico ou peixes ósseos (robalo), e a monitorização de populações de algas marinhas e ouriços-do-mar natural (ouriço do mar Europeu), como se refere no site da Universidade do Porto. Para isto, será importante validar resultados laboratoriais por via de experiências piloto em condições industriais, promover acções de formação profissional e elaborar um código de boas práticas (está a ser feito conforme os princípios da União Europeia, mas para aplicação de modo particular em cada empresa).

No âmbito das acções de formação será promovido o ensino à distância. "Será elaborado e certificado um curso de e-learning para responder à falta de mão-de-obra qualificada que existe no cultivo de ostras", esclareceu Francisca Félix. Já o código de boas práticas - em fase de correcção e revisão - visa instalar novas ostriculturas e melhorar as existentes, ao mesmo tempo que ajuda os produtores a cumprirem a legislação e a adoptarem medidas de manutenção e produção que garantam uma produção de qualidade. Depois da elaboração deste código, a concretizar em manuais, será implementada a plataforma de e-learning, que deverá estar operacional dentro de dois anos.

Igualmente presentes estiveram representantes da Autoridade de Gestão MAR2020. Luís Sousa apresentou a Portaria 113/2016, de 29 de Abril, que aprova o Regulamento do Regime de Apoio à Constituição de Seguros das Populações Aquícolas e Ricardo Segurado apresentou a já mencionada Portaria 116/20016 e a Portaria 111/2016, de 28 de Abril, que aprova o Regulamento do Regime de Apoio à Suspensão Temporária da Colheita de Moluscos Cultivados por Motivos de Saúde Pública.

Mon, 07 Nov 2016 01:05:06 +0100

Universidade de Aveiro capacita técnicos do Governo de Moçambique

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 07/10/2016

Meio: APLOP Online

URL: http://www.aplop.org/sartigo/index.php?x=33147

Docentes e investigadores do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO, Grupo de Instrumentos Ambientais) e do CESAM (Grupo de Planeamento e Gestão da Zona Costeira) e convidados externos da administração regional e nacional leccionaram no Curso Intensivo de "Formação e Capacitação em Ordenamento e Mapeamento do Espaço Marítimo e Costeiro: métodos e técnicas", sob a coordenação geral, técnica e científica de Fátima Lopes Alves.

Desenvolvido pelo DAO e com o apoio da UNAVE, este Curso Intensivo surgiu por solicitação da Administração Nacional das Pescas (ADNAP) e do Instituto Nacional de Investigação Pesqueira (INIP) do Ministério do Mar, Águas Interiores e Pescas, do Governo de Moçambique. A estes técnicos juntaram-se alunos do Programa Doutoral interuniversitário em Território, Riscos e Políticas Públicas (DAO/UA; CES/UC e IGOT/UL) oriundos de Angola e Brasil.

Data: 2016-10-07

Universidade de Aveiro: DAO capacita técnicos do Governo de Moçambique

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 05/10/2016

Meio: Notícias de Aveiro Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=f9c42e56

Docentes e investigadores do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO, Grupo de Instrumentos Ambientais) e do CESAM (Grupo de Planeamento e Gestão da Zona Costeira) e convidados externos da administração regional e nacional estarão a lecionar no Curso Intensivo de "Formação e Capacitação em Ordenamento e Mapeamento do Espaço Marítimo e Costeiro: métodos e técnicas", sob a coordenação geral, técnica e científica, da Prof.ª Doutora Fátima Lopes Alves.

Desenvolvido pelo DAO e com o apoio da UNAVE, este Curso Intensivo surge por solicitação da Administração Nacional das Pescas (ADNAP) e do Instituto Nacional de Investigação Pesqueira (INIP) do Ministério do Mar, Águas Interiores e Pescas, do Governo de Moçambique. A estes técnicos juntam-se alunos do Programa Doutoral interuniversitário em Território, Riscos e Políticas Públicas (DAO/UA; CES/UC e IGOT/UL) oriundos de Angola e Brasil (ler artigo).

CISION

Diário de Aveiro

ID: 66291890

30-09-2016

Tiragem: 5550
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 15
Cores: Cor
Área: 4,10 x 13,11 cm²
Corte: 1 de 1

Estudo mostra alterações na vegetação do Baixo Vouga

Uma equipa coordenada pela investigadora Ana Sousa, e constituída por membros do Departamento de Biologia e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e ainda do Instituto de Ambiente e Desenvolvimento (IDAD) apresentou, ontem, em Estarreja, um estudo sobre as alterações nos sapais do Baixo Vouga Lagunar.

O projecto de investigação da Universidade de Aveiro analisou as possíveis alterações na vegetação dos sapais do Baixo Vouga Lagunar, com o objectivo de determinar a sua capacidade de armazenamento de carbono, um serviço do ecossistema, tendo percebido que a existência deste tipo de vegetação "tem sofrido transformações e degradação devido a diversas causas e pressões, como os efeitos das alterações climáticas globais".

CISION

Diário de Aveiro

ID: 66275852

29-09-2016

Tiragem: 5550
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 17
Cores: Cor
Área: 8,74 x 13,08 cm²
Corte: 1 de 1

Sapais do Baixo Vouga "têm sofrido degradação"

D.R.

ESTARREJA Os sapais do Baixo Vouga Lagunar "têm sofrido transformações ou degradação devido a diversas forças motrizes e pressões, como os efeitos das alterações climáticas globais. Consequentemente, a sua sustentabilidade e capacidade de armazenamento de carbono poderá estar ameaçada", segundo o comunicado da Universidade de Aveiro, remetendo para hoje, em Estarreja, a resposta a três perguntas.

As respostas serão dadas numa sessão marcada para as 14.30 horas, na Biblioteca Municipal, durante a apresentação das conclusões no seminário final do projecto, pela equipa coordenada pela investigadora Ana Sousa, que foi constituída por membros do Departamento de Biologia e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e, ainda, do Instituto de Ambiente e Desenvolvimento (IDAD).

A importância deste ecossistema deve-se ao facto de garantir a "regulação e manutenção de áreas costeiras".

A equipa de investigação propõe-se apresentar respostas às perguntas: "Que alterações houve nos sapais do Baixo Vouga Lagunar (incluindo juncal e caniçal) na última década? Qual a importância dos sapais como sumidouro de carbono? O armazenamento de carbono nos sapais do Baixo Vouga Lagunar será afectado pela subida do nível do mar?".

Os sapais do Baixo Vouga "têm sofrido transformações ou degradação"

Tipo Meio: Internet **Data Publicação:** 29/09/2016

Meio: Diário de Aveiro Online

URL: http://www.diarioaveiro.pt/noticia/10745

Os sapais do Baixo Vouga Lagunar "têm sofrido transformações ou degradação devido a diversas forças motrizes e pressões, como os efeitos das alterações climáticas globais. Consequentemente, a sua sustentabilidade e capacidade de armazenamento de carbono poderá estar ameaçada", segundo o comunicado da Universidade remetendo para hoje, em Estarreja a resposta a três perguntas. As respostas serão dadas numa sessão marcada para as 14.30 horas, na Biblioteca Municipal , durante a a apresentação das conclusões no seminário final do projeto, pela equipa coordenada pela investigadora Ana Sousa, foi constituída por membros do Departamento de Biologia e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e ainda do Instituto de Ambiente e Desenvolvimento (IDAD).

Leia a notícia completa na edição em papel.

Subida do mar pode afectar função dos sapais no Baixo Vouga

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/09/2016

Meio: Notícias de Aveiro Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=41c9ca50

Equipa de investigadores da Universidade de Aveiro apresenta conclusões de um ano de estudos.

Os sapais do Baixo Vouga Lagunar serão, provavelmente, afetados pela subida do nível do mar. E, como tal, os serviços prestados por estes ecossistemas serão igualmente afetados.

Cenários traçados por investigadores da Universidade de Aveiro (UA) no âmbito do projeto Marsh-C-Level, que foi executado durante o último ano.

A equipa Departamento de Biologia e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Instituto de Ambiente e Desenvolvimento (IDAD) quis aprofundar o conhecimento sobre o papel dos sapais da Ria de Aveiro no armazenamento de carbono como serviço do ecossistema e os efeitos da subida do nível do mar.

As conclusões retirada da investigação coordenada por Ana Sousa são apresentadas esta quinta-feira, na biblioteca municipal de Estarreja, a partir das 14:30.

Os investigadores procuraram conhecer as alterações nos sapais do Baixo Vouga Lagunar durante a última década, a importância destas zonas parcialmente alagadas como "sumidouro de carbono" e qual poderá ser o impacto neste último aspeto da subida do nível do mar.

Em nota de imprensa, a UA relembra que os sapais constituem um dos ecossistemas mais produtivos e prestam serviços importantes, nomeadamente regulação e manutenção de áreas costeiras.

Para além disso, ao atuarem como filtros costeiros, possuem ainda um papel relevante no armazenamento de carbono, contribuindo para a regulação do clima a nível local e global.

"Todavia, estes habitats têm sofrido transformações ou degradação devido a diversas pressões, como os efeitos das alterações climáticas globais. Consequentemente, a sua sustentabilidade e capacidade de armazenamento de carbono poderá estar ameaçada", refere a UA.

UA analisa alterações nos sapais do Baixo Vouga Lagunar

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 27/09/2016

Meio: VerPortugal Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=a092743c

Que alterações houve nos sapais do Baixo Vouga Lagunar (incluindo juncal e caniçal) na última década? Qual a importância dos sapais como sumidouro de carbono? O armazenamento de carbono nestes sapais será afetado pela subida do nível do mar? Estas são as perguntas às quais um projeto da Universidade de Aveiro procurou responder. As conclusões deste projeto, designado "MARSH-C-LEVEL- Papel dos sapais do Baixo Vouga Lagunar (BVL) no armazenamento de carbono como serviço do ecossistema: Efeitos da subida do nível do mar", são apresentadas a 29 de setembro, às 14h30, na Biblioteca Municipal de Estarreja

Os sapais constituem um dos ecossistemas mais produtivos e prestam serviços importantes, nomeadamente regulação e manutenção de áreas costeiras. Atuando como filtros costeiros, os sapais possuem um papel importante no armazenamento de carbono, contribuindo para a regulação do clima a nível local e global. Todavia, estes habitats têm sofrido transformações ou degradação devido a diversas pressões, como os efeitos das alterações climáticas globais. Consequentemente, a sua sustentabilidade e capacidade de armazenamento de carbono poderá estar ameaçada.

Neste sentido, os sapais do BVL, parte significativa da Ria de Aveiro, serão provavelmente afetados pela subida do nível do mar. Como tal, os serviços prestados por estes ecossistemas serão igualmente afetados.

Assim, os objetivos principais deste projeto foram analisar possíveis alterações na vegetação destes sapais e determinar a sua capacidade de armazenamento de carbono, um serviço do ecossistema.

A equipa do projeto, coordenada pela investigadora Ana Sousa, foi constituída por membros do Departamento de Biologia e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e ainda do Instituto de Ambiente e Desenvolvimento (IDAD). Mais informações acerca do projeto em: http://www.cesam.ua.pt/index.php?menu=95&tabela=projectosdetail&projectid=648&language=pt

27 Setembro 2016 |por VerPortugal

CISION

Diário de Aveiro

ID: 66212202

24-09-2016

Tiragem: 5550
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 18
Cores: Preto e Branco
Área: 4,59 x 13,27 cm²
Corte: 1 de 1

Alterações nos sapais do Baixo Vouga

As conclusões do projecto "MARSH-C-LEVEL - Papel dos sapais do Baixo Vouga Lagunar no armazenamento de carbono como serviço do ecossistema: Efeitos da subida do nível do mar", que avaliou o impacto da subida do nível do mar na última década, são apresentadas no dia 29, às 14.30 horas, na Biblioteca Municipal de Estarreja.

Os objectivos principais do projecto foram analisar possíveis alterações na vegetação dos sapais do Baixo Vouga Lagunar e determinar a sua capacidade de armazenamento de carbono, um serviço do ecossistema.

A equipa de investigadores, coordenada pela investigadora Ana Sousa, foi constituída por membros do Departamento de Biologia e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e, ainda, do Instituto de Ambiente e Desenvolvimento (IDAD) da Universidade de Aveiro.

Projecto da Universidade de Aveiro estudou alterações nos sapais do Baixo Vouga Lagunar

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	19/09/2016
Meio:	Rádio Voz da Ria Online	Autores:	Mário Rui

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=fa7cd21e

setembro 17, 2016

Conclusões serão apresentadas no dia 29 de Setembro, na Biblioteca Municipal de Estarreja

Que alterações houve nos sapais do Baixo Vouga Lagunar (incluindo juncal e caniçal) na última década?

Qual a importância dos sapais como sumidouro de carbono? O armazenamento de carbono nos sapais do Baixo Vouga Lagunar será afectado pela subida do nível do mar?

Estas são as perguntas fundamentais às quais o projecto "MARSH-C-LEVEL - Papel dos sapais do Baixo Vouga Lagunar no armazenamento de carbono como serviço do ecossistema: Efeitos da subida do nível do mar" procurou responder.

As conclusões serão apresentadas no seminário final do projecto, a 29 de Setembro, às 14h30, na Biblioteca Municipal de Estarreja.

Os sapais constituem um dos ecossistemas mais produtivos e prestam serviços importantes, nomeadamente regulação e manutenção de áreas costeiras.

Actuando como filtros costeiros, os sapais possuem um papel importante no armazenamento de carbono, contribuindo para a regulação do clima a nível local e global.

Todavia, estes habitats têm sofrido transformações ou degradação devido a diversas forças motrizes e pressões, como os efeitos das alterações climáticas globais.

Consequentemente, a sua sustentabilidade e capacidade de armazenamento de carbono poderá estar ameaçada.

Neste sentido, os sapais do Baixo Vouga Lagunar (BVL), parte significativa da Ria de Aveiro, serão provavelmente afectados pela subida do nível do mar. Como tal, os serviços prestados por estes ecossistemas serão igualmente afectados.

Assim, os objectivos principais deste projecto foram analisar possíveis alterações na vegetação dos sapais do Baixo Vouga Lagunar e determinar a sua capacidade de armazenamento de carbono, um serviço do ecossistema.

A equipa do projecto, coordenada pela investigadora Ana Sousa, foi constituída por membros do Departamento de Biologia e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e ainda do Instituto de Ambiente e Desenvolvimento (IDAD).

Mais informações acerca do projecto em:

http://www.cesam.ua.pt/index.php?menu=95&tabela=projectosdetail&projectid=648&language=pt

Mário Rui

CISION

Diário de Aveiro

ID: 65880626

31-08-2016

Tiragem: 5550
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 3
Cores: Preto e Branco
Área: 26,17 x 27,09 cm²
Corte: 1 de 2

Aquicultura: medidas para acabar com "via sacra" dos licenciamentos

Desburocratização Ministra do Mar veio a Aveiro anunciar um pacote de medidas para ajudar o sector da Aquicultura a crescer. Se for aprovado na AR, deverá entrar em vigor a 1 de Janeiro de 2017

Sandra Simões

FOTOS: RICARDO CARVALHAL

Ribau Esteves apelou à regularização do território, para que a sua gestão seja mais eficiente

Ana Paula Vitorino, acompanhada por uma forte comitiva de governantes, escolheu Aveiro para anunciar o projecto "Aquicultura +", que reúne um conjunto de medidas que querem transformar este num "sector mais competitivo, mais simples e mais sustentável".

Considerando que o mercado de produtos do mar da União Europeia é abastecido apenas em 25 por cento pela pesca interna e em 10 por cento pela Aquicultura europeia, sendo que 65 por cento do consumo é assegurado por importações de fora da UE, a ministra considera estarmos perante "um mar de boas oportunidades de negócio, que não deve ser desperdiçado". Para isso, o actual Governo quer dar uma resposta eficaz" aos inúmeros projectos do sector, com o objectivo de acelerar a sua implementação através da simplificação de procedimentos, passando o tempo médio de licenciamento de três anos para três meses", metade do praticado na Noruega, "tantas vezes apontado como país de referência no sector das pescas".

E para ajudar a dar este "empurrão" na Aquicultura, os empresários podem contar com 78 milhões de euros a fundo perdido, resultantes de fundos comunitários e nacionais, prontos a cofinanciar novos projectos de aquicultura.

"Precisamos de novos projectos competitivos e inovadores" e aqui, avançou Ana Paula Vitorino, as start-up's e os centros de investigação universitários e tecnológicos podem ter um papel preponderante, transferindo o conhecimento científico para a actividade económica.

Partindo de uma base em que existem apenas 1.547 estabelecimentos produtivos, sendo que apenas 13 têm produção anual acima das 100 toneladas, e que são 2.572 os postos de trabalho directos (sendo que apenas cinco empresas têm mais de dez trabalhadores), Ana Paula Vitorino reconhece que existe "um problema de dimensão". Para isso, são necessárias intervenções em três áreas consideradas estruturantes: melhorar o licenciamento, assegurar possibilidades de financiamento e fornecer um guião, em termos de ordenamento do território, que indique aos potenciais interessados as áreas que já estão identificadas como adequadas para esta indústria.

A sessão, aberta por Ribau Esteves, presidente da Câmara de Aveiro, contou ainda com a intervenção de Fernando Gonçalves, da Associação de Aquacultores, que reconheceu que a pesada burocracia tem "matado" projectos antes de nascerem e aproveitou para apelar a todos os presentes para serem porta vozes de "publicidade positiva" da Aquicultura, comprovadamente de boa qualidade, ainda que "resista algum preconceito", lamentou.

A ministra da Presidência, Maria Manuela Leitão Marques, aproveitou para reforçar a importância de uma "boa colaboração entre a administração central e a local, essencial para a agilização dos processos", reforçando a ideia de que todo o novo regime (ver caixa) foi "desenhado para a redução de prazos, numa lógica simplex". Celeridade e simplicidade são "chaves mestras do processo", mas sem facilitismos e com total transparência", ressalvou a ministra.

Criada figura do Gestor para acompanhar todo o processo

Com o novo regime o processo de licenciamento passa a ser realizado de forma electrónica, através do Balcão do Empreendedor, sendo criada a figura do Gestor, o qual é responsável pela direcção e acompanhamento de todo o procedimento, "libertando o empreendedor da via-sacra de percorrer múltiplas entidades", avançou a Ministra do Mar. E prosseguiu, "será criado um regime de licenciamento mais simples e célere, designado por Licenciamento Azul. Este terá uma fase de candidaturas para áreas de produção a abrir por iniciativa do Estado, o qual atribui uma licença que poderá chegar aos 50 anos".

marxxi.pt

Números

1.547
Estabelecimentos licenciados em Portugal.

48%
Da produção nacional é de peixes de água salgada.

2.572
Postos de trabalho em pequenos estabelecimentos.

78,6
Milhões de euros de apoio público ao investimento.

Testes da UA identificam origem de peixes e bivalves

Uma equipa de biólogos da Universidade de Aveiro (UA) desenvolveu um teste que permite determinar a proveniência do peixe criado em aquicultura, através de uma análise microbiológica ao muco do peixe, o que irá permitir aos aquicultores certificarem o seu produto.

"O nosso teste permite não só ao produtor, de uma forma inequívoca, garantir que o produto é seu mas também denunciar o uso abusivo daqueles que dizem que o seu peixe é orgânico", explicou Ricardo Calado, biólogo da UA e coordenador do projecto de investigação sobre rastreabilidade das espécies da Ria de Aveiro, ontem apresentado à ministra do Mar, Ana Paula Vitorino, que se deslocou a Aveiro para o lançamento do novo regime "Aquicultura+".

O teste desenvolvido no Departamento de Biologia (DBIO) e no Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro, permite saber com exactidão, de que aquicultura é originário o peixe colocado nos circuitos de comercialização.

Segundo explicou Ricardo Calado, "a técnica de biologia molecular analisa uma espécie de 'código de barras' natural, que são os microrganismos que cobrem o muco do peixe", sendo esse código desenvolvido em função do ambiente em que o peixe cresceu, pelo que é único e inalterável.

O método de identificação da proveniência do peixe é simples e não afecta o aspecto com que o produto chega ao mercado.

Os testes de rastreabilidade foram desenvolvidos no âmbito do projeto RASTREMAR, financiado pelo Programa Operacional das Pescas PROMAR, do anterior Quadro Comunitário de Apoio.

CISION

Diário de Aveiro

ID: 65880626

31-08-2016

Tiragem: 5550
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 18,71 x 12,84 cm²
Corte: 2 de 2

RICARDO CARVALHAL

Burocracia drasticamente reduzida na Aquicultura

Ministra do Mar anunciou medidas de simplificação para um sector que conta com o apoio de 79 Milhões **Página 3**

CISION

Diário de Coimbra

ID: 65883224

31-08-2016

Tiragem: 8585
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 15
Cores: Preto e Branco
Área: 18,16 x 8,67 cm²
Corte: 1 de 1

Testes identificam origem de peixes e bivalves

UA Uma equipa de biólogos da Universidade de Aveiro (UA) desenvolveu um teste que permite determinar a proveniência do peixe criado em aquicultura, através de uma análise microbiológica ao muco do peixe, o que irá permitir aos aquicultores certificarem o seu produto. «O nosso teste permite não só ao produtor, de uma forma inequívoca, garantir que o produto é seu mas também denunciar o uso abusivo daqueles que dizem que o seu peixe é orgânico», explicou Ricardo Calado, biólogo da UA e coordenador do projecto de investigação sobre rastreabilidade das espécies da Ria de Aveiro, ontem apresentado à ministra do Mar, que se deslocou a Aveiro para o lançamento do novo regime "Aquicultura+".

O teste desenvolvido no Departamento de Biologia (DBIO) e no Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro, permite saber com exactidão, de que aquicultura é originário o peixe colocado nos circuitos de comercialização.

Segundo explicou Ricardo Calado, «a técnica de biologia molecular analisa uma espécie de 'código de barras' natural, que são os microrganismos que cobrem o muco do peixe», sendo esse código desenvolvido em função do ambiente em que o peixe cresceu, pelo que é único e inalterável.

O método de identificação da proveniência do peixe é simples e não afecta o aspecto com que o produto chega ao mercado.

Os testes de rastreabilidade foram desenvolvidos no âmbito do projeto RASTREMAR, financiado pelo Programa Operacional das Pescas PROMAR, do anterior Quadro Comunitário de Apoio.

Testes da Universidade de Aveiro identificam origem de peixes e bivalves

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 31/08/2016

Meio: Tech ITT Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=188aa4cc

O teste foi desenvolvido no Departamento de Biologia e no Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da Universidade de Aveiro

Por Lusa

Um "código de barras" genético pode identificar a origem do peixe e marisco, através de testes que a Universidade de Aveiro desenvolveu e que foram apresentados à ministra do Mar.

Uma equipa de biólogos da Universidade de Aveiro (UA) desenvolveu um teste que permite determinar a proveniência do peixe criado em aquicultura, através de uma análise microbiológica ao muco do peixe, o que irá permitir aos aquicultores certificarem o seu produto.

"O nosso teste permite não só ao produtor, de uma forma inequívoca, garantir que o produto é seu mas também denunciar o uso abusivo daqueles que dizem que o seu peixe é orgânico", explicou Ricardo Calado, biólogo da UA e coordenador do projeto de investigação sobre rastreabilidade das espécies da Ria de Aveiro, hoje apresentado à ministra do Mar, Ana Paula Vitorino, que se deslocou a Aveiro para o lançamento do novo regime "Aquicultura+".

O teste desenvolvido no Departamento de Biologia (DBIO) e no Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro, permite saber com exatidão, de que aquicultura é originário o peixe colocado nos circuitos de comercialização.

Segundo explicou Ricardo Calado, "a técnica de biologia molecular analisa uma espécie de 'código de barras' natural, que são os microrganismos que cobrem o muco do peixe", sendo esse código desenvolvido em função do ambiente em que o peixe cresceu, pelo que é único e inalterável.

O método de identificação da proveniência do peixe é simples e não afeta o aspeto com que o produto chega ao mercado.

"Recolhemos uma amostra mínima de muco do peixe e analisamos o DNA do microrganismos presentes. Posteriormente, a partir do DNA bacteriano conseguimos saber qual o perfil da comunidade bacteriana, ou seja, como é constituída essa comunidade e a qual piscicultura corresponde", descreveu também a bióloga Tânia Pimentel.

Já quanto aos testes para certificar a proveniência de bivalves o método difere, por se tratar de moluscos produzidos na Ria e não em tanques, sendo feita a classificação da qualidade microbiológica da água em diferentes regiões lagunares.

Para além do teste de microbiologia molecular utilizado nos peixes, são analisados os elementos químicos constituintes da concha e é delineado o perfil dos ácidos gordos presentes no bivalve.

"Um berbigão do canal de Mira [Ria de Aveiro] tem uma assinatura geoquímica e bioquímica que é distinta de um apanhado no canal de Ovar [igualmente situado na laguna aveirense]. Uma ameijoa da

Ria de Aveiro tem uma assinatura diferente de uma ameijoa do Estuário do Tejo ou da Ria Formosa", afirma Ricardo Calado.

Um dos interesses nos testes desenvolvidos pela Universidade de Aveiro está na fiscalização, já que por vezes são detetados no mercado bivalves apanhados em zonas onde a captura está proibida, colocando em perigo a saúde pública.

Os testes de rastreabilidade foram desenvolvidos no âmbito do projeto RASTREMAR, financiado pelo Programa Operacional das Pescas PROMAR, do anterior Quadro Comunitário de Apoio.

Tech ITT: Natureza

Autor: José Rodrigues

2016-08-31T14:30:18+00:00

CISION

ID: 65795482

Público

24-08-2016

Tiragem: 33293
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 13
Cores: Cor
Área: 10,54 x 30,26 cm²
Corte: 1 de 1

Há golfinhos à vista no Norte mas não vieram para ficar

Costa
Liliana Borges

Durante esta semana, alguns banhistas partilharam imagens do grupo de golfinhos a passear na costa

Os banhistas do distrito do Porto têm procurado mais do que um mergulho no horizonte marítimo durante os últimos dias. No início desta semana começaram a circular algumas fotografias e vídeos nas redes sociais que mostram um grupo de golfinhos a passar a uma distância muito próxima da costa. Mas estamos perante um fenómeno de novos inquilinos no litoral norte do país? Para já ainda não existem elementos que o sustentem, apesar de várias pessoas se mostrarem surpreendidas pelo fenómeno.

Os testemunhos chegam de alguns comerciantes locais, como é o caso de Nuno Gonçalves, da escola de surf Litoral de Vila do Conde, e que relata um aumento de avistamentos face a anos anteriores.

Ao PÚBLICO, Nuno Sequeira, biólogo e dirigente da Quercus, conta que se trata de um grupo de golfinhos-roazes (*Tursiops truncatus*), da mesma subespécie residente no estuário do Sado, com cerca de dez indivíduos. No entanto, apesar dos relatos entusiasmados dos banhistas nas redes sociais, Catarina Eira, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro, disse ao PÚBLICO que não existem dados que sustentem que se trata de uma situação "fora do comum".

Para a investigadora, as aproximações estão ligadas ao ciclo de vida dos animais, uma vez que foram avistadas algumas crias no grupo e "é mais fácil que os grupos sigam as suas presas para zonas mais próximas da costa". "Estes animais deslocam-se centenas de quilómetros num dia só e por isso não os podemos associar a pontos tão específicos da costa", acrescenta. "Um animal que está aqui agora pode estar na Galiza daqui a duas horas", exemplifica.

No entanto, este avistamento não deixa de ser "um bom sinal", considera, Nuno Sequeira. Para o biólogo, o fenómeno "mostra que estamos no bom caminho no trabalho dedicado à qualidade do ambiente marítimo".

Nuno Sequeira confessa esperar que "estes avistamentos se tornam mais vulgares", vendo benefícios na promoção da zona como uma zona de excelência ecológica. O biólogo sublinha no entanto a necessidade de pensar sobre regulamentações que protejam os grupos de golfinhos, caso a sua presença se venha a confirmar mais frequente, de forma a os proteger de situações de pesca acidental ou afectação através da navegação marítima, por exemplo, e para que se evite o seu desaparecimento por perturbação.

A bióloga admite um possível aumento do alimento disponível nas águas entre Leça da Palmeira e Vila do Conde, por exemplo. Não obstante, a investigadora destaca que, para se conseguir assumir que existe uma alteração no comportamento destes animais e da sua relação com a qualidade do ambiente marítimo, é necessário "mais tempo" e analisar primeiro os comportamentos dos crustáceos e não "dos grandes predadores", onde se inserem estes mamíferos.

À Lusa, o comandante da Zona Marítima do Norte, Teixeira Pereira, concordou com a normalidade do fenómeno e reconheceu não haver um registo dos avistamentos, excepto quando envolvem acidentes ou quando os animais dão à costa. O oficial afirmou também que as condições do mar no Norte têm estado "muito favoráveis, com pouca agitação marítima", o que faz com que seja "mais visível os animais virem à tona".

Também Catarina Eira elogiou a atitude da população, que se manteve afastada e não interferiu com a passagem dos golfinhos, que se tornaram, por estes dias, uma atracção em várias praias.

Golfinhos-roazes têm sido vistos em várias praias

CISION

Público Porto

ID: 65795564

24-08-2016

Tiragem: 33293
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 13
Cores: Cor
Área: 10,48 x 30,19 cm²
Corte: 1 de 1

Há golfinhos à vista no Norte mas não vieram para ficar

Costa
Liliana Borges

Durante esta semana, alguns banhistas partilharam imagens do grupo de golfinhos a passear na costa

Os banhistas do distrito do Porto têm procurado mais do que um mergulho no horizonte marítimo durante os últimos dias. No início desta semana começaram a circular algumas fotografias e vídeos nas redes sociais que mostram um grupo de golfinhos a passar a uma distância muito próxima da costa. Mas estamos perante um fenómeno de novos inquilinos no litoral norte do país? Para já ainda não existem elementos que o sustentem, apesar de várias pessoas se mostrarem surpreendidas pelo fenómeno.

Os testemunhos chegam de alguns comerciantes locais, como é o caso de Nuno Gonçalves, da escola de surf Litoral de Vila do Conde, e que relata um aumento de avistamentos face a anos anteriores.

Ao PÚBLICO, Nuno Sequeira, biólogo e dirigente da Quercus, conta que se trata de um grupo de golfinhos-roazes (*Tursiops truncatus*), da mesma subespécie residente no estuário do Sado, com cerca de dez indivíduos. No entanto, apesar dos relatos entusiasmados dos banhistas nas redes sociais, Catarina Eira, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro, disse ao PÚBLICO que não existem dados que sustentem que se trata de uma situação "fora do comum".

Para a investigadora, as aproximações estão ligadas ao ciclo de vida dos animais, uma vez que foram avistadas algumas crias no grupo e "é mais fácil que os grupos sigam as suas presas para zonas mais próximas da costa". "Estes animais deslocam-se centenas de quilómetros num dia só e por isso não os podemos associar a pontos tão específicos da costa", acrescenta. "Um animal que está aqui agora pode estar na Galiza daqui a duas horas", exemplifica.

No entanto, este avistamento não deixa de ser "um bom sinal", considera, Nuno Sequeira. Para o biólogo, o fenómeno "mostra que estamos no bom caminho no trabalho dedicado à qualidade do ambiente marítimo".

Nuno Sequeira confessa esperar que "estes avistamentos se tornam mais vulgares", vendo benefícios na promoção da zona como uma zona de excelência ecológica. O biólogo sublinha no entanto a necessidade de pensar sobre regulamentações que protejam os grupos de golfinhos, caso a sua presença se venha a confirmar mais frequente, de forma a os proteger de situações de pesca acidental ou afectação através da navegação marítima, por exemplo, e para que se evite o seu desaparecimento por perturbação.

A bióloga admite um possível aumento do alimento disponível nas águas entre Leça da Palmeira e Vila do Conde, por exemplo. Não obstante, a investigadora destaca que, para se conseguir assumir que existe uma alteração no comportamento destes animais e da sua relação com a qualidade do ambiente marítimo, é necessário "mais tempo" e analisar primeiro os comportamentos dos crustáceos e não "dos grandes predadores", onde se inserem estes mamíferos.

À Lusa, o comandante da Zona Marítima do Norte, Teixeira Pereira, concordou com a normalidade do fenómeno e reconheceu não haver um registo dos avistamentos, excepto quando envolvem acidentes ou quando os animais dão à costa. O oficial afirmou também que as condições do mar no Norte têm estado "muito favoráveis, com pouca agitação marítima", o que faz com que seja "mais visível os animais virem à tona".

Também Catarina Eira elogiou a atitude da população, que se manteve afastada e não interferiu com a passagem dos golfinhos, que se tornaram, por estes dias, uma atracção em várias praias.

Golfinhos-roazes têm sido vistos em várias praias

Há golfinhos à vista no Norte, mas não vieram para ficar

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 24/08/2016

Meio: Público Online - P3 Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=1e688c80

Ambiente

Há golfinhos à vista no Norte, mas não vieram para ficar

Durante esta semana, alguns banhistas partilharam imagens de golfinhos a passear na costa de praias do Norte do país. No entanto, as autoridades e especialistas dizem que o fenómeno é normal

Texto de

Liliana Borges .

24/08/2016 - 11:03

Distribuir

Imprimir

//

A

A

Os banhistas do distrito do Porto têm procurado mais do que um mergulho no horizonte marítimo durante os últimos dias. No início desta semana começaram a circular algumas fotografias e vídeos nas redes sociais que mostram um grupo de golfinhos a passar a uma distância muito próxima da costa. Mas estamos perante um fenómeno de novos inquilinos no litoral Norte do país? Para já ainda não existem elementos que o sustentem, apesar de várias pessoas se mostrarem surpreendidas pelo fenómeno.

Os testemunhos chegam de alguns comerciantes locais, como é o caso de Nuno Gonçalves, da escola de surf Litoral de Vila do Conde, e que relata um aumento de avistamentos face a anos anteriores.

Ao PÚBLICO, Nuno Sequeira, biólogo e dirigente da Quercus, conta que se trata de um grupo de golfinhos-roazes (Tursiops truncatus), da mesma sub-espécie residente no estuário do Sado, com cerca de dez indivíduos.

No entanto, apesar dos relatos entusiasmados dos banhistas nas redes sociais, Catarina Eira, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro, disse ao PÚBLICO que não existem dados que sustentem que se trata de uma situação "fora do comum".

Para a investigadora, as aproximações estão ligadas ao ciclo de vida dos animais, uma vez que foram avistadas algumas crias no grupo e "é mais fácil que os grupos sigam as suas presas para zonas mais

próximas da costa". "Estes animais deslocam-se centenas de quilómetros num dia só e por isso não os podemos associar a pontos tão específicos da costa", acrescenta. "Um animal que está aqui agora pode estar na Galiza daqui a duas horas", exemplifica.

No entanto, este avistamento não deixa de ser "um bom sinal", considera, Nuno Sequeira. Para o biólogo, o fenómeno "mostra que estamos no bom caminho no trabalho dedicado à qualidade do ambiente marítimo".

Avistamentos vão ser mais "vulgares"

Nuno Sequeira confessa esperar que "estes avistamentos se tornam mais vulgares", vendo benefícios na promoção da zona como uma zona de excelência ecológica. O biólogo sublinha no entanto a necessidade de pensar sobre regulamentações que protejam os grupos de golfinhos, caso a sua presença se venha a confirmar mais frequente, de forma a os proteger de situações de pesca acidental ou afectação através da navegação marítima, por exemplo, e para que se evite o seu desaparecimento por perturbação.

A bióloga admite um possível aumento do alimento disponível nas águas entre Leça da Palmeira e Vila do Conde, por exemplo. Não obstante, a investigadora destaca que para se conseguir assumir que existe uma alteração no comportamento destes animais e da sua relação com a qualidade do ambiente marítimo, é necessário "mais tempo" e analisar primeiro os comportamentos dos crustáceos e não "dos grandes predadores", onde se inserem estes mamíferos.

À Lusa o comandante da Zona Marítima do Norte, Teixeira Pereira, concordou com a normalidade do fenómeno e reconheceu não haver um registo dos avistamentos, excepto quando envolvem acidentes ou quando os animais dão à costa. O oficial afirmou também que as condições do mar no Norte têm estado "muito favoráveis, com pouca agitação marítima", o que faz com que seja "mais visível os animais virem à tona".

Também Catarina Eira elogiou a postura da população, que se manteve afastada e não interferiu com a passagem dos golfinhos e acrescentou que os pescadores já estão alertados para os comportamentos a tomar neste tipo de fenómenos, até porque as perdas económicas também são fortes do seu lado e "foi feito um grande esforço de sensibilização num passado recente".

Há golfinhos à vista no Norte, mas não vieram para ficar

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 24/08/2016

Meio: Rádio Nova Online

URL: http://www.radionova.fm/noticias/ler/29094

24 de Agosto de 2016 | por

Os banhistas do distrito do Porto têm procurado mais do que um mergulho no horizonte marítimo durante os últimos dias. No início desta semana começaram a circular algumas fotografias e vídeos nas redes sociais que mostram um grupo de golfinhos a passar a uma distância muito próxima da costa. Mas estamos perante um fenómeno de novos inquilinos no litoral Norte do país? Para já ainda não existem elementos que o sustentem, apesar de várias pessoas se mostrarem surpreendidas pelo fenómeno.

Os testemunhos chegam de alguns comerciantes locais, como é o caso de Nuno Gonçalves, da escola de surf Litoral de Vila do Conde, e que relata um aumento de avistamentos face a anos anteriores.

Ao PÚBLICO, Nuno Sequeira, biólogo e dirigente da Quercus, conta que se trata de um grupo de golfinhos-roazes (Tursiops truncatus), da mesma sub-espécie residente no estuário do Sado, com cerca de dez indivíduos.

No entanto, apesar dos relatos entusiasmados dos banhistas nas redes sociais, Catarina Eira, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro, disse ao PÚBLICO que não existem dados que sustentem que se trata de uma situação "fora do comum".

Para a investigadora, as aproximações estão ligadas ao ciclo de vida dos animais, uma vez que foram avistadas algumas crias no grupo e "é mais fácil que os grupos sigam as suas presas para zonas mais próximas da costa". "Estes animais deslocam-se centenas de quilómetros num dia só e por isso não os podemos associar a pontos tao específicos da costa", acrescenta. "Um animal que está aqui agora pode estar na Galiza daqui a duas horas", exemplifica.

No entanto, este avistamento não deixa de ser "um bom sinal", considera, Nuno Sequeira. Para o biólogo, o fenómeno "mostra que estamos no bom caminho no trabalho dedicado à qualidade do ambiente marítimo".

Nuno Sequeira confessa esperar que "estes avistamentos se tornam mais vulgares", vendo benefícios na promoção da zona como uma zona de excelência ecológica. O biólogo sublinha no entanto a necessidade de pensar sobre regulamentações que protejam os grupos de golfinhos, caso a sua presença se venha a confirmar mais frequente, de forma a os proteger de situações de pesca acidental ou afectação através da navegação marítima, por exemplo, e para que se evite o seu desaparecimento por perturbação.

A bióloga admite um possível aumento do alimento disponível nas águas entre Leça da Palmeira e Vila do Conde, por exemplo. Não obstante, a investigadora destaca que para se conseguir assumir que existe uma alteração no comportamento destes animais e da sua relação com a qualidade do ambiente marítimo, é necessário "mais tempo" e analisar primeiro os comportamentos dos crustáceos e não "dos grandes predadores", onde se inserem estes mamíferos.

À Lusa o comandante da Zona Marítima do Norte, Teixeira Pereira, concordou com a normalidade do fenómeno e reconheceu não haver um registo dos avistamentos, excepto quando envolvem acidentes ou quando os animais dão à costa. O oficial afirmou também que as condições do mar no Norte têm estado "muito favoráveis, com pouca agitação marítima", o que faz com que seja "mais visível os animais virem à tona".

Também Catarina Eira elogiou a postura da população, que se manteve afastada e não interferiu com a passagem dos golfinhos e acrescentou que os pescadores já estão alertados para os comportamentos a tomar neste tipo de fenómenos, até porque as perdas económicas também são fortes do seu lado e "foi feito um grande esforço de sensibilização num passado recente".

Golfinhos avistados no norte de Portugal

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 24/08/2016

Meio: Tech ITT Online

URL: http://www.techitt.com/golfinhos-avistados-no-norte-portugal/

Passagem de golfinhos pela costa do Norte do país, como tem acontecido nos últimos dias, é algo "perfeitamente normal", disse a investigadora Catarina Eira

Por Lusa

A passagem de golfinhos pela costa do Norte do país, como tem acontecido nos últimos dias, é algo "perfeitamente normal", disse, na terça-feira, a investigadora Catarina Eira, realçando, como as autoridades, que as pessoas não devem tentar o contacto.

Desde, pelo menos, segunda-feira, têm surgido nas redes sociais relatos de múltiplos utilizadores que dão conta do avistamento de golfinhos entre Vila Nova de Gaia e Vila do Conde, no distrito do Porto, como um jovem que escreveu que "estão dezenas de golfinhos a passar na praia da Agudela [em Vila Nova de Gaia] e a fazer aquele salto de golfinho que só se vê nos filmes".

Contactada pela Lusa, a investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro Catarina Eira procurou sublinhar a normalidade do fenómeno: "O avistamento de golfinhos na costa é perfeitamente normal. Acontece com frequência, só que as pessoas não estão alertadas e então não notam. Da nossa costa é possível ver golfinhos-comuns e botos, sendo que os botos se aproximam bastante".

Depois de assistir a imagens nas redes sociais identificadas como sendo dos avistamentos de segunda-feira, Catarina Eira esclareceu que um dos grupos em causa parecia ser um conjunto "familiar de roazes e parece haver crias, o que é bastante engraçado".

"É o que nós chamamos de uma escola: um grupo de fêmeas com as crias e nalgumas filmagens parecem estar em alimentação porque concentram-se numa determinada zona e fazem natação não direcional", declarou a investigadora que acrescentou que os golfinhos-comuns podem chegar a viajar em grupos de mais de uma centena.

Já o comandante da Zona Marítima do Norte, Teixeira Pereira, realçou também a normalidade do fenómeno e reconheceu não haver um registo dos avistamentos, exceto quando envolvem acidentes ou quando os animais dão à costa.

Teixeira Pereira lembrou ainda que as condições do mar no Norte têm estado "muito favoráveis, com pouca agitação marítima", o que faz com que seja "mais visível os animais virem à tona".

"Quando o mar está mais agitado não se consegue distinguir tão bem e acho que estas condições de observação são mais favoráveis", afirmou.

Questionado sobre que indicações dar às pessoas quando em eventual proximidade dos golfinhos, Teixeira Pereira sublinhou que os conselhos vão no sentido de não perturbar os animais, algo que vai ao encontro das declarações de Catarina Eira, que recorda que, caso um golfinho chegue à areia, deve ser contactada de imediato a Polícia Marítima.

Tech ITT: Natureza

Autor: José Rodrigues

2016-08-24T12:30:24+00:00

Presença de golfinhos nas praias do Norte é normal mas pessoas devem afastar-se

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 24/08/2016

Meio: Viva! Porto Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=fd9d6b1b

Quarta, 24 Agosto 2016 10:42

O avistamento de golfinhos pela costa do Norte do país tem acontecido nos últimos dias e é algo considerado normal, no entanto as pessoas não devem tentar o contacto.
Esta semana têm surgido nas redes sociais relatos de múltiplos utilizadores que dão conta do avistamento de golfinhos entre Vila Nova de Gaia e Vila do Conde, por exemplo.

A investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro, Catarina Eira, disse à Lusa que "o avistamento de golfinhos na costa é perfeitamente normal. Acontece com frequência, só que as pessoas não estão alertadas e então não notam. Da nossa costa é possível ver golfinhos-comuns e botos, sendo que os botos se aproximam bastante".

O comandante da Zona Marítima do Norte, Teixeira Pereira, realçou também a normalidade do fenómeno e reconheceu não haver um registo dos avistamentos, exceto quando envolvem acidentes ou quando os animais dão à costa.

O responsável lembrou ainda que as condições do mar no Norte têm estado "muito favoráveis, com pouca agitação marítima", o que faz com que seja "mais visível os animais virem à tona".

Teixeira Pereira sublinhou também que as pessoas não devem perturbar os animais, acrescentando que, caso um golfinho chegue à areia, deve ser contactada de imediato a Polícia Marítima.

Golfinhos em Leça da Palmeira

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 23/08/2016

Meio: Correio da Manhã Online

URL: http://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/golfinhos-em-leca-da-palmeira

Avistamento na Praia da Meia Laranja

Os golfinhos aproximaram-se esta terça-feira da costa e fizeram as delícias das pessoas que se encontravam na praia da Meia Laranja, em Leça da Palmeira.

Num vídeo publicado na rede social Facebook, é possível ver cerca de uma dezena de golfinhos e uma multidão a apreciar e captar o momento.

Avistamentos recentes de golfinhos no Norte são normais e pessoas devem evitar contacto
A passagem de golfinhos pela costa do Norte do país, como tem acontecido nos últimos dias, é algo "perfeitamente normal", disse hoje a investigadora Catarina Eira, realçando, como as autoridades, que as pessoas não devem tentar o contacto.

Continuar a lerDesde, pelo menos, segunda-feira, têm surgido nas redes sociais relatos de múltiplos utilizadores que dão conta do avistamento de golfinhos entre Vila Nova de Gaia e Vila do Conde, no distrito do Porto, como um jovem que escreveu que "estão dezenas de golfinhos a passar na praia da Agudela [em Vila Nova de Gaia] e a fazer aquele salto de golfinho que só se vê nos filmes".

Contactada pela Lusa, a investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro Catarina Eira procurou sublinhar a normalidade do fenómeno: "O avistamento de golfinhos na costa é perfeitamente normal. Acontece com frequência, só que as pessoas não estão alertadas e então não notam. Da nossa costa é possível ver golfinhos-comuns e botos, sendo que os botos se aproximam bastante".

Depois de assistir a imagens nas redes sociais identificadas como sendo dos avistamentos de segunda-feira, Catarina Eira esclareceu que um dos grupos em causa parecia ser um conjunto "familiar de roazes e parece haver crias, o que é bastante engraçado".

"É o que nós chamamos de uma escola: um grupo de fêmeas com as crias e nalgumas filmagens parecem estar em alimentação porque concentram-se numa determinada zona e fazem natação não direcional", declarou a investigadora que acrescentou que os golfinhos-comuns podem chegar a viajar em grupos de mais de uma centena.

Já o comandante da Zona Marítima do Norte, Teixeira Pereira, realçou também a normalidade do fenómeno e reconheceu não haver um registo dos avistamentos, exceto quando envolvem acidentes ou quando os animais dão à costa.

Teixeira Pereira lembrou ainda que as condições do mar no Norte têm estado "muito favoráveis, com pouca agitação marítima", o que faz com que seja "mais visível os animais virem à tona".

"Quando o mar está mais agitado não se consegue distinguir tão bem e acho que estas condições de observação são mais favoráveis", afirmou.

Questionado sobre que indicações dar às pessoas quando em eventual proximidade dos golfinhos, Teixeira Pereira sublinhou que os conselhos vão no sentido de não perturbar os animais, algo que vai ao encontro das declarações de Catarina Eira, que recorda que, caso um golfinho chegue à areia, deve ser contactada de imediato a Polícia Marítima.

18:24

Avistamentos recentes de golfinhos no Norte são normais e pessoas devem evitar contacto

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 23/08/2016

Meio: Destak Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=552793fb

A passagem de golfinhos pela costa do Norte do país, como tem acontecido nos últimos dias, é algo "perfeitamente normal", disse hoje a investigadora Catarina Eira, realçando, como as autoridades, que as pessoas não devem tentar o contacto.

Desde, pelo menos, segunda-feira, têm surgido nas redes sociais relatos de múltiplos utilizadores que dão conta do avistamento de golfinhos entre Vila Nova de Gaia e Vila do Conde, no distrito do Porto, como um jovem que escreveu que "estão dezenas de golfinhos a passar na praia da Agudela [em Vila Nova de Gaia] e a fazer aquele salto de golfinho que só se vê nos filmes".

Contactada pela Lusa, a investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro Catarina Eira procurou sublinhar a normalidade do fenómeno: "O avistamento de golfinhos na costa é perfeitamente normal. Acontece com frequência, só que as pessoas não estão alertadas e então não notam. Da nossa costa é possível ver golfinhos-comuns e botos, sendo que os botos se aproximam bastante".

23 | 08 | 2016 18.23H

Há golfinhos no Norte e as pessoas devem evitar contacto

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 23/08/2016

Meio: Diário de Notícias Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=ce595715

O comandante da Zona Marítima do Norte aconselhou as pessoas a não perturbarem os animais e caso algum chegue próximo do areal a Polícia Marítima deve ser contactada de imediato

A passagem de golfinhos pela costa do Norte do país, como tem acontecido nos últimos dias, é algo "perfeitamente normal", disse esta terça-feira a investigadora Catarina Eira, realçando, como as autoridades, que as pessoas não devem tentar o contacto.

Desde, pelo menos, segunda-feira, têm surgido nas redes sociais relatos de múltiplos utilizadores que dão conta do avistamento de golfinhos entre Vila Nova de Gaia e Vila do Conde, no distrito do Porto, como um jovem que escreveu que "estão dezenas de golfinhos a passar na praia da Agudela [em Vila Nova de Gaia] e a fazer aquele salto de golfinho que só se vê nos filmes".

A investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro Catarina Eira procurou sublinhar a normalidade do fenómeno: "O avistamento de golfinhos na costa é perfeitamente normal. Acontece com frequência, só que as pessoas não estão alertadas e então não notam. Da nossa costa é possível ver golfinhos-comuns e botos, sendo que os botos se aproximam bastante".

Depois de assistir a imagens nas redes sociais identificadas como sendo dos avistamentos de segunda-feira, Catarina Eira esclareceu que um dos grupos em causa parecia ser um conjunto "familiar de roazes e parece haver crias, o que é bastante engraçado".

"É o que nós chamamos de uma escola: um grupo de fêmeas com as crias e nalgumas filmagens parecem estar em alimentação porque concentram-se numa determinada zona e fazem natação não direcional", declarou a investigadora que acrescentou que os golfinhos-comuns podem chegar a viajar em grupos de mais de uma centena.

Já o comandante da Zona Marítima do Norte, Teixeira Pereira, realçou também a normalidade do fenómeno e reconheceu não haver um registo dos avistamentos, exceto quando envolvem acidentes ou quando os animais dão à costa.

Teixeira Pereira lembrou ainda que as condições do mar no Norte têm estado "muito favoráveis, com pouca agitação marítima", o que faz com que seja "mais visível os animais virem à tona".

"Quando o mar está mais agitado não se consegue distinguir tão bem e acho que estas condições de observação são mais favoráveis", afirmou.

Questionado sobre que indicações dar às pessoas quando em eventual proximidade dos golfinhos, Teixeira Pereira sublinhou que os conselhos vão no sentido de não perturbar os animais, algo que vai ao encontro das declarações de Catarina Eira, que recorda que, caso um golfinho chegue à areia, deve ser contactada de imediato a Polícia Marítima.

2016-08-23 19:11

Lusa

Avistamentos recentes de golfinhos no Norte são normais e pessoas devem evitar contacto

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 23/08/2016

Meio: Diário Digital Online

URL: http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=839153

HOJE às 18:23

A passagem de golfinhos pela costa do Norte do país, como tem acontecido nos últimos dias, é algo perfeitamente normal , disse hoje a investigadora Catarina Eira, realçando, como as autoridades, que as pessoas não devem tentar o contacto.

Desde, pelo menos, segunda-feira, têm surgido nas redes sociais relatos de múltiplos utilizadores que dão conta do avistamento de golfinhos entre Vila Nova de Gaia e Vila do Conde, no distrito do Porto, como um jovem que escreveu que "estão dezenas de golfinhos a passar na praia da Agudela [em Vila Nova de Gaia] e a fazer aquele salto de golfinho que só se vê nos filmes".

Contactada pela Lusa, a investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro Catarina Eira procurou sublinhar a normalidade do fenómeno: "O avistamento de golfinhos na costa é perfeitamente normal. Acontece com frequência, só que as pessoas não estão alertadas e então não notam. Da nossa costa é possível ver golfinhos-comuns e botos, sendo que os botos se aproximam bastante".

Depois de assistir a imagens nas redes sociais identificadas como sendo dos avistamentos de segunda-feira, Catarina Eira esclareceu que um dos grupos em causa parecia ser um conjunto "familiar de roazes e parece haver crias, o que é bastante engraçado".

"É o que nós chamamos de uma escola: um grupo de fêmeas com as crias e nalgumas filmagens parecem estar em alimentação porque concentram-se numa determinada zona e fazem natação não direcional", declarou a investigadora que acrescentou que os golfinhos-comuns podem chegar a viajar em grupos de mais de uma centena.

Já o comandante da Zona Marítima do Norte, Teixeira Pereira, realçou também a normalidade do fenómeno e reconheceu não haver um registo dos avistamentos, exceto quando envolvem acidentes ou quando os animais dão à costa.

Teixeira Pereira lembrou ainda que as condições do mar no Norte têm estado "muito favoráveis, com pouca agitação marítima", o que faz com que seja "mais visível os animais virem à tona".

"Quando o mar está mais agitado não se consegue distinguir tão bem e acho que estas condições de observação são mais favoráveis", afirmou.

Questionado sobre que indicações dar às pessoas quando em eventual proximidade dos golfinhos, Teixeira Pereira sublinhou que os conselhos vão no sentido de não perturbar os animais, algo que vai ao encontro das declarações de Catarina Eira, que recorda que, caso um golfinho chegue à areia, deve ser contactada de imediato a Polícia Marítima.

Pessoas devem evitar contacto com os golfinhos

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 23/08/2016

Meio: Jornal de Notícias Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=1e7c408e

Hoje às 18:44

A passagem de golfinhos pela costa do Norte do país, como tem acontecido nos últimos dias, é algo "perfeitamente normal", disse, esta terça-feira, a investigadora Catarina Eira, realçando, como as autoridades, que as pessoas não devem tentar o contacto.

Desde, pelo menos, segunda-feira, têm surgido nas redes sociais relatos de múltiplos utilizadores que dão conta do avistamento de golfinhos entre Vila Nova de Gaia e Vila do Conde, no distrito do Porto, como um jovem que escreveu que "estão dezenas de golfinhos a passar na praia da Agudela [em Vila Nova de Gaia] e a fazer aquele salto de golfinho que só se vê nos filmes".

Contactada pela Lusa, a investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro Catarina Eira procurou sublinhar a normalidade do fenómeno: "O avistamento de golfinhos na costa é perfeitamente normal. Acontece com frequência, só que as pessoas não estão alertadas e então não notam. Da nossa costa é possível ver golfinhos-comuns e botos, sendo que os botos se aproximam bastante".

Depois de assistir a imagens nas redes sociais identificadas como sendo dos avistamentos de segunda-feira, Catarina Eira esclareceu que um dos grupos em causa parecia ser um conjunto "familiar de roazes e parece haver crias, o que é bastante engraçado".

"É o que nós chamamos de uma escola: um grupo de fêmeas com as crias e nalgumas filmagens parecem estar em alimentação porque concentram-se numa determinada zona e fazem natação não direcional", declarou a investigadora que acrescentou que os golfinhos-comuns podem chegar a viajar em grupos de mais de uma centena.

Já o comandante da Zona Marítima do Norte, Teixeira Pereira, realçou também a normalidade do fenómeno e reconheceu não haver um registo dos avistamentos, exceto quando envolvem acidentes ou quando os animais dão à costa.

Teixeira Pereira lembrou ainda que as condições do mar no Norte têm estado "muito favoráveis, com pouca agitação marítima", o que faz com que seja "mais visível os animais virem à tona".

"Quando o mar está mais agitado não se consegue distinguir tão bem e acho que estas condições de observação são mais favoráveis", afirmou.

Questionado sobre que indicações dar às pessoas quando em eventual proximidade dos golfinhos, Teixeira Pereira sublinhou que os conselhos vão no sentido de não perturbar os animais, algo que vai ao encontro das declarações de Catarina Eira, que recorda que, caso um golfinho chegue à areia, deve ser contactada de imediato a Polícia Marítima.

23 Agosto 2016

Pessoas devem evitar contacto com golfinhos na costa do Norte no país

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 23/08/2016

Meio: Notícias ao Minuto Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=a1f2e042

A passagem de golfinhos pela costa do Norte do país, como tem acontecido nos últimos dias, é algo "perfeitamente normal", disse hoje a investigadora Catarina Eira, realçando, como as autoridades, que as pessoas não devem tentar o contacto.

Desde, pelo menos, segunda-feira, têm surgido nas redes sociais relatos de múltiplos utilizadores que dão conta do avistamento de golfinhos entre Vila Nova de Gaia e Vila do Conde, no distrito do Porto, como um jovem que escreveu que "estão dezenas de golfinhos a passar na praia da Agudela [em Vila Nova de Gaia] e a fazer aquele salto de golfinho que só se vê nos filmes".

PUB

Contactada pela Lusa, a investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro Catarina Eira procurou sublinhar a normalidade do fenómeno: "O avistamento de golfinhos na costa é perfeitamente normal. Acontece com frequência, só que as pessoas não estão alertadas e então não notam. Da nossa costa é possível ver golfinhos-comuns e botos, sendo que os botos se aproximam bastante".

Depois de assistir a imagens nas redes sociais identificadas como sendo dos avistamentos de segunda-feira, Catarina Eira esclareceu que um dos grupos em causa parecia ser um conjunto "familiar de roazes e parece haver crias, o que é bastante engraçado".

"É o que nós chamamos de uma escola: um grupo de fêmeas com as crias e nalgumas filmagens parecem estar em alimentação porque concentram-se numa determinada zona e fazem natação não direcional", declarou a investigadora que acrescentou que os golfinhos-comuns podem chegar a viajar em grupos de mais de uma centena.

Já o comandante da Zona Marítima do Norte, Teixeira Pereira, realçou também a normalidade do fenómeno e reconheceu não haver um registo dos avistamentos, exceto quando envolvem acidentes ou quando os animais dão à costa.

Teixeira Pereira lembrou ainda que as condições do mar no Norte têm estado "muito favoráveis, com pouca agitação marítima", o que faz com que seja "mais visível os animais virem à tona".

"Quando o mar está mais agitado não se consegue distinguir tão bem e acho que estas condições de observação são mais favoráveis", afirmou.

Questionado sobre que indicações dar às pessoas quando em eventual proximidade dos golfinhos, Teixeira Pereira sublinhou que os conselhos vão no sentido de não perturbar os animais, algo que vai ao encontro das declarações de Catarina Eira, que recorda que, caso um golfinho chegue à areia, deve ser contactada de imediato a Polícia Marítima.

Tue, 23 Aug 2016 19:32:41 +0200

POR Lusa

Avistamentos recentes de golfinhos no Norte são normais e pessoas devem evitar contacto

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 23/08/2016

Meio: Porto Canal Online

URL: http://portocanal.sapo.pt/noticia/99834

Porto, 23 ago (Lusa) -- A passagem de golfinhos pela costa do Norte do país, como tem acontecido nos últimos dias, é algo "perfeitamente normal", disse hoje a investigadora Catarina Eira, realçando, como as autoridades, que as pessoas não devem tentar o contacto.

Desde, pelo menos, segunda-feira, têm surgido nas redes sociais relatos de múltiplos utilizadores que dão conta do avistamento de golfinhos entre Vila Nova de Gaia e Vila do Conde, no distrito do Porto, como um jovem que escreveu que "estão dezenas de golfinhos a passar na praia da Agudela [em Vila Nova de Gaia] e a fazer aquele salto de golfinho que só se vê nos filmes".

Contactada pela Lusa, a investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro Catarina Eira procurou sublinhar a normalidade do fenómeno: "O avistamento de golfinhos na costa é perfeitamente normal. Acontece com frequência, só que as pessoas não estão alertadas e então não notam. Da nossa costa é possível ver golfinhos-comuns e botos, sendo que os botos se aproximam bastante".

Depois de assistir a imagens nas redes sociais identificadas como sendo dos avistamentos de segunda-feira, Catarina Eira esclareceu que um dos grupos em causa parecia ser um conjunto "familiar de roazes e parece haver crias, o que é bastante engraçado".

"É o que nós chamamos de uma escola: um grupo de fêmeas com as crias e nalgumas filmagens parecem estar em alimentação porque concentram-se numa determinada zona e fazem natação não direcional", declarou a investigadora que acrescentou que os golfinhos-comuns podem chegar a viajar em grupos de mais de uma centena.

Já o comandante da Zona Marítima do Norte, Teixeira Pereira, realçou também a normalidade do fenómeno e reconheceu não haver um registo dos avistamentos, exceto quando envolvem acidentes ou quando os animais dão à costa.

Teixeira Pereira lembrou ainda que as condições do mar no Norte têm estado "muito favoráveis, com pouca agitação marítima", o que faz com que seja "mais visível os animais virem à tona".

"Quando o mar está mais agitado não se consegue distinguir tão bem e acho que estas condições de observação são mais favoráveis", afirmou.

Questionado sobre que indicações dar às pessoas quando em eventual proximidade dos golfinhos, Teixeira Pereira sublinhou que os conselhos vão no sentido de não perturbar os animais, algo que vai ao encontro das declarações de Catarina Eira, que recorda que, caso um golfinho chegue à areia, deve ser contactada de imediato a Polícia Marítima.

TDI // MSP

Lusa/Fim

23-08-2016 18:23 |Porto Canal com Lusa

Há golfinhos à vista no Norte, mas não vieram para ficar

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	23/08/2016
Meio:	Público Online	Autores:	Liliana Borges

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=b0058ae1

Por Liliana Borges

23/08/2016 - 21:00

Durante esta semana, alguns banhistas partilharam imagens do grupo de golfinhos a passear na costa de algumas praias do Norte do país. No entanto, as autoridades e especialistas dizem que o fenómeno é normal.

O grupo é da mesma sub-espécie que os golfinhos residentes no estuário do Sado Bruno Lisita

Os banhistas do distrito do Porto têm procurado mais do que um mergulho no horizonte marítimo durante os últimos dias. No início desta semana começaram a circular algumas fotografias e vídeos nas redes sociais que mostram um grupo de golfinhos a passar a uma distância muito próxima da costa. Mas estamos perante um fenómeno de novos inquilinos no litoral Norte do país? Para já ainda não existem elementos que o sustentem, apesar de várias pessoas se mostrarem surpreendidas pelo fenómeno.

Os testemunhos chegam de alguns comerciantes locais, como é o caso de Nuno Gonçalves, da escola de surf Litoral de Vila do Conde, e que relata um aumento de avistamentos face a anos anteriores.

Ao PÚBLICO, Nuno Sequeira, biólogo e dirigente da Quercus, conta que se trata de um grupo de golfinhos-roazes (Tursiops truncatus), da mesma sub-espécie residente no estuário do Sado, com cerca de dez indivíduos.

No entanto, apesar dos relatos entusiasmados dos banhistas nas redes sociais, Catarina Eira, investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro, disse ao PÚBLICO que não existem dados que sustentem que se trata de uma situação "fora do comum".

Para a investigadora, as aproximações estão ligadas ao ciclo de vida dos animais, uma vez que foram avistadas algumas crias no grupo e "é mais fácil que os grupos sigam as suas presas para zonas mais próximas da costa". "Estes animais deslocam-se centenas de quilómetros num dia só e por isso não os podemos associar a pontos tao específicos da costa", acrescenta. "Um animal que está aqui agora pode estar na Galiza daqui a duas horas", exemplifica.

No entanto, este avistamento não deixa de ser "um bom sinal", considera, Nuno Sequeira. Para o biólogo, o fenómeno "mostra que estamos no bom caminho no trabalho dedicado à qualidade do ambiente marítimo".

Nuno Sequeira confessa esperar que "estes avistamentos se tornam mais vulgares", vendo benefícios na promoção da zona como uma zona de excelência ecológica. O biólogo sublinha no entanto a necessidade de pensar sobre regulamentações que protejam os grupos de golfinhos, caso a sua presença se venha a confirmar mais frequente, de forma a os proteger de situações de pesca acidental

ou afectação através da navegação marítima, por exemplo, e para que se evite o seu desaparecimento por perturbação.

A bióloga admite um possível aumento do alimento disponível nas águas entre Leça da Palmeira e Vila do Conde, por exemplo. Não obstante, a investigadora destaca que para se conseguir assumir que existe uma alteração no comportamento destes animais e da sua relação com a qualidade do ambiente marítimo, é necessário "mais tempo" e analisar primeiro os comportamentos dos crustáceos e não "dos grandes predadores", onde se inserem estes mamíferos.

À Lusa o comandante da Zona Marítima do Norte, Teixeira Pereira, concordou com a normalidade do fenómeno e reconheceu não haver um registo dos avistamentos, excepto quando envolvem acidentes ou quando os animais dão à costa. O oficial afirmou também que as condições do mar no Norte têm estado "muito favoráveis, com pouca agitação marítima", o que faz com que seja "mais visível os animais virem à tona".

Também Catarina Eira elogiou a postura da população, que se manteve afastada e não interferiu com a passagem dos golfinhos e acrescentou que os pescadores já estão alertados para os comportamentos a tomar neste tipo de fenómenos, até porque as perdas económicas também são fortes do seu lado e "foi feito um grande esforço de sensibilização num passado recente".

23/08/2016 - 21:00

Liliana Borges

Golfinhos surpreendem banhistas a Norte

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 23/08/2016

Meio: Renascença Online

URL:

http://rr.sapo.pt/noticia/61978/golfinhos_surpreendem_banhistas_a_norte_veja_o_video?utm_source=cxultimas

Nos últimos dias têm sido conhecidos vários relatos de avistamentos entre Vila Nova de Gaia e Vila do Conde. Investigadora pede às pessoas que evitem tocar nos golfinhos

Um grupo de golfinhos foi avistado junto à praia da Meia Laranja, em Leça da Palmeira. O momento foi filmado por uma banhista e partilhado nas redes sociais.

O vídeo publicado esta terça-feira mostra vários golfinhos a poucas dezenas de metros da costa, para lá da zona de rebentação.

O momento foi presenciado por centenas de banhistas que se encontravam a desfrutar de um dia de sol na praia da Meia Laranja.

Nos últimos dias têm sido registados vários de avistamentos de golfinhos no Norte do país, entre Vila do Conde e Vila Nova de Gaia.

A investigadora Catarina Eira considera, em declarações à agência Lusa, que o aparecimento destes mamíferos junto à costa é algo "perfeitamente normal" e pede às pessoas que evitem tentar o contacto.

Depois de assistir a imagens nas redes sociais identificadas como sendo dos avistamentos de segunda-feira, esclarece que um dos grupos em causa parecia ser um conjunto "familiar de roazes e parece haver crias, o que é bastante engraçado".

"É o que nós chamamos de uma escola: um grupo de fêmeas com as crias e nalgumas filmagens parecem estar em alimentação porque concentram-se numa determinada zona e fazem natação não direccional", explica a investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro.

O comandante da Zona Marítima do Norte, Teixeira Pereira, também descreve o avistamento de golfinhos como um fenómeno normal e reconhece não haver um registo, excepto quando envolvem acidentes ou quando os animais dão à costa.

Teixeira Pereira lembrou ainda que as condições do mar no Norte têm estado "muito favoráveis, com pouca agitação marítima", o que faz com que seja "mais visível os animais virem à tona".

Questionado sobre que indicações dar às pessoas quando em eventual proximidade dos golfinhos, o comandante sublinhou que os conselhos vão no sentido de não perturbar os animais, algo que vai ao encontro das declarações de Catarina Eira, que recorda que, caso um golfinho chegue à areia, deve ser contactada de imediato a Polícia Marítima.

23 ago, 2016 - 18:50

Avistamentos recentes de golfinhos no Norte são normais e pessoas devem evitar contacto

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 23/08/2016

Meio: RTP Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=4345de15

Lusa 23 Ago, 2016, 18:27 | País

A passagem de golfinhos pela costa do Norte do país, como tem acontecido nos últimos dias, é algo "perfeitamente normal", disse hoje a investigadora Catarina Eira, realçando, como as autoridades, que as pessoas não devem tentar o contacto.

Desde, pelo menos, segunda-feira, têm surgido nas redes sociais relatos de múltiplos utilizadores que dão conta do avistamento de golfinhos entre Vila Nova de Gaia e Vila do Conde, no distrito do Porto, como um jovem que escreveu que "estão dezenas de golfinhos a passar na praia da Agudela [em Vila Nova de Gaia] e a fazer aquele salto de golfinho que só se vê nos filmes".

Contactada pela Lusa, a investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro Catarina Eira procurou sublinhar a normalidade do fenómeno: "O avistamento de golfinhos na costa é perfeitamente normal. Acontece com frequência, só que as pessoas não estão alertadas e então não notam. Da nossa costa é possível ver golfinhos-comuns e botos, sendo que os botos se aproximam bastante".

Depois de assistir a imagens nas redes sociais identificadas como sendo dos avistamentos de segunda-feira, Catarina Eira esclareceu que um dos grupos em causa parecia ser um conjunto "familiar de roazes e parece haver crias, o que é bastante engraçado".

"É o que nós chamamos de uma escola: um grupo de fêmeas com as crias e nalgumas filmagens parecem estar em alimentação porque concentram-se numa determinada zona e fazem natação não direcional", declarou a investigadora que acrescentou que os golfinhos-comuns podem chegar a viajar em grupos de mais de uma centena.

Já o comandante da Zona Marítima do Norte, Teixeira Pereira, realçou também a normalidade do fenómeno e reconheceu não haver um registo dos avistamentos, exceto quando envolvem acidentes ou quando os animais dão à costa.

Teixeira Pereira lembrou ainda que as condições do mar no Norte têm estado "muito favoráveis, com pouca agitação marítima", o que faz com que seja "mais visível os animais virem à tona".

"Quando o mar está mais agitado não se consegue distinguir tão bem e acho que estas condições de observação são mais favoráveis", afirmou.

Questionado sobre que indicações dar às pessoas quando em eventual proximidade dos golfinhos, Teixeira Pereira sublinhou que os conselhos vão no sentido de não perturbar os animais, algo que vai ao encontro das declarações de Catarina Eira, que recorda que, caso um golfinho chegue à areia, deve ser contactada de imediato a Polícia Marítima.

23 Ago, 2016, 18:27|

Avistamentos de golfinhos no Norte são normais e pessoas devem evitar contacto

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 23/08/2016

Meio: SIC Notícias Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=b260c572

A passagem de golfinhos pela costa do Norte do país, como tem acontecido nos últimos dias, é algo "perfeitamente normal", disse esta terça-feira a investigadora Catarina Eira, realçando, como as autoridades, que as pessoas não devem tentar o contacto

Desde, pelo menos, segunda-feira, têm surgido nas redes sociais relatos de múltiplos utilizadores que dão conta do avistamento de golfinhos entre Vila Nova de Gaia e Vila do Conde, no distrito do Porto, como um jovem que escreveu que "estão dezenas de golfinhos a passar na praia da Agudela [em Vila Nova de Gaia] e a fazer aquele salto de golfinho que só se vê nos filmes".

Contactada pela Lusa, a investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro Catarina Eira procurou sublinhar a normalidade do fenómeno: "O avistamento de golfinhos na costa é perfeitamente normal. Acontece com frequência, só que as pessoas não estão alertadas e então não notam. Da nossa costa é possível ver golfinhos-comuns e botos, sendo que os botos se aproximam bastante".

Depois de assistir a imagens nas redes sociais identificadas como sendo dos avistamentos de segunda-feira, Catarina Eira esclareceu que um dos grupos em causa parecia ser um conjunto "familiar de roazes e parece haver crias, o que é bastante engraçado".

"É o que nós chamamos de uma escola: um grupo de fêmeas com as crias e nalgumas filmagens parecem estar em alimentação porque concentram-se numa determinada zona e fazem natação não direcional", declarou a investigadora que acrescentou que os golfinhos-comuns podem chegar a viajar em grupos de mais de uma centena.

Já o comandante da Zona Marítima do Norte, Teixeira Pereira, realçou também a normalidade do fenómeno e reconheceu não haver um registo dos avistamentos, exceto quando envolvem acidentes ou quando os animais dão à costa.

Teixeira Pereira lembrou ainda que as condições do mar no Norte têm estado "muito favoráveis, com pouca agitação marítima", o que faz com que seja "mais visível os animais virem à tona".

"Quando o mar está mais agitado não se consegue distinguir tão bem e acho que estas condições de observação são mais favoráveis", afirmou.

Questionado sobre que indicações dar às pessoas quando em eventual proximidade dos golfinhos, Teixeira Pereira sublinhou que os conselhos vão no sentido de não perturbar os animais, algo que vai ao encontro das declarações de Catarina Eira, que recorda que, caso um golfinho chegue à areia, deve ser contactada de imediato a Polícia Marítima.

Lusa

23.08.2016 18h33

Peixes de aquacultura vão ter alimentação mais saudável e sustentável

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 22/08/2016

Meio: Sul Informação Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=24ee1ab6

Um consórcio liderado pela empresa algarvia Sparos, que integra as Universidades do Algarve e de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) e outras instituições, está a promover o projeto ALISSA - "Bases para uma alimentação saudável e sustentável para peixes de aquacultura".

Este projeto pretende contribuir com novos conhecimentos e ferramentas práticas para uma alimentação mais saudável e sustentável para peixes de aquacultura.

"Queremos dar resposta aos desafios que a aquacultura portuguesa e europeia enfrentam ao nível da concorrência externa e exigências dos seus consumidores em termos de qualidade, padrões ambientais e preços competitivos", afirma Paulo Rema, investigador da UTAD e especialista em aquacultura.

A alimentação constitui um dos principais custos de uma piscicultura (20-50% do custo operacional). Assim sendo, as estratégias associadas ao fornecimento de alimento "devem obedecer a parâmetros rigorosos que permitam uma nutrição otimizada, um crescimento e estado de saúde ótimos dos peixes, sempre com impacto ambiental mínimo", esclarece Luís Conceição, um dos responsáveis da empresa Sparos, líder na área da nutrição de peixes.

O projeto ALISSA vem assim contribuir para o desenvolvimento de novos alimentos, com base em ingredientes sustentáveis e seguros, que "promovam o crescimento e a condição imune dos peixes, dentro de parâmetros de sustentabilidade económica e ambiental".

Uma nova gama de suplementos para a alimentação de peixes vai permitir uma fortificação significativa dos alimentos atualmente utilizados em imunoestimulantes (aminoácidos, por ex.) que, fornecidos através da via alimentar, vão "tornar os peixes mais resistentes às doenças e ao maneio".

Segundo o investigador da UTAD, os resultados deste projeto serão uma "ferramenta importante para esta área da produção animal podendo ainda contribuir para uma mudança de mentalidade do consumidor em relação ao peixe de aquacultura".

Deste projeto multidisciplinar fazem também parte a empresa A. Coelho e Castro Lda, a Universidade do Algarve/CCMAR (UALG); o Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto/CIIMAR (ICBAS), Instituto Biologia Molecular e Celular (IBMC) e Universidade de Aveiro/CESAM.

O projeto I&DT em copromoção é cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), através do COMPETE 2020 - Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI), e apresenta uma dotação financeira total de cerca de 1,2 milhões de euros, tendo sido aprovado em Novembro de 2015 para um período de três anos.

Por Sul Informação . 22 de Agosto de 2016 - 10:00

CISION

Mundo Português

41 anos a acreditar num projecto e a construir um ideal

ID: 65633819

12-08-2016

Tiragem: 28000
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Outros Assuntos

Pág: 34
Cores: Cor
Área: 11,09 x 15,60 cm²
Corte: 1 de 1

UTAD em projeto para tornar os peixes de aquacultura mais resistentes

A Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) está a participar no projeto ALISSA - Bases para uma alimentação saudável e sustentável para peixes de aquacultura, que pretende contribuir com novos conhecimentos e ferramentas práticas para uma alimentação mais saudável e sustentável para peixes de aquacultura.

"Queremos dar resposta aos desafios que a aquacultura portuguesa e europeia enfrentam ao nível da concorrência externa e exigências dos seus consumidores em termos de qualidade, padrões ambientais e preços competitivos", revela Paulo Rema, investigador da UTAD e especialista em aquacultura. Uma nova gama de suplementos para a alimentação de peixes vai permitir uma fortificação significativa dos alimentos atualmente utilizados em imunoestimulantes que, fornecidos através da via alimentar, vão "tornar os peixes mais resistentes às doenças e ao maneio", informa a UTAD. A alimentação representa um dos maiores custos de uma

piscicultura - representa de 20% a 50% do custo operacional.

Segundo Paulo Rema, os resultados deste projeto serão uma "ferramenta importante para esta área da produção animal podendo ainda contribuir para uma mudança de mentalidade do consumidor em relação ao peixe de aquacultura". A UTAD integra um consórcio do qual participam também a Universidade do Algarve/CCMAR; o Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto, o Instituto Biologia Molecular e Celular, a Universidade de Aveiro/CESAM e a empresa A. Coelho e Castro Lda.

Ovar acordou sob manto de fumo dos incêndios

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 11/08/2016

Meio: OvarNews Online

URL: http://www.ovarnews.pt/ovar-acordou-sob-manto-de-fumo-dos-incendios/

Publicado por: 11 Agosto, 2016

A cidade do Ovar acordou sob um denso manto de fumo dos incêndios que lavram no distrito. O ar está pesado, quase irrespirável. Há cinzas suspensas no ar e cheira a fumo nas ruas e nas casas.

O distrito de Aveiro é um dos mais fustigado pelos fogos em Portugal continental. Ovar tem saído ileso deste flagelo, mas o fumo dos incêndios que nos últimos dias têm fustigado vários concelhos (Águeda, Estarreja, Arouca, Castelo de Paiva) acumulou-se à volta da cidade, criando um manto diáfano de nuvens baixas de fumo que tapam o sol desde o raiar do dia.

A qualidade do ar tem piorado nos últimos dias, em consequência dos incêndios. As crianças, os doentes e os idosos devem redobrar cuidados e, se possível, não inalar estes poluentes perigosos para a saúde.

O fumo dos incêndios florestais apresenta um elevado nível de perigo para a saúde pública. Os malefícios resultam sobretudo da mistura de gases e partículas, algumas com grande potencial cancerígeno, libertadas pelos fogos. A conclusão consta de um estudo da Universidade de Aveiro conduzido pela investigadora Célia Alves durante a época de incêndios de 2009 e 2010 nos distritos de Aveiro, Viseu e Guarda. Suspensas na atmosfera e arrastadas pelo vento para vastas áreas, as partículas são facilmente inaladas pelas vias respiratórias. Cada uma dessas partículas engloba "centenas de compostos orgânicos distintos" - de hidrocarbonetos "de elevado potencial cancerígeno" a vários compostos "associados a stresse oxidativo das células", explicou a coordenadora do estudo e investigadora do grupo de Qualidade de Atmosfera do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM).

CISION

ID: 65575162

DIÁRIO de Notícias MADEIRA

05-08-2016

Tiragem: 10887
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 21
Cores: Cor
Área: 23,42 x 26,07 cm²
Corte: 1 de 1

Peixes de aquacultura podem ficar mais saudáveis

ANDREIA DIAS FERRO*
aferro@dnoticias.pt

'Alissa' é o nome do projecto que pretende criar ferramentas capazes de tornar os peixes de aquacultura mais resistentes e mais saudáveis. A chave para o sucesso passará por mudanças em termos da alimentação.

Este projecto é liderado pela empresa SPAROS a que se juntam as universidades de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), de Aveiro, Porto e do Algarve e ainda a empresa A. Coelho e Castro, Lda.

'Alissa - Bases para uma alimentação saudável e sustentável para peixes de aquacultura' está avaliado em 1,2 milhões de euros e deverá vigorar durante um período de três anos, a contar desde Novembro de 2015, data em que foi aprovado.

A UTAD explicou, através de comunicado, que esta iniciativa "pretende contribuir com novos conhecimentos e ferramentas práticas para uma alimentação mais saudável e sustentável para peixes de aquacultura".

"Queremos dar resposta aos desafios que a aquacultura portuguesa e europeia enfrentam ao nível da concorrência externa e exigências dos seus consumidores em termos de qualidade, padrões ambientais e preços competitivos", afirmou Paulo Rema, investigador da academia transmontana e especialista em aquacultura.

Os custos relacionados com a alimentação, na área da piscicultura, encontram-se os 20 a 50% do custo operacional, tomando uma grande fatia do orçamento.

"Assim sendo, as estratégias associadas ao fornecimento de alimento devem obedecer a parâmetros rigorosos que permitam uma nutrição optimizada, um crescimento e estado de saúde óptimos dos peixes, sempre com impacto ambiental mínimo", frisou Luís Conceição da empresa SPAROS, líder na área da nutrição de peixes.

Universidades e empresas estão juntas nesta investigação avaliada em 1,2 milhões de euros. FOTO ARQUIVO

De acordo com responsáveis pelo projecto, uma nova gama de suplementos para a alimentação de peixes vai permitir uma fortificação significativa dos alimentos actualmente utilizados em imuno-estimulantes (por exemplo aminoácidos) que, fornecidos através da via alimentar, "vão tornar os peixes mais resistentes às doenças e ao maneio".

Segundo o investigador da UTAD, os resultados deste projecto serão uma "ferramenta importante para esta área da produção animal podendo ainda contribuir para uma mudança de mentalidade do consumidor em relação ao peixe de aquacultura".

CONSÓRCIO INVESTE NA CRIAÇÃO DE SUPLEMENTOS PARA PEIXES DE AQUACULTURA

A Universidade do Algarve está envolvida na iniciativa através do Centro de Ciências do Mar (CCMAR), a Universidade do Porto envolve o Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar (ICBAS) e o Instituto Biologia Molecular e Celular (IBMC) e a Universidade de Aveiro o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM). ***COM LUSA**

Aplicação prevê marés da Ria de Aveiro - AGRICULTURA E MAR ACTUAL

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	04/08/2016
Meio:	Agricultura e Mar Actual Online	Autores:	Andrea Duarte

URL: http://agriculturaemar.com/aplicacao-preve-mares/

Uma aplicação para telemóveis permite, pela primeira vez, obter uma previsão actualizada das marés em tempo real e para os canais principais da Ria de Aveiro. Desenvolvida na Universidade de Aveiro (UA) para facilitar a navegação de pescadores, agentes de passeios turísticos ou de qualquer 'marinheiro' da ria, A app HidroRia funciona através de um smartphone, mas sem necessidade de acesso às redes móveis, e vai ajudar a evitar os frequentes encalhamentos das embarcações fruto do aumento da amplitude de maré e do assoreamento localizado de alguns canais, nomeadamente os de acesso a portos de recreio e piscatórios na laguna.

Desenvolvida pelos investigadores João Miguel Dias, Ana Picado, Carina Lopes e Renato Mendes, do Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira do Departamento de Física (DFis) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA, a HidroRia quer prestar um serviço aos utilizadores da Ria de Aveiro que "enfrentam enormes dificuldades de navegação através de vários canais da ria", segundo os cientistas.

A aplicação, um projecto do Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira do Departamento de Física, prepara-se, juntamente com mais de seis dezenas de projetos e protótipos, para marcar presença no espaço da Academia de Aveiro no TECHDAYS Aveiro 2016.

O TECHDAYS Aveiro 2016 conta com o Alto Patrocínio do Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa. De acordo com a organização, "trata-se de um importante e relevante apoio à segunda edição do TECHDAYS Aveiro 2016 que terá lugar nos dias 15, 16 e 17 de setembro no Parque de Exposições de Aveiro".

Como funciona a HidroRia?

As previsões efetuadas pela aplicação HidroRia baseiam-se em observações atuais da maré realizadas em diversas estações de amostragem permanente distribuídas pelos canais principais da laguna e cujos dados foram recolhidas no âmbito do projeto de Monitorização Hidrodinâmica da Ria de Aveiro em execução pela Administração do Porto de Aveiro.

A curto prazo, esta aplicação disponibilizará previsões dedicadas para a totalidade dos portos de recreio e piscatórios da Ria de Aveiro. "O conhecimento da maré para estes novos locais onde não é efetuada monitorização da maré resulta de previsões numéricas efetuadas a partir dos modelos hidrodinâmicos desenvolvidos para a laguna pelo Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira", aponta João Miguel Dias. Esta complementaridade entre previsões resultantes da monitorização em curso na Ria e de previsões de modelos hidrodinâmicos "traduz-se numa grande vantagem relativamente a outros meios onde está acessível este tipo de informação".

Agricultura e Mar Actual

Thu, 04 Aug 2016 15:52:24 +0200

CISION

SEMANÁRIO A VOZ DE TRÁS OS MONTES
WWW.AVOZDETRASOSMONTES.COM
DIRETOR AGOSTINHO CHAVES

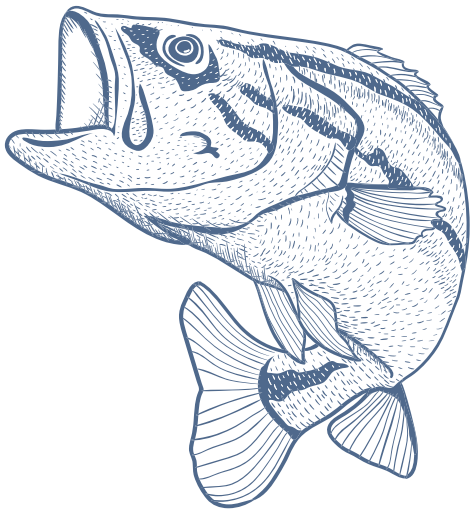
ID: 65559554

04-08-2016

Tiragem: 5359
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 13
Cores: Cor
Área: 25,36 x 17,06 cm²
Corte: 1 de 1

Peixes de aquacultura vão ter alimentação mais saudável e sustentável



O OBJETIVO DO PROJETO ALISSA É CRIAR FERRAMENTAS PARA TORNAR OS PEIXES DE AQUACULTURA MAIS RESISTENTES E SAUDÁVEIS, ATRAVÉS DA ALIMENTAÇÃO

● A Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) está a colaborar num consórcio, liderado pela empresa SPAROS, em conjunto com outras instituições, no projeto "ALISSA - Bases para uma alimentação saudável e sustentável para peixes de aquacultura", que pretende contribuir com novos conhecimentos e ferramentas práticas para uma alimentação mais saudável e sustentável para peixes de aquacultura.

"Queremos dar resposta aos desafios que a aquacultura Portuguesa e Europeia enfrentam ao nível da concorrência externa e exigências dos seus consumidores em termos de qualidade, padrões ambientais e preços competitivos", afirma Paulo Rema, investigador da UTAD e especialista em aquacultura.

A alimentação constitui um dos principais custos de uma piscicultura (20-50% do custo operacional). Assim sendo, as estratégias associadas ao fornecimento de alimento "devem obedecer a parâmetros rigorosos que permitam uma nutrição otimizada, um crescimento e estado de saúde ótimos dos peixes, sempre com impacto ambiental mínimo", esclarece Luís Conceição, um dos responsáveis da empresa SPAROS, líder na área da nutrição de peixes.

O projeto ALISSA vem assim contribuir para o desenvolvimento de novos alimentos, com base em ingredientes sustentáveis e seguros, que "promovam o crescimento e a condição imune dos peixes, dentro de parâmetros de sustentabilidade económica e ambiental".

Uma nova gama de suplementos para a alimentação de peixes vai permitir uma fortificação significativa dos alimentos atualmente utilizados em imunoestimulantes (aminoácidos, por ex.) que, fornecidos através da via alimentar, vão "tornar os peixes mais resistentes às doenças e ao maneio".

Segundo o investigador da UTAD, os resultados deste projeto serão uma "ferramenta importante para esta área da produção animal, podendo ainda contribuir para uma mudança de mentalidade do consumidor em relação ao peixe de aquacultura".

Deste projeto multidisciplinar fazem também parte a empresa A. Coelho e Castro Lda, a Universidade do Algarve/CCMAR (UALG); o Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto / CIIMAR (ICBAS), Instituto Biologia Molecular e Celular (IBMC) e Universidade de Aveiro / CESAM (UA).

O projeto I&DT em Co-promoção é cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e apresenta uma dotação financeira total de cerca de um milhão e duzentos mil euros, tendo sido aprovado em novembro de 2015 para um período de três anos.

Aquacultura: consórcio português com EUR1,2 milhões para melhorar qualidade dos peixes

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 03/08/2016

Meio: AgroNegócios Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=668f789

Peixes mais resistentes e saudáveis. É esse o objetivo de quatro universidades e duas empresas que dispõem de 1,2 milhões de euros para o projeto ALISSA.

Com ele irão criar ferramentas para tornar os peixes de aquacultura mais resistentes e saudáveis, através da sua alimentação.

Queremos dar resposta aos desafios que a aquacultura portuguesa e europeia enfrentam ao nível da concorrência externa e exigências dos seus consumidores em termos de qualidade, padrões ambientais e preços competitivos , afirmou Paulo Rema, especialista em aquacultura e investigador numa das quatro universidades que fazem parte do projeto.

Liderado pela empresa SPAROS, o consórcio as universidades de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) - onde Paulo Rema é investigador - de Aveiro, Porto e do Algarve e ainda a empresa A. Coelho e Castro, Lda.da.

A grande aposta na alimentação justifica-se por ser este um dos principais custos de uma piscicultura, entre cerca de 20 a 50% do custo operacional.

Assim sendo, as estratégias associadas ao fornecimento de alimento devem obedecer a parâmetros rigorosos que permitam uma nutrição otimizada, um crescimento e estado de saúde ótimos dos peixes, sempre com impacto ambiental mínimo , frisou Luís Conceição da empresa SPAROS, líder na área da nutrição de peixes.

O responsável acrescentou que o ALISSA pretende contribuir para o desenvolvimento de novos alimentos, com base em ingredientes sustentáveis e seguros, que promovam o crescimento e a condição imune dos peixes, dentro de parâmetros de sustentabilidade económica e ambiental .

De acordo com responsáveis pelo projeto, uma nova gama de suplementos para a alimentação de peixes vai permitir uma fortificação significativa dos alimentos atualmente utilizados em imunoestimulantes (por exemplo aminoácidos) que, fornecidos através da via alimentar, vão tornar os peixes mais resistentes às doenças e ao maneio .

Segundo o investigador da UTAD, os resultados deste projeto serão uma ferramenta importante para esta área da produção animal podendo ainda contribuir para uma mudança de mentalidade do consumidor em relação ao peixe de aquacultura . A Universidade do Algarve está envolvida na iniciativa através do Centro de Ciências do Mar (CCMAR), a Universidade do Porto envolve o Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar (ICBAS) e o Instituto Biologia Molecular e Celular (IBMC) e a Universidade de Aveiro o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM).

O projeto "ALISSA - Bases para uma alimentação saudável e sustentável para peixes de aquacultura" apresenta uma dotação financeira total de 1,2 milhões de euros tendo sido aprovado em novembro de

2015 para um período de três anos.

Fonte: Dinheiro Vivo

03 Agosto 2016, quarta-feira

Peixes de aquacultura vão ter alimentação mais saudável e sustentável

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 03/08/2016

Meio: Gazeta Rural Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=36c17f99

O objetivo do projeto ALISSA é criar ferramentas para tornar os peixes de aquacultura mais resistentes e saudáveis, através da alimentação.

A Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) está a colaborar num consórcio liderado pela empresa SPAROS Lda, em conjunto com outras instituições, no projeto ALISSA - "Bases para uma alimentação saudável e sustentável para peixes de aquacultura". Este projeto pretende contribuir com novos conhecimentos e ferramentas práticas para uma alimentação mais saudável e sustentável para peixes de aquacultura.

"Queremos dar resposta aos desafios que a aquacultura Portuguesa e Europeia enfrentam ao nível da concorrência externa e exigências dos seus consumidores em termos de qualidade, padrões ambientais e preços competitivos", afirma Paulo Rema, investigador da UTAD e especialista em aquacultura.

A alimentação constitui um dos principais custos de uma piscicultura (20-50% do custo operacional). Assim sendo, as estratégias associadas ao fornecimento de alimento "devem obedecer a parâmetros rigorosos que permitam uma nutrição otimizada, um crescimento e estado de saúde ótimos dos peixes, sempre com impacto ambiental mínimo", esclarece Luís Conceição, um dos responsáveis da empresa SPAROS, líder na área da nutrição de peixes.

O projeto ALISSA vem assim contribuir para o desenvolvimento de novos alimentos, com base em ingredientes sustentáveis e seguros, que "promovam o crescimento e a condição imune dos peixes, dentro de parâmetros de sustentabilidade económica e ambiental".

Uma nova gama de suplementos para a alimentação de peixes vai permitir uma fortificação significativa dos alimentos atualmente utilizados em imunoestimulantes (aminoácidos, por ex.) que, fornecidos através da via alimentar, vão "tornar os peixes mais resistentes às doenças e ao maneio".

Segundo o investigador da UTAD, os resultados deste projeto serão uma "ferramenta importante para esta área da produção animal podendo ainda contribuir para uma mudança de mentalidade do consumidor em relação ao peixe de aquacultura".

Deste projeto multidisciplinar fazem também parte a empresa A. Coelho e Castro Lda, a Universidade do Algarve/CCMAR (UALG);o Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto / CIIMAR (ICBAS), Instituto Biologia Molecular e Celular (IBMC) e Universidade de Aveiro / CESAM (UA).

O projeto I&DT em Copromoção é cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 - Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e apresenta uma dotação financeira total de cerca de um milhão e duzentos mil euros, tendo sido aprovado em Novembro de 2015 para um período de três anos.

3 Agosto, 2016

Peixes mais saudáveis? É a meta deste projeto de 1,2 milhões

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 02/08/2016

Meio: Dinheiro Vivo Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=106325c1

Quatro universidades portuguesas aliaram-se a duas empresas. Agora vão criar ferramentas para melhorar a qualidade dos peixes de aquacultura

Peixes mais resistentes e saudáveis. É esse o objetivo de quatro universidades e duas empresas que dispõem de 1,2 milhões de euros para o projeto ALISSA. Com ele irão criar ferramentas para tornar os peixes de aquacultura mais resistentes e saudáveis, através da sua alimentação.

"Queremos dar resposta aos desafios que a aquacultura portuguesa e europeia enfrentam ao nível da concorrência externa e exigências dos seus consumidores em termos de qualidade, padrões ambientais e preços competitivos", afirmou Paulo Rema, especialista em aquacultura e investigador numa das quatro universidades que fazem parte do projeto.

Liderado pela empresa SPAROS, o consórcio as universidades de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) - onde Paulo Rema é investigador - de Aveiro, Porto e do Algarve e ainda a empresa A. Coelho e Castro, Lda.da. A grande aposta na alimentação justifica-se por ser este um dos principais custos de uma piscicultura, entre cerca de 20 a 50% do custo operacional.

"Assim sendo, as estratégias associadas ao fornecimento de alimento devem obedecer a parâmetros rigorosos que permitam uma nutrição otimizada, um crescimento e estado de saúde ótimos dos peixes, sempre com impacto ambiental mínimo", frisou Luís Conceição da empresa SPAROS, líder na área da nutrição de peixes.

Novos alimentos a caminho?

O responsável acrescentou que o ALISSA pretende "contribuir para o desenvolvimento de novos alimentos, com base em ingredientes sustentáveis e seguros, que promovam o crescimento e a condição imune dos peixes, dentro de parâmetros de sustentabilidade económica e ambiental".

De acordo com responsáveis pelo projeto, uma nova gama de suplementos para a alimentação de peixes vai permitir uma fortificação significativa dos alimentos atualmente utilizados em imunoestimulantes (por exemplo aminoácidos) que, fornecidos através da via alimentar, "vão tornar os peixes mais resistentes às doenças e ao maneio".

Uma nova gama de suplementos "vão tornar os peixes mais resistentes às doenças e ao maneio"

Segundo o investigador da UTAD, os resultados deste projeto serão uma "ferramenta importante para esta área da produção animal podendo ainda contribuir para uma mudança de mentalidade do consumidor em relação ao peixe de aquacultura".

A Universidade do Algarve está envolvida na iniciativa através do Centro de Ciências do Mar (CCMAR), a Universidade do Porto envolve o Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar (ICBAS) e o Instituto Biologia Molecular e Celular (IBMC) e a Universidade de Aveiro o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM).

O projeto "ALISSA - Bases para uma alimentação saudável e sustentável para peixes de aquacultura" apresenta uma dotação financeira total de 1,2 milhões de euros tendo sido aprovado em novembro de 2015 para um período de três anos.

02.08.201612:31

Dinheiro Vivo/Lusa

Projeto de 1,2 ME para criar alimentação mais saudável a peixes de aquacultura

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 02/08/2016

Meio: DiáriOnline - Região Sul Online

URL: http://www.diario-online.com/noticia.php?refnoticia=161206

Quatro universidades e duas empresas dispõem de 1,2 milhões de euros para o projeto "ALISSA" que visa criar ferramentas para tornar os peixes de aquacultura mais resistentes e saudáveis, através da sua alimentação, anunciou hoje fonte académica.

O consórcio é liderado pela empresa SPAROS e junta as universidades de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), de Aveiro, Porto e do Algarve e ainda a empresa A. Coelho e Castro, Lda.

O projeto "ALISSA - Bases para uma alimentação saudável e sustentável para peixes de aquacultura" apresenta uma dotação financeira total de 1,2 milhões de euros tendo sido aprovado em novembro de 2015 para um período de três anos.

A UTAD, em comunicado, explicou que esta iniciativa "pretende contribuir com novos conhecimentos e ferramentas práticas para uma alimentação mais saudável e sustentável para peixes de aquacultura".

"Queremos dar resposta aos desafios que a aquacultura portuguesa e europeia enfrentam ao nível da concorrência externa e exigências dos seus consumidores em termos de qualidade, padrões ambientais e preços competitivos", afirmou Paulo Rema, investigador da academia transmontana e especialista em aquacultura.

A alimentação constitui um dos principais custos de uma piscicultura, entre cerca de 20 a 50% do custo operacional.

"Assim sendo, as estratégias associadas ao fornecimento de alimento devem obedecer a parâmetros rigorosos que permitam uma nutrição otimizada, um crescimento e estado de saúde ótimos dos peixes, sempre com impacto ambiental mínimo", frisou Luís Conceição da empresa SPAROS, líder na área da nutrição de peixes.

O responsável acrescentou que o "ALISSA" pretende "contribuir para o desenvolvimento de novos alimentos, com base em ingredientes sustentáveis e seguros, que promovam o crescimento e a condição imune dos peixes, dentro de parâmetros de sustentabilidade económica e ambiental".

De acordo com responsáveis pelo projeto, uma nova gama de suplementos para a alimentação de peixes vai permitir uma fortificação significativa dos alimentos atualmente utilizados em imunoestimulantes (por exemplo aminoácidos) que, fornecidos através da via alimentar, "vão tornar os peixes mais resistentes às doenças e ao maneio".

Segundo o investigador da UTAD, os resultados deste projeto serão uma "ferramenta importante para esta área da produção animal podendo ainda contribuir para uma mudança de mentalidade do consumidor em relação ao peixe de aquacultura".

A Universidade do Algarve está envolvida na iniciativa através do Centro de Ciências do Mar (CCMAR), a Universidade do Porto envolve o Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar (ICBAS) e o Instituto Biologia Molecular e Celular (IBMC) e a Universidade de Aveiro o Centro de Estudos do

Ambiente e do Mar (CESAM).

.diariOnline RS com Lusa

11:40 terça-feira, 02 agosto 2016

Peixes de aquacultura vão ter alimentação mais saudável e sustentável

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 02/08/2016

Meio: Notícias de Vila Real Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=bc8b1630

Sociedade

Peixes de aquacultura vão ter alimentação mais saudável e sustentável

Por NVR - 2 Agosto, 2016 14

A Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) está a colaborar num consórcio liderado pela empresa SPAROS Lda, em conjunto com outras instituições, no projeto ALISSA - "Bases para uma alimentação saudável e sustentável para peixes de aquacultura". Este projeto pretende contribuir com novos conhecimentos e ferramentas práticas para uma alimentação mais saudável e sustentável para peixes de aquacultura.

"Queremos dar resposta aos desafios que a aquacultura Portuguesa e Europeia enfrentam ao nível da concorrência externa e exigências dos seus consumidores em termos de qualidade, padrões ambientais e preços competitivos", afirma Paulo Rema, investigador da UTAD e especialista em aquacultura.

A alimentação constitui um dos principais custos de uma piscicultura (20-50% do custo operacional). Assim sendo, as estratégias associadas ao fornecimento de alimento "devem obedecer a parâmetros rigorosos que permitam uma nutrição otimizada, um crescimento e estado de saúde ótimos dos peixes, sempre com impacto ambiental mínimo", esclarece Luís Conceição, um dos responsáveis da empresa SPAROS, líder na área da nutrição de peixes.

O projeto ALISSA vem assim contribuir para o desenvolvimento de novos alimentos, com base em ingredientes sustentáveis e seguros, que "promovam o crescimento e a condição imune dos peixes, dentro de parâmetros de sustentabilidade económica e ambiental".

Uma nova gama de suplementos para a alimentação de peixes vai permitir uma fortificação significativa dos alimentos atualmente utilizados em imunoestimulantes (aminoácidos, por ex.) que, fornecidos através da via alimentar, vão "tornar os peixes mais resistentes às doenças e ao maneio".

Segundo o investigador da UTAD, os resultados deste projeto serão uma "ferramenta importante para esta área da produção animal podendo ainda contribuir para uma mudança de mentalidade do consumidor em relação ao peixe de aquacultura".

Deste projeto multidisciplinar fazem também parte a empresa A. Coelho e Castro Lda, a Universidade do Algarve/CCMAR (UALG);o Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto / CIIMAR (ICBAS), Instituto Biologia Molecular e Celular (IBMC) e Universidade de Aveiro / CESAM (UA).

O projeto I&DT em Copromoção é cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 - Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e apresenta uma dotação financeira total de cerca de um milhão e duzentos mil euros, tendo

sido aprovado em Novembro de 2015 para um período de três anos.

2016-08-02T14:47:56+00:00

Projeto de 1,2 milhões quer tornar peixes de aquacultura mais saudáveis

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 02/08/2016

Meio: Sapo Online - Sapo Lifestyle Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=4f0aba11

2 Agosto 2016 // Nuno Noronha // Notícias

Quatro universidades e duas empresas dispõem de 1,2 milhões de euros para o projeto "ALISSA" que visa criar ferramentas para tornar os peixes de aquacultura mais resistentes e saudáveis, através da sua alimentação, anuncia fonte académica.

créditos: Pixabay
O consórcio é liderado pela empresa SPAROS e junta as universidades de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), de Aveiro, Porto e do Algarve e ainda a empresa A. Coelho e Castro, Lda.

O projeto "ALISSA - Bases para uma alimentação saudável e sustentável para peixes de aquacultura" apresenta uma dotação financeira total de 1,2 milhões de euros tendo sido aprovado em novembro de 2015 para um período de três anos.

A UTAD, em comunicado, explicou que esta iniciativa "pretende contribuir com novos conhecimentos e ferramentas práticas para uma alimentação mais saudável e sustentável para peixes de aquacultura".

"Queremos dar resposta aos desafios que a aquacultura portuguesa e europeia enfrentam ao nível da concorrência externa e exigências dos seus consumidores em termos de qualidade, padrões ambientais e preços competitivos", afirmou Paulo Rema, investigador da academia transmontana e especialista em aquacultura.

A alimentação constitui um dos principais custos de uma piscicultura, entre cerca de 20 a 50% do custo operacional. "Assim sendo, as estratégias associadas ao fornecimento de alimento devem obedecer a parâmetros rigorosos que permitam uma nutrição otimizada, um crescimento e estado de saúde ótimos dos peixes, sempre com impacto ambiental mínimo", frisou Luís Conceição da empresa SPAROS, líder na área da nutrição de peixes.

Desenvolvimento mais saudável dos animais

O responsável acrescentou que o "ALISSA" pretende "contribuir para o desenvolvimento de novos alimentos, com base em ingredientes sustentáveis e seguros, que promovam o crescimento e a condição imune dos peixes, dentro de parâmetros de sustentabilidade económica e ambiental".

De acordo com responsáveis pelo projeto, uma nova gama de suplementos para a alimentação de peixes vai permitir uma fortificação significativa dos alimentos atualmente utilizados em imunoestimulantes (por exemplo aminoácidos) que, fornecidos através da via alimentar, "vão tornar os peixes mais resistentes às doenças e ao maneio".

Segundo o investigador da UTAD, os resultados deste projeto serão uma "ferramenta importante para esta área da produção animal podendo ainda contribuir para uma mudança de mentalidade do consumidor em relação ao peixe de aquacultura".

A Universidade do Algarve está envolvida na iniciativa através do Centro de Ciências do Mar (CCMAR), a Universidade do Porto envolve o Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar (ICBAS) e o Instituto Biologia Molecular e Celular (IBMC) e a Universidade de Aveiro o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM).

Ver artigo por páginas

2 Agosto 2016

1,2 ME para criar alimentação mais saudável a peixes de aquacultura

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 02/08/2016

Meio: Tech ITT Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=70783438

Quatro universidades e duas empresas dispõem de 1,2 milhões de euros para o projeto "ALISSA" para tornar os peixes de aquacultura mais resistentes

Por Lusa

O consórcio é liderado pela empresa SPAROS e junta as universidades de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), de Aveiro, Porto e do Algarve e ainda a empresa A. Coelho e Castro, Lda.

O projeto "ALISSA - Bases para uma alimentação saudável e sustentável para peixes de aquacultura" apresenta uma dotação financeira total de 1,2 milhões de euros tendo sido aprovado em novembro de 2015 para um período de três anos.

A UTAD, em comunicado, explicou que esta iniciativa "pretende contribuir com novos conhecimentos e ferramentas práticas para uma alimentação mais saudável e sustentável para peixes de aquacultura".

"Queremos dar resposta aos desafios que a aquacultura portuguesa e europeia enfrentam ao nível da concorrência externa e exigências dos seus consumidores em termos de qualidade, padrões ambientais e preços competitivos", afirmou Paulo Rema, investigador da academia transmontana e especialista em aquacultura.

A alimentação constitui um dos principais custos de uma piscicultura, entre cerca de 20 a 50% do custo operacional.

"Assim sendo, as estratégias associadas ao fornecimento de alimento devem obedecer a parâmetros rigorosos que permitam uma nutrição otimizada, um crescimento e estado de saúde ótimos dos peixes, sempre com impacto ambiental mínimo", frisou Luís Conceição da empresa SPAROS, líder na área da nutrição de peixes.

O responsável acrescentou que o "ALISSA" pretende "contribuir para o desenvolvimento de novos alimentos, com base em ingredientes sustentáveis e seguros, que promovam o crescimento e a condição imune dos peixes, dentro de parâmetros de sustentabilidade económica e ambiental".

De acordo com responsáveis pelo projeto, uma nova gama de suplementos para a alimentação de peixes vai permitir uma fortificação significativa dos alimentos atualmente utilizados em imunoestimulantes (por exemplo aminoácidos) que, fornecidos através da via alimentar, "vão tornar os peixes mais resistentes às doenças e ao maneio".

Segundo o investigador da UTAD, os resultados deste projeto serão uma "ferramenta importante para esta área da produção animal podendo ainda contribuir para uma mudança de mentalidade do consumidor em relação ao peixe de aquacultura".

A Universidade do Algarve está envolvida na iniciativa através do Centro de Ciências do Mar (CCMAR), a Universidade do Porto envolve o Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar (ICBAS) e o

Instituto Biologia Molecular e Celular (IBMC) e a Universidade de Aveiro o Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM).

Tech ITT: Natureza

Autor: José Rodrigues

2016-08-02T14:59:36+00:00

CISION

Diário de Aveiro

ID: 65451827

27-07-2016

Tiragem: 5550
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 10
Cores: Cor
Área: 20,27 x 10,12 cm²
Corte: 1 de 1

Biólogos da Universidade de Aveiro participam em censo aéreo de cetáceos

AMBIENTE Biólogos da Universidade de Aveiro (UA), do Departamento de Biologia (DBio) e do Centro de Pesquisa e Reabilitação de Animais Marinhos (CPRAM), participaram nas campanhas de censo aéreo de cetáceos integrada no projecto SCANS III, realizadas entre os dia 6 e 14, que contou com a equipa de biólogos do projecto LIFE+ MarPro, coordenado por Catarina Eira, investigadora do DBio e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), e por biólogos da equipa do CPRAM-ECOMARE.

A área de estudo abrange toda a plataforma continental do Atlântico Europeu, desde o Estreito de Gibraltar até à Noruega. Em simultâneo, estão a operar três navios dedicados à monitorização de áreas offshore e sete aeronaves que irão amostrar a zona da plataforma continental. Nesta campanha e para a Península Ibérica foram amostrados 75 percursos desde o Estreito de Gibraltar até à fronteira com o Sul de França.

Durante seis dias de esforço de amostragem foram percorridos 6.760 quilómetros, tendo sido registadas 10 espécies de cetáceos (Golfinho-comum, Boto, Golfinho-riscado, Roaz, Baleia-piloto, Zífio, Baleia-de-bico, Grampo, Baleia-anã e Baleia-comum) e uma espécie de tartaruga (Tartaruga-comum).

D.R.

A equipa do censo e o piloto Mário Amat

Durante este trabalho foram efectuados 376 avistamentos de grupos de cetáceos, totalizando 3870 indivíduos, com seis avistamentos individuais de tartarugas-comuns.

A equipa do Life+ MarPro / CPRAM-ECOMARE já efectuou nove campanhas de censos aéreos dedicados (iniciados em 2010), totalizando mais 25.500 quilómetros amostrados. Ao longo destes sete anos, já foram registadas 15 espécies de cetáceos com mais de 25.000 indivíduos observados. A análise dos dados será iniciada assim que as restantes equipas terminem as suas campanhas.

CISION

Diário de Aveiro

ID: 65434394

26-07-2016

Tiragem: 5550
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 10
Cores: Cor
Área: 25,46 x 12,55 cm²
Corte: 1 de 1

A qualidade do ar hoje? E porque não amanhã?

Alexandra Monteiro
Investigadora Auxiliar no CESAM, DAO - Universidade de Aveiro

Quando ouvimos dizer que sem ar não aguentamos dois minutos, facilmente percebemos que se trata do recurso natural mais importante. Mas bastará saber que temos ar para respirar? Será ele todo igual?

Sim, "não" é a resposta. E por isso a preocupação e exigência legislativa em medir a qualidade do ar. Só que esta medição é, e será sempre, pontual, limitada a alguns locais do nosso território. Foi devido a esta limitação que a investigação nesta área seguiu caminhos na área da modelação. Com modelos podemos ter a ousadia de estimar o que não é medido e perceber o que se passa para além daqueles poucos locais afortunados.

Estes modelos permitem-nos, ainda, ter a ousadia de prever a qualidade do ar no futuro, à semelhança do que é feito com a meteorologia... com as devidas incertezas que todos conhecemos. A Universidade de Aveiro foi pioneira quando há dez anos atrás desenvolveu o primeiro sistema de previsão operacional da qualidade do ar para Portugal, apresentando diariamente a qualidade do ar prevista num site da Internet disponível para o público em geral e disponibilizado também pela Agência Portuguesa do Ambiente.

Mas como provavelmente acontece com quase todos os novos serviços de protecção civil oferecidos ao público, também este não teve o sucesso que poderíamos esperar. De certo que se questionarem a pessoa que vos está mais próxima sobre tal previsão, a resposta será (quase certamente) de interrogação. Acredito que os serviços meteorológicos tenham passado por algo semelhante no início!

É de notar que este não é o panorama em todos os países, sendo os Estados Unidos (neste caso!) um exemplo a copiar, onde a previsão da qualidade do ar é apresentada diariamente em conjunto com a previsão do tempo.

Apesar disso, a aposta e o investimento neste sistema de previsão não pararam por falta de utilizadores e um dos mais recentes desenvolvimentos efectuados compreendeu a incorporação da simulação das poeiras do Sahara neste sistema de previsão. Estes eventos naturais que nos afectam muitos dias do ano, sobretudo aos grupos de risco como as crianças, idosos e doentes respiratórios, podem agora ser incluídos no índice de qualidade do ar previsto, permitindo assim um prognóstico mais correcto e detalhado do estado do ar em Portugal.

Quem sabe se a solução para a divulgação deste serviço não passará pelo contacto com a Nintendo para o desenvolvimento de uma aplicação que ofereça um "Pokemon" a quem souber a qualidade do ar para amanhã...

A Universidade de Aveiro foi pioneira quando há dez anos atrás desenvolveu o primeiro sistema de previsão operacional da qualidade do ar para Portugal

Navegar na Ria de Aveiro será mais fácil graças a uma aplicação

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 25/07/2016

Meio: APP - Associação dos Portos de Portugal Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=8307eeb5

25-07-2016

O núcleo de modelação estuarina e costeira da Universidade de Aveiro desenvolveu uma aplicação para smartphones e tablets que "prevê com exactidão as marés da Ria de Aveiro", anuncia a instituição académica.

Denominada "HidroRia", a app foi desenvolvida na Universidade de Aveiro (UA) para facilitar a navegação de pescadores, agentes de passeios turísticos ou de qualquer 'marinheiro' da ria, permitindo obter uma previsão atualizada das marés em tempo real para os canais principais da laguna.

A nova app, cujas previsões são feitas de forma autónoma sem necessidade de acesso às redes móveis, permite evitar os frequentes encalhamentos das embarcações, fruto do aumento da amplitude de maré e do assoreamento localizado de alguns canais, nomeadamente os de acesso a portos de recreio e piscatórios.

Desenvolvida pelos investigadores João Miguel Dias, Ana Picado, Carina Lopes e Renato Mendes, do Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira do Departamento de Física (DFis) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da UA CESAM, a HidroRia visa prestar um serviço aos utilizadores da Ria de Aveiro que "enfrentam enormes dificuldades de navegação através de vários canais da ria".

João Miguel Dias, diretor do DFis, explica que "devido ao aumento da amplitude de maré na Ria ao longo das últimas décadas, com menores níveis de água na baixa-mar, e ao assoreamento localizado em alguns canais, o reduzido nível de água em diversos locais apenas permite a navegação durante períodos restritos do ciclo de maré, centrados na preia-mar, sendo completamente impossível de realizar em baixa-mar".

"É fundamental ter um conhecimento rigoroso das previsões de preia-mar e baixa-mar nos principais portos, para que seja possível aos navegadores planearem as suas deslocações em segurança ao longo da laguna", explica.

As previsões efetuadas pela aplicação HidroRia baseiam-se em observações atuais da maré, realizadas em diversas estações de amostragem permanente, distribuídas pelos canais principais da laguna, cujos dados foram recolhidos no âmbito do projeto de Monitorização Hidrodinâmica da Ria de Aveiro, em execução pela Administração do Porto de Aveiro.

Após a instalação da aplicação, esta efetua a previsão de maré de forma completamente autónoma, o que é de relevância quando se navega ao longo de canais da Ria de Aveiro, onde por vezes é difícil o acesso às redes móveis".

CIIMAR sensibiliza os mais jovens para a importância da biodiversidade

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 25/07/2016

Meio: Universidade do Porto Online - Notícias Universidade do Porto Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=de6fbc12

Segunda-feira, 25 de Julho, 2016

CIIMAR sensibiliza os mais jovens para a importância da biodiversidade

Cerca de 264 alunos de 6 escolas do norte do país participaram neste estudo. (Foto: DR)

Um estudo elaborado pela investigadora Eunice Sousa, do Centro Interdisciplinar de Investigação cientifica e Ambiental da Universidade do Porto (CIIMAR), demonstrou o impacto positivo das ações de comunicação e educação ambiental em jovens entre os 15 e os 18 anos de idade.

Tendo como objeto de estudo o projeto do CIIMAR "Charcos com Vida", que procura sensibilizar e os jovens para a importância dos charcos e sua biodiversidade, foram realizados testes de hipóteses multivariáveis inovadores em 6 escolas do norte do país. Estes testes permitiram cruzar os métodos usados na área da biologia com as necessidades dos dados de caracter sociológico aproximando as duas vertentes e criando novos caminhos para as metodologias de investigação na área da comunicação da ciência.

A análise de impacto, efetuado em dois momentos (antes e depois da implementação do projeto), demonstrou que este projeto "promoveu melhorias não só no conhecimento desta temática mas também nas atitudes dos participantes em relação ao habitat e a vários grupos de seres vivos característicos dos charcos, em particular os anfíbios", refere a investigadora.

Os projetos de educação ambiental, segundo Eunice Sousa, revelam assim ser essenciais para o envolvimento público nas questões da conservação da natureza e da biodiversidade, pelo que a promoção do contacto direto do público com estes habitats, e em especial com anfíbios, contribuiu para uma mudança de comportamentos e atitudes.

Os Charcos oferecem serviços ecológicos vitais como a manutenção dos ciclos da água, do carbono entre outros nutrientes e são habitats importantes para uma grande diversidade de espécies raras, algumas endémicas ou em vias de extinção e locais de reprodução de anfíbios e libélulas. O número de charcos tem diminuído de forma drástica em todo o mundo, sobretudo na zona mediterrânea que inclui o território português. De acordo com os dados da IUCN, atualmente cerca de 25% das espécies de anfíbios a nível mundial estão em vias de extinção, sendo a principal causa a perda de habitat.

O estudo "Can Environmental Education Actions Change Public Attitudes? An Example Using the Pond Habitat and Associated Biodiversity" foi publicado na revista científica PLOS One, no âmbito do doutoramento da investigadora, realizado no CIIMAR sob a orientação de José Teixeira e no CESAM (Universidade de Aveiro) sob orientação dos professores Ana Maria Rodrigues e Victor Quintino.

Partilhar isto:

Relacionado

Segunda-feira, 25 de Julho, 2016 | Etiquetas:,,

CISION

Mundo Português

41 anos a acreditar num projecto e a construir um ideal

ID: 65394804

22-07-2016

Tiragem: 28000
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Outros Assuntos

Pág: 23
Cores: Cor
Área: 26,00 x 15,73 cm²
Corte: 1 de 2

'HIDRORIA' ESTÁ A SER DESENVOLVIDA NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO

Aplicação prevê com exatidão as marés da Ria de Aveiro

A aplicação foi desenvolvida na Universidade de Aveiro (UA) com o objetivo de facilitar a navegação de pescadores, agentes de passeios turísticos ou de qualquer 'marinheiro' da ria. Através de um *smartphone*, a 'HidroRia' permite pela primeira vez, "obter uma previsão atualizada das marés em tempo real e para os canais principais" da Ria de Aveiro.

A nova aplicação, cujas previsões são feitas de forma autónoma sem necessidade de acesso às redes móveis, vai permitir evitar os frequentes encalhamentos das embarcações, causados pelo aumento da amplitude de maré e do assoreamento localizado de alguns canais, nomeadamente os de acesso a portos de recreio e piscatórios.

Desenvolvida pelos investigadores João Miguel Dias, Ana Picado, Carina Lopes e Renato Mendes, do Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira do Departamento de Física (DFis) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da UA CESAM, a 'HidroRia' quer prestar um serviço aos utilizadores da Ria de Aveiro que "enfrentam enormes dificuldades de navegação através de vários canais da ria".

João Miguel Dias explica que "devido ao aumento da amplitude de maré na Ria ao longo das últimas décadas (que conduziu a menores níveis de água na baixa-mar) e ao assoreamento localizado em alguns canais, o reduzido nível de água em diversos locais apenas permite a navegação durante períodos restritos do ciclo de maré centrados na preia-mar, sendo completamente impossível de realizar em baixa-mar".

"É fundamental ter um conhecimento rigoroso das previsões de preia-mar e baixa-mar nos principais portos, para que seja possível aos navegadores planearem as suas deslocações em segurança ao longo da laguna", sublinha.

NAVEGAR AO TELEMÓVEL...

As previsões da 'HidroRia' baseiam-se em observações atuais da maré realizadas em diversas estações de amostragem permanente distribuídas pelos canais principais da laguna e cujos dados foram recolhidos no âmbito do projeto de Monitorização Hidrodinâmica da Ria de Aveiro em execução pela Administração do Porto de Aveiro, entidade que cedeu os dados - essenciais para o nascimento da app.

Outra vantagem significativa da aplicação consiste na possibilidade de utilização em smartphones e tablets sem necessidade de ligação à rede móvel. O investigador explica que "após a instalação da aplicação, esta efetua a previsão de maré de forma completamente autónoma, o que é da maior relevância quando se navega ao longo de canais da Ria de Aveiro onde por vezes é difícil o acesso às redes móveis".

A curto prazo, a 'HidroRia' disponibilizará previsões para a totalidade dos portos de recreio e piscatórios da Ria de Aveiro.

"O conhecimento da maré para estes novos locais onde não é efetuada monitorização da maré resulta de previsões numéricas efetuadas a partir dos modelos hidrodinâmicos desenvolvidos para a laguna pelo Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira", aponta João Miguel Dias. Esta complementaridade entre previsões resultantes da monitorização em curso na Ria e de previsões de modelos hidrodinâmicos "traduz-se numa grande vantagem relativamente a outros meios onde está acessível este tipo de informação".

A componente técnica e científica da previsão das marés foi desenvolvida pelos quatro elementos do Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira. A componente de programação e desenvolvimento da aplicação foi realizada pelo estudante Hugo Silva, do Mestrado Integrado em Engenharia de Computadores e Telemática.

CISION

Mundo Português

41 anos a acreditar num projecto e a construir um ideal

ID: 65394804

22-07-2016

Tiragem: 28000
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Outros Assuntos

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 7,13 x 2,96 cm²
Corte: 2 de 2

CIÊNCIA

P. 23

Aplicação desenvolvida em Portugal prevê com exatidão as marés na Ria de Aveiro

Biólogos da Universidade de Aveiro participam em censos aéreos de cetáceos

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 22/07/2016

Meio: Notícias de Aveiro Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=78a8f12

Biólogos da Universidade de Aveiro (UA), do Departamento de Biologia (DBio) e do Centro de Pesquisa e Reabilitação de Animais Marinhos (CPRAM), participaram nas campanhas de censos aéreos de cetáceos integrada no projeto SCANS III.

A ação contou com a equipa de biólogos do projeto LIFE+ MarPro, coordenado por Catarina Eira, investigadora do DBio e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), e por biólogos da equipa do CPRAM-ECOMARE (ler artigo).

Aplicação prevê com exatidão as marés da Ria de Aveiro

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/07/2016

Meio: Mundo Português Online

URL: http://www.mundoportugues.org/article/view/64278

19/07/16

A aplicação foi desenvolvida na Universidade de Aveiro (UA) com o objetivo de facilitar a navegação de pescadores, agentes de passeios turísticos ou de qualquer 'marinheiro' da ria. Através de um smartphone, a 'HidroRia' permite pela primeira vez, "obter uma previsão atualizada das marés em tempo real e para os canais principais" da Ria de Aveiro.

A nova aplicação, cujas previsões são feitas de forma autónoma sem necessidade de acesso às redes móveis, vai permitir evitar os frequentes encalhamentos das embarcações, causados pelo aumento da amplitude de maré e do assoreamento localizado de alguns canais, nomeadamente os de acesso a portos de recreio e piscatórios.

Desenvolvida pelos investigadores João Miguel Dias, Ana Picado, Carina Lopes e Renato Mendes, do Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira do Departamento de Física (DFis) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da UA CESAM, a 'HidroRia' quer prestar um serviço aos utilizadores da Ria de Aveiro que "enfrentam enormes dificuldades de navegação através de vários canais da ria".

João Miguel Dias explica que "devido ao aumento da amplitude de maré na Ria ao longo das últimas décadas (que conduziu a menores níveis de água na baixa-mar) e ao assoreamento localizado em alguns canais, o reduzido nível de água em diversos locais apenas permite a navegação durante períodos restritos do ciclo de maré centrados na preia-mar, sendo completamente impossível de realizar em baixa-mar".

"É fundamental ter um conhecimento rigoroso das previsões de preia-mar e baixa-mar nos principais portos, para que seja possível aos navegadores planearem as suas deslocações em segurança ao longo da laguna", sublinha.

Navegar ao telemóvel.

As previsões da 'HidroRia' baseiam-se em observações atuais da maré realizadas em diversas estações de amostragem permanente distribuídas pelos canais principais da laguna e cujos dados foram recolhidas no âmbito do projeto de Monitorização Hidrodinâmica da Ria de Aveiro em execução pela Administração do Porto de Aveiro, entidade que cedeu os dados - essenciais para o nascimento da app.

Outra vantagem significativa da aplicação consiste na possibilidade de utilização em smartphones e tablets sem necessidade de ligação à rede móvel. O investigador explica que "após a instalação da aplicação, esta efetua a previsão de maré de forma completamente autónoma, o que é da maior relevância quando se navega ao longo de canais da Ria de Aveiro onde por vezes é difícil o acesso às redes móveis".

A curto prazo, a 'HidroRia' disponibilizará previsões para a totalidade dos portos de recreio e piscatórios da Ria de Aveiro.

"O conhecimento da maré para estes novos locais onde não é efetuada monitorização da maré resulta de previsões numéricas efetuadas a partir dos modelos hidrodinâmicos desenvolvidos para a laguna pelo Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira", aponta João Miguel Dias. Esta complementaridade entre previsões resultantes da monitorização em curso na Ria e de previsões de modelos hidrodinâmicos "traduz-se numa grande vantagem relativamente a outros meios onde está acessível este tipo de informação".

A componente técnica e científica da previsão das marés foi desenvolvida pelos quatro elementos do Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira. A componente de programação e desenvolvimento da aplicação foi realizada pelo estudante Hugo Silva, do Mestrado Integrado em Engenharia de Computadores e Telemática.

CISION

ID: 65310364

DIÁRIO as beiras

16-07-2016

Tiragem: 12000
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 14
Cores: Cor
Área: 13,21 x 10,07 cm²
Corte: 1 de 1

Aveiro

Universidade recebe galardão "Campeões das Zonas Áridas"

A Universidade de Aveiro (UA) foi distinguida com o galardão "Campeões das Zonas Áridas" promovido pela Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação.

O galardão destina-se a distinguir indivíduos, empresas ou instituições que tenham contribuído de forma relevante para a gestão sustentável da Terra e no caso da Universidade de Aveiro premiou o trabalho desenvolvido por uma equipa de investigação científica do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), liderada por Celeste Coelho.

Nos últimos 10 anos, no âmbito de diversos projetos internacionais e nacionais, a equipa procurou integrar o conhecimento das comunidades locais, dos agentes e dos cientistas, em prol da aceitação social e viabilização de estratégias para a gestão sustentável do território e combate à desertificação, que incluem ações de prevenção e mitigação da degradação do solo, afetado por incêndios florestais.

O projeto de "Recuperação de Áreas Ardidas", envolvendo a Universidade de Aveiro e coordenado pelo Centro de Ecologia Aplicada do Instituto Superior de Agronomia (ISA), entre 2005 e 2011, foi o primeiro desse conjunto.

CISION

Diário de Aveiro

ID: 65310759

16-07-2016

Tiragem: 5550
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 6
Cores: Preto e Branco
Área: 4,10 x 17,64 cm²
Corte: 1 de 1

Selo de Excelência para "Spin-off" da Universidade

A DNA TRUSTAG, uma "spin-off" fundada em Janeiro no Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e no Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro (UA), recebeu o selo de excelência da Comissão Europeia no âmbito do programa Horizonte 2020 para investigação e inovação.

O selo certifica o carácter inovador e potencial de comercialização da tecnologia desenvolvida pelos investigadores do CESAM, Newton Gomes e Francisco Coelho, no Laboratório de Estudos Moleculares de Ambientes Marinhos. A plataforma tecnológica da DNA TRUSTAG permite a produção de códigos únicos de DNA (impossíveis de replicar) que geram sinais análogos a um código de barras.

Os códigos de DNA podem ser utilizados para marcar uma ampla gama de matérias primas ou produtos directamente nas linhas de produção. A empresa foi fundada em janeiro de 2016. e pretende ser uma mudança de paradigma nas tecnologias de contrafacção, auxiliando as empresas a combater a proliferação de falsificações e a consequente desvalorização da sua propriedade intelectual.

CISION

Diário de Aveiro

ID: 65278954

14-07-2016

Tiragem: 5550
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 5
Cores: Preto e Branco
Área: 8,40 x 8,54 cm²
Corte: 1 de 1

Spin-off da UA recebe selo de excelência europeia

DISTINÇÃO A DNA TRUSTAG, uma spin-off fundada em Janeiro no Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e no Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro (UA), recebeu o selo de excelência da Comissão Europeia no âmbito do programa Horizonte 2020 para investigação e inovação, informa a academia aveirense no seu jornal online.

O selo certifica o carácter inovador e potencial de comercialização da tecnologia desenvolvida pelos investigadores do CESAM, Newton Gomes e Francisco Coelho, no Laboratório de Estudos Moleculares de Ambientes Marinhos (LEMAM).

A plataforma tecnológica da DNA TRUSTAG permite a produção de códigos únicos de DNA (impossíveis de replicar) que geram sinais análogos a um código de barras. Os códigos de DNA podem ser utilizados para marcar uma ampla gama de matérias-primas ou produtos directamente nas linhas de produção.

Spin-off da UA recebe selo de excelência da Comissão Europeia

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 14/07/2016

Meio: Notícias de Aveiro Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=8a890ebc

A DNA TRUSTAG, uma spin-off fundada em janeiro no Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e no Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro (UA), recebeu o selo de excelência da Comissão Europeia no âmbito do programa Horizonte 2020 para investigação e inovação.

A plataforma tecnológica da DNA TRUSTAG permite a produção de códigos únicos de DNA (impossíveis de replicar) que geram sinais análogos a um código de barras (ler artigo).

Comissão Europeia atribui selo de excelência a spin-off da UA

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 14/07/2016

Meio: VerPortugal Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=d9e8ff15

DNA Trustag. Assim se chama a spin-off que, em janeiro passado criada no Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e no Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro (UA), recebeu o selo de excelência da Comissão Europeia. A atribuição do selo surge no âmbito do programa Horizonte 2020 para investigação e inovação

UA

No site da Universidade de Aveiro lê-se que "o selo certifica o carácter inovador e potencial de comercialização da tecnologia desenvolvida pelos investigadores do CESAM, Newton Gomes e Francisco Coelho, no Laboratório de Estudos Moleculares de Ambientes Marinhos (LEMAM)".

A mesma notícia dá nota de que "a plataforma tecnológica da DNA TRUSTAG permite a produção de códigos únicos de DNA (impossíveis de replicar) que geram sinais análogos a um código de barras". Por seu lado, os códigos de DNA podem ser utilizados para marcar uma ampla gama de matérias primas ou produtos diretamente nas linhas de produção.

A empresa foi fundada em janeiro de 2016 e pretende ser uma mudança de paradigma nas tecnologias de contrafação, auxiliando as empresas a combater a proliferação de falsificações e a consequente desvalorização da sua propriedade intelectual.

14 Julho 2016 |por VerPortugal

HidroRia | Uma aplicação para não encalhar na Ria de Aveiro

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 13/07/2016

Meio: CidadesOnline Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=162f0c2f

Já é possível prever com exatidão as marés da Ria de Aveiro. Desenvolvida na Universidade de Aveiro (UA) para facilitar a navegação de pescadores, agentes de passeios turísticos ou de qualquer 'marinheiro' da ria, a aplicação HidroRia permite, pela primeira vez e através de um smartphone, obter uma previsão atualizada das marés em tempo real e para os canais principais da laguna.

A nova app, cujas previsões são feitas de forma autónoma sem necessidade de acesso às redes móveis, vai permitir evitar os frequentes encalhamentos das embarcações fruto do aumento da amplitude de maré e do assoreamento localizado de alguns canais, nomeadamente os de acesso a portos de recreio e piscatórios.

Desenvolvida pelos investigadores João Miguel Dias, Ana Picado, Carina Lopes e Renato Mendes, do Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira do Departamento de Física (DFis) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da UA CESAM, a HidroRia quer prestar um serviço aos utilizadores da Ria de Aveiro que "enfrentam enormes dificuldades de navegação através de vários canais da ria".

João Miguel Dias, diretor do DFis, aponta que "devido ao aumento da amplitude de maré na Ria ao longo das últimas décadas [que conduziu a menores níveis de água na baixa-mar] e ao assoreamento localizado em alguns canais, o reduzido nível de água em diversos locais apenas permite a navegação durante períodos restritos do ciclo de maré centrados na preia-mar, sendo completamente impossível de realizar em baixa-mar". Deste modo, explica o investigador, "é fundamental ter um conhecimento rigoroso das previsões de preia-mar e baixa-mar nos principais portos, para que seja possível aos navegadores planearem as suas deslocações em segurança ao longo da laguna".

Navegar de telemóvel na mão

As previsões efetuadas pela aplicação HidroRia baseiam-se em observações atuais da maré realizadas em diversas estações de amostragem permanente distribuídas pelos canais principais da laguna e cujos dados foram recolhidas no âmbito do projeto de Monitorização Hidrodinâmica da Ria de Aveiro em execução pela Administração do Porto de Aveiro, entidade que cedeu os dados foram essenciais para o nascimento da app.

"A atualidade destes dados é da maior relevância, considerando que a altura e instantes de ocorrência da preia-mar e da baixa-mar têm variado ao longo das últimas décadas na Ria de Aveiro", salienta João Miguel Dias. Outra vantagem significativa desta aplicação consiste na possibilidade de utilização em smartphones e tablets sem necessidade de ligação à rede móvel. De facto, aponta o investigador, "após a instalação da aplicação, esta efetua a previsão de maré de forma completamente autónoma, o que é da maior relevância quando se navega ao longo de canais da Ria de Aveiro onde por vezes é difícil o acesso às redes móveis".

Finalmente, a curto prazo esta aplicação disponibilizará previsões dedicadas para a totalidade dos portos de recreio e piscatórios da Ria de Aveiro. "O conhecimento da maré para estes novos locais onde não é efetuada monitorização da maré resulta de previsões numéricas efetuadas a partir dos modelos hidrodinâmicos desenvolvidos para a laguna pelo Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira",

aponta João Miguel Dias. Esta complementaridade entre previsões resultantes da monitorização em curso na Ria e de previsões de modelos hidrodinâmicos "traduz-se numa grande vantagem relativamente a outros meios onde está acessível este tipo de informação".

A componente técnica e científica da previsão das marés foi desenvolvida pelos quatro elementos do Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira. A componente de programação e desenvolvimento da aplicação foi realizada pelo estudante Hugo Silva, do Mestrado Integrado em Engenharia de Computadores e Telemática.

Esta parceria, aponta João Miguel Dias, "constitui um bom exemplo da forma como é possível potenciar as múltiplas valências científico/tecnológicas que são desenvolvidas na UA nos mais variados níveis". No caso deste projeto, isso refletiu-se "através da realização de atividades extracurriculares por parte de um estudante cujos conhecimentos práticos permitiram operacionalizar o conhecimento científico desenvolvido por um grupo de investigação".

CISION

Diário de Aveiro

ID: 65262891

13-07-2016

Tiragem: 5550
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 7
Cores: Cor
Área: 16,45 x 17,43 cm²
Corte: 1 de 1

UA cria aplicação para facilitar navegação na Ria

"HidroRia" App desenvolvida "prevê com exactidão as marés da Ria de Aveiro"

O Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira da Universidade de Aveiro (UA) desenvolveu uma aplicação para "smartphones" e "tablets" que "prevê com exactidão as marés da Ria de Aveiro", anunciou a instituição académica.

Denominada "HidroRia", a app foi desenvolvida na UA para facilitar a navegação de pescadores, agentes de passeios turísticos ou de qualquer "marinheiro" da Ria, permitindo obter uma previsão actualizada das marés em tempo real para os canais principais da laguna.

A nova app, cujas previsões são feitas de forma autónoma, sem necessidade de acesso às redes móveis, permite evitar os frequentes encalhamentos das embarcações, fruto do aumento da amplitude de maré e do assoreamento localizado de alguns canais, nomeadamente os de acesso a portos de recreio e piscatórios.

Desenvolvida pelos investigadores João Miguel Dias, Ana Picado, Carina Lopes e Renato Mendes, do Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira do Departamento de Física (DFis) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da UA - CESAM, a "HidroRia" visa prestar um serviço aos utilizadores da Ria de Aveiro que "enfrentam enormes dificuldades de navegação através de vários canais".

D.R.

Investigadores envolvidos na criação da app "HidroRia"

João Miguel Dias, director do DFis, explica que "devido ao aumento da amplitude de maré na Ria ao longo das últimas décadas, com menores níveis de água na baixa-mar, e ao assoreamento localizado em alguns canais, o reduzido nível de água em diversos locais apenas permite a navegação durante períodos restritos do ciclo de maré, centrados na preia-mar, sendo completamente impossível de realizar em baixa-mar".

"É fundamental ter um conhecimento rigoroso das previsões de preia-mar e baixa-mar nos principais portos, para que seja possível aos navegadores planearem as suas deslocações em segurança ao longo da laguna", explica o responsável.

As previsões efectuadas pela aplicação "HidroRia" baseiam-se em observações actuais da maré, realizadas em diversas estações de amostragem permanente, distribuídas pelos canais principais da laguna, cujos dados foram recolhidos no âmbito do projecto de Monitorização Hidrodinâmica da Ria de Aveiro, em execução pela Administração do Porto de Aveiro.

Após a instalação da aplicação, esta efectua a previsão de maré de forma completamente autónoma, o que é de relevância quando se navega ao longo de canais da Ria de Aveiro, onde por vezes é difícil o acesso às redes móveis.

A nova app, cujas previsões são feitas sem necessidade de acesso às redes móveis, permite evitar os encalhamentos das embarcações

CISION

Diário de Viseu

ID: 65263578

13-07-2016

Tiragem: 5000
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 10
Cores: Preto e Branco
Área: 8,69 x 9,56 cm²
Corte: 1 de 1

Nova aplicação ajuda navegação na Ria

AVEIRO O núcleo de modelação estuarina e costeira da Universidade de Aveiro desenvolveu uma aplicação para smartphones e 'tablets' que "prevê com exactidão as marés da Ria de Aveiro", anunciou a instituição académica.

Denominada 'HidroRia' a app foi desenvolvida na Universidade de Aveiro (UA) para facilitar a navegação de pescadores, agentes de passeios turísticos ou de qualquer 'marinheiro' da ria, permitindo obter uma previsão actualizada das marés em tempo real para os canais principais da laguna.

A nova app, cujas previsões são feitas de forma autónoma sem necessidade de acesso às redes móveis, permite evitar os frequentes encalhamentos das embarcações, fruto do aumento da amplitude de maré e do assoreamento localizado de alguns canais, nomeadamente os de acesso a portos de recreio e piscatórios.

A nova aplicação foi desenvolvida pelos investigadores João Miguel Dias, Ana Picado, Carina Lopes e Renato Mendes, do Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira do Departamento de Física (DFis) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da UA CESAM.

Navegar na Ria de Aveiro será mais fácil graças a uma aplicação

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 13/07/2016

Meio: Ponto e Vírgula - Informação Digital Online

URL: http://www.pontovirgula.pt/sociedade/?noticia=apphidroria

Navegar na Ria de Aveiro será mais fácil graças a uma aplicação
13 julho de 2016 | 10h46 | Ponto e Vírgula
O núcleo de modelação estuarina e costeira da Universidade de Aveiro desenvolveu uma aplicação para smartphones e tablets que "prevê com exatidão as marés da Ria de Aveiro", anunciou a instituição académica.

sociedade

FOTO: Manuel Vitoriano / Arquivo

Denominada "HidroRia" a aplicação móvel foi desenvolvida na Universidade de Aveiro (UA) para facilitar a navegação de pescadores, agentes de passeios turísticos ou de qualquer 'marinheiro' da ria, permitindo obter uma previsão atualizada das marés em tempo real para os canais principais da laguna.

A nova app, cujas previsões são feitas de forma autónoma sem necessidade de acesso às redes móveis, permite evitar os frequentes encalhamentos das embarcações, fruto do aumento da amplitude de maré e do assoreamento localizado de alguns canais, nomeadamente os de acesso a portos de recreio e piscatórios.

Desenvolvida pelos investigadores João Miguel Dias, Ana Picado, Carina Lopes e Renato Mendes, do Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira do Departamento de Física (DFis) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da UA CESAM, a HidroRia visa prestar um serviço aos utilizadores da Ria de Aveiro que "enfrentam enormes dificuldades de navegação através de vários canais da ria".

João Miguel Dias, diretor do DFis, explica que "devido ao aumento da amplitude de maré na Ria ao longo das últimas décadas, com menores níveis de água na baixa-mar, e ao assoreamento localizado em alguns canais, o reduzido nível de água em diversos locais apenas permite a navegação durante períodos restritos do ciclo de maré, centrados na preia-mar, sendo completamente impossível de realizar em baixa-mar".

"É fundamental ter um conhecimento rigoroso das previsões de preia-mar e baixa-mar nos principais portos, para que seja possível aos navegadores planearem as suas deslocações em segurança ao longo da laguna", explica.

As previsões efetuadas pela aplicação HidroRia baseiam-se em observações atuais da maré, realizadas em diversas estações de amostragem permanente, distribuídas pelos canais principais da laguna, cujos dados foram recolhidos no âmbito do projeto de Monitorização Hidrodinâmica da Ria de Aveiro, em execução pela Administração do Porto de Aveiro.

Após a instalação da aplicação, esta efetua a previsão de maré de forma completamente autónoma, o que é de relevância quando se navega ao longo de canais da Ria de Aveiro, onde por vezes é difícil o acesso às redes móveis".

(*) Com LUSA

Universidade de Aveiro cria app para facilitar a navegação na Ria

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 13/07/2016

Meio: Shifter Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=1e69491

Facebook

0

Twitter

O núcleo de modelação estuarina e costeira da Universidade de Aveiro desenvolveu uma aplicação para telemóvel que "prevê com exactidão as marés da Ria de Aveiro", anunciou aquela instituição académica.

A HidroRia - gratuita e disponível para dispositivos com sistema operativo Android - foi desenvolvida na Universidade de Aveiro (UA) para facilitar a navegação de pescadores, agentes de passeios turísticos ou de qualquer marinheiro da ria, permitindo obter uma previsão actualizada das marés em tempo real para os canais principais da laguna.

A nova app, cujas previsões são feitas de forma autónoma sem necessidade de acesso às redes móveis, permite evitar os frequentes encalhamentos das embarcações, fruto do aumento da amplitude de maré e do assoreamento localizado de alguns canais, nomeadamente os de acesso a portos de recreio e piscatórios.

Desenvolvida pelos investigadores João Miguel Dias, Ana Picado, Carina Lopes e Renato Mendes, do Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira do Departamento de Física (DFis) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da UA (CESAM), a HidroRia visa prestar um serviço aos utilizadores da Ria de Aveiro que "enfrentam enormes dificuldades de navegação através de vários canais da ria".

João Miguel Dias, director do DFis, explica que, "devido ao aumento da amplitude de maré na Ria ao longo das últimas décadas, com menores níveis de água na baixa-mar, e ao assoreamento localizado em alguns canais, o reduzido nível de água em diversos locais apenas permite a navegação durante períodos restritos do ciclo de maré, centrados na preia-mar, sendo completamente impossível de realizar em baixa-mar".

"É fundamental ter um conhecimento rigoroso das previsões de preia-mar e baixa-mar nos principais portos, para que seja possível aos navegadores planearem as suas deslocações em segurança ao longo da laguna", explica.

As previsões efectuadas pela aplicação HidroRia baseiam-se em observações actuais da maré, realizadas em diversas estações de amostragem permanente, distribuídas pelos canais principais da laguna, cujos dados foram recolhidos no âmbito do projecto de Monitorização Hidrodinâmica da Ria de Aveiro, em execução pela Administração do Porto de Aveiro.

Após a instalação da aplicação, esta efectua a previsão de maré de forma completamente autónoma, o que é de relevância quando se navega ao longo de canais da Ria de Aveiro, onde por vezes é difícil o acesso às redes móveis.

Foto de capa de: Flickr
Texto de: Lusa

Facebook

0

Twitter

Wed, 13 Jul 2016 19:13:44 +0200

Redacção

uma aplicação para não encalhar na Ria de Aveiro

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 12/07/2016

Meio: AuriNegra Online

URL: http://aurinegra.pt/hidroria-uma-aplicacao-para-nao-encalhar-na-ria-de-aveiro/

Aurinegra -Notícias com gente dentro

Já é possível prever com exactidão as marés da Ria de Aveiro. Desenvolvida na Universidade de Aveiro (UA) para facilitar a navegação de pescadores, agentes de passeios turísticos ou de qualquer 'marinheiro' da ria, a aplicação HidroRia permite, pela primeira vez e através de um smartphone, obter uma previsão actualizada das marés em tempo real e para os canais principais da laguna. A nova app, cujas previsões são feitas de forma autónoma sem necessidade de acesso às redes móveis, vai permitir evitar os frequentes encalhamentos das embarcações fruto do aumento da amplitude de maré e do assoreamento localizado de alguns canais, nomeadamente os de acesso a portos de recreio e piscatórios.

Desenvolvida pelos investigadores João Miguel Dias, Ana Picado, Carina Lopes e Renato Mendes, do Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira do Departamento de Física (DFis) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da UA CESAM, a HidroRia quer prestar um serviço aos utilizadores da Ria de Aveiro que "enfrentam enormes dificuldades de navegação através de vários canais da ria".

João Miguel Dias, director do DFis, aponta que "devido ao aumento da amplitude de maré na Ria ao longo das últimas décadas [que conduziu a menores níveis de água na baixa-mar] e ao assoreamento localizado em alguns canais, o reduzido nível de água em diversos locais apenas permite a navegação durante períodos restritos do ciclo de maré centrados na preia-mar, sendo completamente impossível de realizar em baixa-mar". Deste modo, explica o investigador, "é fundamental ter um conhecimento rigoroso das previsões de preia-mar e baixa-mar nos principais portos, para que seja possível aos navegadores planearem as suas deslocações em segurança ao longo da laguna".

Navegar de telemóvel na mão

As previsões efectuadas pela aplicação HidroRia baseiam-se em observações actuais da maré realizadas em diversas estações de amostragem permanente distribuídas pelos canais principais da laguna e cujos dados foram recolhidas no âmbito do projecto de Monitorização Hidrodinâmica da Ria de Aveiro em execução pela Administração do Porto de Aveiro, entidade que cedeu os dados foram essenciais para o nascimento da app.

"A actualidade destes dados é da maior relevância, considerando que a altura e instantes de ocorrência da preia-mar e da baixa-mar têm variado ao longo das últimas décadas na Ria de Aveiro", salienta João Miguel Dias. Outra vantagem significativa desta aplicação consiste na possibilidade de utilização em smartphones e tablets sem necessidade de ligação à rede móvel. De facto, aponta o investigador, "após a instalação da aplicação, esta efectua a previsão de maré de forma completamente autónoma, o que é da maior relevância quando se navega ao longo de canais da Ria de Aveiro onde por vezes é difícil o acesso às redes móveis".

Finalmente, a curto prazo esta aplicação disponibilizará previsões dedicadas para a totalidade dos portos de recreio e piscatórios da Ria de Aveiro. "O conhecimento da maré para estes novos locais onde não é efectuada monitorização da maré resulta de previsões numéricas efectuadas a partir dos

modelos hidrodinâmicos desenvolvidos para a laguna pelo Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira", aponta João Miguel Dias. Esta complementaridade entre previsões resultantes da monitorização em curso na Ria e de previsões de modelos hidrodinâmicos "traduz-se numa grande vantagem relativamente a outros meios onde está acessível este tipo de informação".

A componente técnica e científica da previsão das marés foi desenvolvida pelos quatro elementos do Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira. A componente de programação e desenvolvimento da aplicação foi realizada pelo estudante Hugo Silva, do Mestrado Integrado em Engenharia de Computadores e Telemática.

Esta parceria, aponta João Miguel Dias, "constitui um bom exemplo da forma como é possível potenciar as múltiplas valências científico/tecnológicas que são desenvolvidas na UA nos mais variados níveis". No caso deste projecto, isso refletiu-se "através da realização de actividades extracurriculares por parte de um estudante cujos conhecimentos práticos permitiram operacionalizar o conhecimento científico desenvolvido por um grupo de investigação".

Julho 12, 2016

CISION

Diário de Coimbra

ID: 65244953

12-07-2016

Tiragem: 8585
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 21
Cores: Preto e Branco
Área: 9,10 x 9,66 cm²
Corte: 1 de 1

Nova aplicação ajuda navegação na Ria

AVEIRO O núcleo de modelação estuarina e costeira da Universidade de Aveiro desenvolveu uma aplicação para smartphones e "tablets" que «prevê com exactidão as marés da Ria de Aveiro», anunciou a instituição académica.

Denominada "HidroRia" a app foi desenvolvida na Universidade de Aveiro (UA) para facilitar a navegação de pescadores, agentes de passeios turísticos ou de qualquer 'marinheiro' da ria, permitindo obter uma previsão actualizada das marés em tempo real para os canais principais da laguna.

A nova app, cujas previsões são feitas de forma autónoma sem necessidade de acesso às redes móveis, permite evitar os frequentes encalhamentos das embarcações, fruto do aumento da amplitude de maré e do assoreamento localizado de alguns canais, nomeadamente os de acesso a portos de recreio e piscatórios.

A nova aplicação foi desenvolvida pelos investigadores João Miguel Dias, Ana Picado, Carina Lopes e Renato Mendes, do Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira do Departamento de Física (DFis) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da UA CESAM.

Green Savers - App prevê com exactidão as marés da Ria de Aveiro

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 12/07/2016

Meio: Green Savers Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=b6d3fbed

Já é possível prever com exactidão as marés da Ria de Aveiro. Desenvolvida na Universidade de Aveiro (UA) para facilitar a navegação de pescadores, agentes de passeios turísticos ou de qualquer outro cidadão, a aplicação HidroRia permite, pela primeira vez e através de um smartphone, obter uma previsão actualizada das marés em tempo real e para os canais principais da laguna.

A nova app, cujas previsões são feitas de forma autónoma sem necessidade de acesso às redes móveis, vai permitir evitar os frequentes encalhamentos das embarcações fruto do aumento da amplitude de maré e do assoreamento localizado de alguns canais, nomeadamente os de acesso a portos de recreio e piscatórios.

Desenvolvida pelos investigadores João Miguel Dias, Ana Picado, Carina Lopes e Renato Mendes, do Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira do Departamento de Física (DFis) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da UA CESAM, a HidroRia quer prestar um serviço aos utilizadores da Ria de Aveiro que "enfrentam enormes dificuldades de navegação através de vários canais da ria".

João Miguel Dias, diretor do DFis, aponta que "devido ao aumento da amplitude de maré na Ria ao longo das últimas décadas [que conduziu a menores níveis de água na baixa-mar] e ao assoreamento localizado em alguns canais, o reduzido nível de água em diversos locais apenas permite a navegação durante períodos restritos do ciclo de maré centrados na preia-mar, sendo completamente impossível de realizar em baixa-mar". Deste modo, explica o investigador, "é fundamental ter um conhecimento rigoroso das previsões de preia-mar e baixa-mar nos principais portos, para que seja possível aos navegadores planearem as suas deslocações em segurança ao longo da laguna".

Navegar de telemóvel na mão

As previsões efectuadas pela aplicação HidroRia baseiam-se em observações actuais da maré realizadas em diversas estações de amostragem permanente distribuídas pelos canais principais da laguna e cujos dados foram recolhidas no âmbito do projecto de Monitorização Hidrodinâmica da Ria de Aveiro em execução pela Administração do Porto de Aveiro, entidade que cedeu os dados foram essenciais para o nascimento da app.

"A actualidade destes dados é da maior relevância, considerando que a altura e instantes de ocorrência da preia-mar e da baixa-mar têm variado ao longo das últimas décadas na Ria de Aveiro", salienta João Miguel Dias. Outra vantagem significativa desta aplicação consiste na possibilidade de utilização em smartphones e tablets sem necessidade de ligação à rede móvel. De facto, aponta o investigador, "após a instalação da aplicação, esta efectua a previsão de maré de forma completamente autónoma, o que é da maior relevância quando se navega ao longo de canais da Ria de Aveiro onde por vezes é difícil o acesso às redes móveis".

Finalmente, a curto prazo esta aplicação disponibilizará previsões dedicadas para a totalidade dos portos de recreio e piscatórios da Ria de Aveiro. "O conhecimento da maré para estes novos locais onde não é efectuada monitorização da maré resulta de previsões numéricas efetuadas a partir dos modelos hidrodinâmicos desenvolvidos para a laguna pelo Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira",

aponta João Miguel Dias. Esta complementaridade entre previsões resultantes da monitorização em curso na Ria e de previsões de modelos hidrodinâmicos "traduz-se numa grande vantagem relativamente a outros meios onde está acessível este tipo de informação".

A componente técnica e científica da previsão das marés foi desenvolvida pelos quatro elementos do Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira. A componente de programação e desenvolvimento da aplicação foi realizada pelo estudante Hugo Silva, do Mestrado Integrado em Engenharia de Computadores e Telemática.

Esta parceria, aponta João Miguel Dias, "constitui um bom exemplo da forma como é possível potenciar as múltiplas valências científico/tecnológicas que são desenvolvidas na UA nos mais variados níveis". No caso deste projecto, isso reflectiu-se "através da realização de actividades extracurriculares por parte de um estudante cujos conhecimentos práticos permitiram operacionalizar o conhecimento científico desenvolvido por um grupo de investigação".

inovação investigação

Partilhar
facebook twitter google

pinterest linkedin email

[embedded content]
Tweet

Navegar na Ria de Aveiro será mais fácil graças a uma aplicação

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 11/07/2016

Meio: Notícias ao Minuto Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=93aea0e7

O núcleo de modelação estuarina e costeira da Universidade de Aveiro desenvolveu uma aplicação para smartphones e 'tablets' que "prevê com exatidão as marés da Ria de Aveiro", anunciou hoje a instituição académica.

Denominada "HidroRia" a app foi desenvolvida na Universidade de Aveiro (UA) para facilitar a navegação de pescadores, agentes de passeios turísticos ou de qualquer 'marinheiro' da ria, permitindo obter uma previsão atualizada das marés em tempo real para os canais principais da laguna.

PUB

A nova app, cujas previsões são feitas de forma autónoma sem necessidade de acesso às redes móveis, permite evitar os frequentes encalhamentos das embarcações, fruto do aumento da amplitude de maré e do assoreamento localizado de alguns canais, nomeadamente os de acesso a portos de recreio e piscatórios.

Desenvolvida pelos investigadores João Miguel Dias, Ana Picado, Carina Lopes e Renato Mendes, do Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira do Departamento de Física (DFis) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da UA CESAM, a HidroRia visa prestar um serviço aos utilizadores da Ria de Aveiro que "enfrentam enormes dificuldades de navegação através de vários canais da ria".

João Miguel Dias, diretor do DFis, explica que "devido ao aumento da amplitude de maré na Ria ao longo das últimas décadas, com menores níveis de água na baixa-mar, e ao assoreamento localizado em alguns canais, o reduzido nível de água em diversos locais apenas permite a navegação durante períodos restritos do ciclo de maré, centrados na preia-mar, sendo completamente impossível de realizar em baixa-mar".

"É fundamental ter um conhecimento rigoroso das previsões de preia-mar e baixa-mar nos principais portos, para que seja possível aos navegadores planearem as suas deslocações em segurança ao longo da laguna", explica.

As previsões efetuadas pela aplicação HidroRia baseiam-se em observações atuais da maré, realizadas em diversas estações de amostragem permanente, distribuídas pelos canais principais da laguna, cujos dados foram recolhidos no âmbito do projeto de Monitorização Hidrodinâmica da Ria de Aveiro, em execução pela Administração do Porto de Aveiro.

Após a instalação da aplicação, esta efetua a previsão de maré de forma completamente autónoma, o que é de relevância quando se navega ao longo de canais da Ria de Aveiro, onde por vezes é difícil o acesso às redes móveis".

Mon, 11 Jul 2016 16:45:49 +0200

POR Lusa

U. de Aveiro cria "app" para facilitar navegação na Ria

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 11/07/2016

Meio: Público Online - P3 Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=613200b1

A HidroRia dá previsões actualizadas das marés da Ria de Aveiro, em tempo real, e não precisa de acesso às redes móveis. Objectivo é evitar encalhamentos das embarcações

O núcleo de modelação estuarina e costeira da Universidade de Aveiro desenvolveu uma aplicação para "smartphones" e "tablets" que "prevê com exactidão as marés da Ria de Aveiro", anunciou aquela instituição académica.

A HidroRia - gratuita e disponível para dispositivos com sistema operativo Android - foi desenvolvida na Universidade de Aveiro (UA) para facilitar a navegação de pescadores, agentes de passeios turísticos ou de qualquer marinheiro da ria, permitindo obter uma previsão actualizada das marés em tempo real para os canais principais da laguna.

A nova "app", cujas previsões são feitas de forma autónoma sem necessidade de acesso às redes móveis, permite evitar os frequentes encalhamentos das embarcações, fruto do aumento da amplitude de maré e do assoreamento localizado de alguns canais, nomeadamente os de acesso a portos de recreio e piscatórios.

Desenvolvida pelos investigadores João Miguel Dias, Ana Picado, Carina Lopes e Renato Mendes, do Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira do Departamento de Física (DFis) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da UA (CESAM), a HidroRia visa prestar um serviço aos utilizadores da Ria de Aveiro que "enfrentam enormes dificuldades de navegação através de vários canais da ria".

João Miguel Dias, director do DFis, explica que, "devido ao aumento da amplitude de maré na Ria ao longo das últimas décadas, com menores níveis de água na baixa-mar, e ao assoreamento localizado em alguns canais, o reduzido nível de água em diversos locais apenas permite a navegação durante períodos restritos do ciclo de maré, centrados na preia-mar, sendo completamente impossível de realizar em baixa-mar".

"É fundamental ter um conhecimento rigoroso das previsões de preia-mar e baixa-mar nos principais portos, para que seja possível aos navegadores planearem as suas deslocações em segurança ao longo da laguna", explica.

As previsões efectuadas pela aplicação HidroRia baseiam-se em observações actuais da maré, realizadas em diversas estações de amostragem permanente, distribuídas pelos canais principais da laguna, cujos dados foram recolhidos no âmbito do projecto de Monitorização Hidrodinâmica da Ria de Aveiro, em execução pela Administração do Porto de Aveiro.

Após a instalação da aplicação, esta efectua a previsão de maré de forma completamente autónoma, o que é de relevância quando se navega ao longo de canais da Ria de Aveiro, onde por vezes é difícil o acesso às redes móveis.

Texto de Lusa . 11/07/2016 - 16:57

UA: HidroRia é uma aplicação para não encalhar na Ria de Aveiro.

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 11/07/2016

Meio: Rádio Terra Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=d1098052

Já é possível prever com exatidão as marés da Ria de Aveiro. Desenvolvida na Universidade de Aveiro (UA) para facilitar a navegação de pescadores, agentes de passeios turísticos ou de qualquer 'marinheiro' da ria, a aplicação HidroRia permite, pela primeira vez e através de um smartphone, obter uma previsão atualizada das marés em tempo real e para os canais principais da laguna. A nova app, cujas previsões são feitas de forma autónoma sem necessidade de acesso às redes móveis, vai permitir evitar os frequentes encalhamentos das embarcações fruto do aumento da amplitude de maré e do assoreamento localizado de alguns canais, nomeadamente os de acesso a portos de recreio e piscatórios.

Desenvolvida pelos investigadores João Miguel Dias, Ana Picado, Carina Lopes e Renato Mendes, do Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira do Departamento de Física (DFis) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da UA CESAM, a HidroRia quer prestar um serviço aos utilizadores da Ria de Aveiro que "enfrentam enormes dificuldades de navegação através de vários canais da ria".

João Miguel Dias, diretor do DFis, aponta que "devido ao aumento da amplitude de maré na Ria ao longo das últimas décadas [que conduziu a menores níveis de água na baixa-mar] e ao assoreamento localizado em alguns canais, o reduzido nível de água em diversos locais apenas permite a navegação durante períodos restritos do ciclo de maré centrados na preia-mar, sendo completamente impossível de realizar em baixa-mar". Deste modo, explica o investigador, "é fundamental ter um conhecimento rigoroso das previsões de preia-mar e baixa-mar nos principais portos, para que seja possível aos navegadores planearem as suas deslocações em segurança ao longo da laguna".

As previsões efetuadas pela aplicação HidroRia baseiam-se em observações atuais da maré realizadas em diversas estações de amostragem permanente distribuídas pelos canais principais da laguna e cujos dados foram recolhidas no âmbito do projeto de Monitorização Hidrodinâmica da Ria de Aveiro em execução pela Administração do Porto de Aveiro, entidade que cedeu os dados foram essenciais para o nascimento da app. "A atualidade destes dados é da maior relevância, considerando que a altura e instantes de ocorrência da preia-mar e da baixa-mar têm variado ao longo das últimas décadas na Ria de Aveiro", salienta João Miguel Dias. Outra vantagem significativa desta aplicação consiste na possibilidade de utilização em smartphones e tablets sem necessidade de ligação à rede móvel. De facto, aponta o investigador, "após a instalação da aplicação, esta efetua a previsão de maré de forma completamente autónoma, o que é da maior relevância quando se navega ao longo de canais da Ria de Aveiro onde por vezes é difícil o acesso às redes móveis".

Finalmente, a curto prazo esta aplicação disponibilizará previsões dedicadas para a totalidade dos portos de recreio e piscatórios da Ria de Aveiro. "O conhecimento da maré para estes novos locais onde não é efetuada monitorização da maré resulta de previsões numéricas efetuadas a partir dos modelos hidrodinâmicos desenvolvidos para a laguna pelo Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira", aponta João Miguel Dias. Esta complementaridade entre previsões resultantes da monitorização em curso na Ria e de previsões de modelos hidrodinâmicos "traduz-se numa grande vantagem relativamente a outros meios onde está acessível este tipo de informação". A componente técnica e científica da previsão das marés foi desenvolvida pelos quatro elementos do Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira. A componente de programação e desenvolvimento da aplicação foi realizada pelo

estudante Hugo Silva, do Mestrado Integrado em Engenharia de Computadores e Telemática.

Esta parceria, aponta João Miguel Dias, "constitui um bom exemplo da forma como é possível potenciar as múltiplas valências científico/tecnológicas que são desenvolvidas na UA nos mais variados níveis". No caso deste projeto, isso refletiu-se "através da realização de atividades extracurriculares por parte de um estudante cujos conhecimentos práticos permitiram operacionalizar o conhecimento científico desenvolvido por um grupo de investigação".

2016-07-11 16:25

HidroRia: uma aplicação para não encalhar na Ria de Aveiro

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 11/07/2016

Meio: VerPortugal Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=b2ac7c7e

Já é possível prever com exatidão as marés da Ria de Aveiro. Desenvolvida na Universidade de Aveiro (UA) para facilitar a navegação de pescadores, agentes de passeios turísticos ou de qualquer 'marinheiro' da ria, a aplicação HidroRia permite, pela primeira vez e através de um smartphone, obter uma previsão atualizada das marés em tempo real e para os canais principais da laguna. A nova app, cujas previsões são feitas de forma autónoma sem necessidade de acesso às redes móveis, vai permitir evitar os frequentes encalhamentos das embarcações fruto do aumento da amplitude de maré e do assoreamento localizado de alguns canais, nomeadamente os de acesso a portos de recreio e piscatórios

Desenvolvida pelos investigadores João Miguel Dias, Ana Picado, Carina Lopes e Renato Mendes, do Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira do Departamento de Física (DFis) e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da UA CESAM, a HidroRia quer prestar um serviço aos utilizadores da Ria de Aveiro que "enfrentam enormes dificuldades de navegação através de vários canais da ria".

João Miguel Dias, diretor do DFis, aponta que "devido ao aumento da amplitude de maré na Ria ao longo das últimas décadas [que conduziu a menores níveis de água na baixa-mar] e ao assoreamento localizado em alguns canais, o reduzido nível de água em diversos locais apenas permite a navegação durante períodos restritos do ciclo de maré centrados na preia-mar, sendo completamente impossível de realizar em baixa-mar". Deste modo, explica o investigador, "é fundamental ter um conhecimento rigoroso das previsões de preia-mar e baixa-mar nos principais portos, para que seja possível aos navegadores planearem as suas deslocações em segurança ao longo da laguna".

Navegar de telemóvel na mão

As previsões efetuadas pela aplicação HidroRia baseiam-se em observações atuais da maré realizadas em diversas estações de amostragem permanente distribuídas pelos canais principais da laguna e cujos dados foram recolhidas no âmbito do projeto de Monitorização Hidrodinâmica da Ria de Aveiro em execução pela Administração do Porto de Aveiro, entidade que cedeu os dados foram essenciais para o nascimento da app.

"A atualidade destes dados é da maior relevância, considerando que a altura e instantes de ocorrência da preia-mar e da baixa-mar têm variado ao longo das últimas décadas na Ria de Aveiro", salienta João Miguel Dias. Outra vantagem significativa desta aplicação consiste na possibilidade de utilização em smartphones e tablets sem necessidade de ligação à rede móvel. De facto, aponta o investigador, "após a instalação da aplicação, esta efetua a previsão de maré de forma completamente autónoma, o que é da maior relevância quando se navega ao longo de canais da Ria de Aveiro onde por vezes é difícil o acesso às redes móveis".

Finalmente, a curto prazo esta aplicação disponibilizará previsões dedicadas para a totalidade dos portos de recreio e piscatórios da Ria de Aveiro. "O conhecimento da maré para estes novos locais onde não é efetuada monitorização da maré resulta de previsões numéricas efetuadas a partir dos modelos hidrodinâmicos desenvolvidos para a laguna pelo Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira", aponta João Miguel Dias. Esta complementaridade entre previsões resultantes da monitorização em

curso na Ria e de previsões de modelos hidrodinâmicos "traduz-se numa grande vantagem relativamente a outros meios onde está acessível este tipo de informação".

A componente técnica e científica da previsão das marés foi desenvolvida pelos quatro elementos do Núcleo de Modelação Estuarina e Costeira. A componente de programação e desenvolvimento da aplicação foi realizada pelo estudante Hugo Silva, do Mestrado Integrado em Engenharia de Computadores e Telemática.

Esta parceria, aponta João Miguel Dias, "constitui um bom exemplo da forma como é possível potenciar as múltiplas valências científico/tecnológicas que são desenvolvidas na UA nos mais variados níveis". No caso deste projeto, isso refletiu-se "através da realização de atividades extracurriculares por parte de um estudante cujos conhecimentos práticos permitiram operacionalizar o conhecimento científico desenvolvido por um grupo de investigação".

11 Julho 2016 |por VerPortugal

Dinâmica da praia do Porto Santo em debate

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 06/07/2016

Meio: Funchal Notícias Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=4cf27848

foto Rui Marote

A Secretaria Regional do Ambiente e Recursos Naturais vai promover um debate sobre a praia do Porto Santo, abordando as suas utilizações e as pressões naturais e antrópicas. O evento realiza-se a partir das 14 horas da próxima sexta-feira, no auditório do edifício do Campo da Barca que alberga aquele organismo governamental.

Os oradores convidados são César Andrade e Rui Taborda, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Rui Caldeira, do Observatório Oceânico da Madeira, Joaquim Barbosa, do SIMBIENTE e CESAM, da Universidade de Aveiro, e o madeirense João Baptista, do GEOBIOTEC, FCT e Universidade de Aveiro. Os oradores abordarão, respectivamente, as temáticas "Estudo da dinâmica sedimentar: o conhecimento ao serviço da decisão" (os dois primeiros oradores); "Dinâmica e transporte sedimentar: uma abordagem oceanográfica"; "Monitorização costeira recorrendo a um sistema de vídeo - caso prático" e "Influência antrópica na morfodinâmica costeira da ilha do Porto Santo".

A secretária regional do Ambiente e Recursos Naturais, Susana Prada, fará a intervenção inicial, às 14h15. Seguem-se as intervenções, que culminarão, às 15h45, com uma mesa-redonda.

Wed, 06 Jul 2016 17:04:48 +0200

AVEIRO COMBATE DESERTIFICAÇÃO

A Universidade de Aveiro foi distinguida com o galardão 'Campeões das Zonas Áridas', a 17 de junho, durante as comemorações oficiais do Dia Mundial de Combate à Desertificação, organizado pelo Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), através do Núcleo Regional de Combate à Desertificação Algarve. A distinção deve-se ao trabalho de uma equipa de investigação científica do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), liderada por Celeste Coelho, professora jubilada do Departamento de Ambiente e Ordenamento da UA, que tem promovido o envolvimento dos agentes e das comunidades locais na procura de soluções para a gestão sustentável da terra e dos recursos naturais. ■

Workshop Regional de Lisboa das Estratégias Municipais de Adaptação às Alterações Climáticas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 24/06/2016

Meio: Lisboa E-Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=47fe8811

Nos dias 20 e 21 de junho decorreu, no Auditório dos Serviços Sociais da Câmara Municipal de Lisboa, o Workshop Regional de Lisboa das Estratégias Municipais de Adaptação às Alterações Climáticas, no âmbito do Projeto ClimAdaPT.Local. A Câmara Municipal de Lisboa, com o apoio da Lisboa E-Nova, tem vindo a participar neste Projeto desde o início de 2015, que tem o objetivo principal de apoiar, formar e capacitar Municípios para a elaboração das suas Estratégias de Adaptação às Alterações Climáticas (EMAAC) e a sua integração nas ferramentas de planeamento municipal. Têm vindo a ser desenvolvidos, neste sentido, ferramentas e produtos com o intuito de facilitar a elaboração e a implementação da EMAAC nos 26 Municípios participantes, na expectativa de vir a beneficiar, no futuro, os restantes municípios portugueses. Está prevista, no final do Projeto - esperado para o final do ano de 2016 - a criação de uma Plataforma para a Adaptação Municipal às Alterações Climáticas e ainda uma Rede de Municípios de Adaptação Local às AC, integrando novos municípios e promovendo a troca de experiências. Neste Workshop Regional de "capacitação e disseminação", foram apresentadas as EMAAC, em elaboração, dos Municípios de Torres Vedras, Barreiro, Coruche e Lisboa. Tratou-se também de uma oportunidade para dar a conhecer o trabalho realizado a outros Municípios, de fazer um balanço geral e partilhar experiências, bem como de traçar os últimos passos do projeto. Conforme foi frisado pelo Vereador Sá Fernandes na sessão de abertura, o sucesso da implementação da EMAAC no Município de Lisboa é indissociável de um alargamento das EMAAC aos restantes Municípios da AML, bem como uma boa articulação com as mesmas. O Projeto tem o financiamento do EEA Grants, e do Fundo Português do Carbono (gerido pela APA) e é coordenado pela Faculdade de Ciências (CE3C), envolvendo no seu consórcio ainda os parceiros FCT-UNL, ICS, CESAM, CEDRU, weconsultants, CIBIO, cChange e os Municípios de Almada, Sintra e Cascais.

CISION

Diário de Aveiro

ID: 64992481

23-06-2016

Tiragem: 5550
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 7
Cores: Cor
Área: 16,24 x 17,01 cm²
Corte: 1 de 1

Estratégias contra desertificação valem prémio

Distinção A UA foi reconhecida pelo trabalho de uma equipa de investigação científica do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, liderada por Celeste Coelho, professora jubilada do Departamento de Ambiente e Ordenamento

A Universidade de Aveiro (UA) foi distinguida com o galardão "Campeões das Zonas Áridas". Esta distinção foi atribuída, no passado dia 17, durante as comemorações oficiais do Dia Mundial de Combate à Desertificação, organizado pelo Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), através do Núcleo Regional de Combate à Desertificação Algarve. A atribuição deste galardão, promovido pela Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação, pretende distinguir indivíduos, empresas ou instituições que tenham contribuído de forma revelante para a gestão sustentável da terra.

A distinção deve-se ao trabalho de uma equipa de investigação científica do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), liderada por Celeste Coelho, professora jubilada do Departamento de Ambiente e Ordenamento da UA, que tem promovido o envolvimento dos agentes e das comunidades locais na procura de soluções para a gestão sustentável da terra e dos recursos naturais.

D.R.

Estratégias incluem acções de prevenção da degradação do solo

Este trabalho tem sido desenvolvido nos últimos 10 anos no âmbito de diversos projectos internacionais ("Desertification mitigation and remediation of land. A global approach for local solutions" - DESIRE, "Preventing and Remediating degradation of soils in Europe through Land" - RECARE e "CAtastrophic Shifts in drylands: how Can we prevent ecosystem Degradation" - CASCADE) e nacionais ("Recuperação de Áreas Ardidas" - RAA, "Estratégias de remediação de solos imediatamente após incêndios florestais" - RECOVER e "O papel dos agentes locais no sucesso da política florestal em áreas afectadas por incêndios em Portugal" - FORESTAKE).

O projecto RAA, envolvendo a UA e coordenado pelo Centro de Ecologia Aplicada do Instituto Superior de Agronomia (ISA), entre 2005 e 2011, foi o primeiro deste conjunto. A academia aveirense foi a entidade coordenadora dos projectos RECOVER e FORESTAKE.

Nestes projectos, foram desenvolvidas e implementadas abordagens e metodologias participativas, nas quais a UA já detinha mais de 20 anos de experiência, na tentativa de integrar o conhecimento das comunidades locais, dos agentes e dos cientistas, em prol da aceitação social e a viabilização de estratégias para a gestão sustentável do território e combate à desertificação.

Estas estratégias incluem acções de prevenção e mitigação da degradação do solo, afectado por incêndios florestais.

Estratégias contra desertificação valem prémio

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 23/06/2016

Meio: Diário de Aveiro Online

URL: http://www.diarioaveiro.pt/noticia/7176

A Universidade de Aveiro (UA) foi distinguida com o galardão "Campeões das Zonas Áridas". Esta distinção foi atribuída, no passado dia 17, durante as comemorações oficiais do Dia Mundial de Combate à Desertificação, organizado pelo Insti-tuto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), através do Núcleo Regional de Combate à Desertificação Algarve. A atribuição deste galardão, promovido pela Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação, pretende distinguir indivíduos, empresas ou instituições que tenham contribuído de forma revelante para a gestão sustentável da terra. A distinção deve-se ao trabalho de uma equipa de investigação científica do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), liderada por Celeste Coelho, professora jubilada do Departamento de Ambiente e Ordenamento da UA, que tem promovido o envolvimento dos agentes e das comunidades locais na procura de soluções para a gestão sustentável da terra e dos recursos naturais. Leia a notícia completa na edição em papel.

CISION

Correio do Vouga

ID: 65032058

22-06-2016

Tiragem: 2500
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 6
Cores: Preto e Branco
Área: 16,62 x 8,96 cm²
Corte: 1 de 1

UA participa em projeto europeu de qualidade

A Universidade de Aveiro (UA), através de uma equipa de investigação do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Departamento de Ambiente e Ordenamento, liderada por Myriam Lopes, é um dos 16 parceiros do projeto CLAiR-City que visa envolver ativamente cidadãos europeus de seis países europeus na avaliação do impacto individual na qualidade do ar e emissões de CO2 das cidades onde desenvolvem o seu dia-a-dia.

Liderado pela empresa holandesa "Trinomics", que obteve um financiamento de 6,7 milhões de euros através do programa "Horizonte 2020", o projeto, com a duração de quatro anos, irá usar ferramentas inovadoras como aplicações e jogos para telemóveis e tablets, desenvolvidas para ajudar os cidadãos na definição de políticas e medidas que melhorem a qualidade do ar e a saúde das cidades.

A equipa da UA participará no desenvolvimento e aplicação de ferramentas para quantificar o impacto do comportamento dos cidadãos na qualidade do ar e emissões de CO2, exposição à poluição e efeitos na saúde, para todos os casos de estudo. A equipa da UA trabalhará em conjunto com a Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro (CIRA) no estudo do caso da Região de Aveiro, bem como no envolvimento dos cidadãos e entidades locais no projeto.

Na Europa, cerca de 400.000 pessoas morrem anualmente devido à poluição do ar. Mais de um terço dos europeus que habitam em cidades estão expostos a níveis de poluentes que excedem os padrões de qualidade do ar da União Europeia, e cerca de 90 por cento são afetados se forem consideradas as linhas de orientação da Organização Mundial de Saúde.

Universidade de Aveiro distinguida pela investigação em estratégias contra a desertificação

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 22/06/2016

Meio: Gazeta Rural Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=1007bf6d

A Universidade de Aveiro (UA) foi distinguida com o galardão "Campeões das Zonas Áridas". Esta distinção foi atribuída a 17 de Junho, durante as comemorações oficiais do Dia Mundial de Combate à Desertificação, organizado pelo Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), através do Núcleo Regional de Combate à Desertificação Algarve. A atribuição deste galardão, promovido pela Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação, pretende distinguir indivíduos, empresas ou instituições que tenham contribuído de forma revelante para a gestão sustentável da terra. A distinção deve-se ao trabalho de uma equipa de investigação científica do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), liderada por Celeste Coelho, professora jubilada do Departamento de Ambiente e Ordenamento da UA, que tem promovido o envolvimento dos agentes e das comunidades locais na procura de soluções para a gestão sustentável da terra e dos recursos naturais. Este trabalho tem sido desenvolvido nos últimos 10 anos no âmbito de diversos projectos internacionais ("Desertification mitigation and remediation of land. A global approach for local solutions" - DESIRE, "Preventing and Remediating degradation of soils in Europe through Land" - RECARE e "CAtastrophic Shifts in drylands: how CAn we prevent ecosystem Degradation" - CASCADE) e nacionais ("Recuperação de Áreas Ardidas" - RAA, "Estratégias de remediação de solos imediatamente após incêndios florestais" - RECOVER e "O papel dos agentes locais no sucesso da política florestal em áreas afectadas por incêndios em Portugal" - FORESTAKE). O projecto RAA, envolvendo a UA e coordenado pelo Centro de Ecologia Aplicada do Instituto Superior de Agronomia (ISA), entre 2005 e 2011, foi o primeiro deste conjunto. A academia aveirense foi a entidade coordenadora dos projectos RECOVER e FORESTAKE. Nestes projectos foram desenvolvidas e implementadas abordagens e metodologias participativas, nas quais a UA já detinha mais de 20 anos de experiência, na tentativa de integrar o conhecimento das comunidades locais, dos agentes e dos cientistas, em prol da aceitação social e a viabilização de estratégias para a gestão sustentável do território e combate à desertificação. Estas estratégias incluem acções de prevenção e mitigação da degradação do solo, afectado por incêndios florestais.

22 Junho, 2016

Gazeta Rural

Green Savers - Universidade de Aveiro distinguida pela investigação em estratégias contra a desertificação

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 22/06/2016

Meio: Green Savers Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=e1f35540

A Universidade de Aveiro (UA) foi distinguida com o galardão "Campeões das Zonas Áridas", distinção atribuída a 17 de Junho durante as comemorações oficiais do Dia Mundial de Combate à Desertificação, organizado pelo Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF) através do Núcleo Regional de Combate à Desertificação Algarve. A atribuição deste galardão, promovido pela Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação, pretende distinguir indivíduos, empresas ou instituições que tenham contribuído de forma revelante para a gestão sustentável da terra.

A distinção deve-se ao trabalho de uma equipa de investigação científica do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), liderada por Celeste Coelho, professora jubilada do Departamento de Ambiente e Ordenamento da UA, que tem promovido o envolvimento dos agentes e das comunidades locais na procura de soluções para a gestão sustentável da terra e dos recursos naturais.

Este trabalho tem sido desenvolvido, nos últimos 10 anos, no âmbito de diversos projectos internacionais ("Desertification mitigation and remediation of land. A global approach for local solutions" - DESIRE, "Preventing and Remediating degradation of soils in Europe through Land" - RECARE e "CAtastrophic Shifts in drylands: how CAn we prevent ecosystem Degradation" - CASCADE) e nacionais ("Recuperação de Áreas Ardidas" - RAA, "Estratégias de remediação de solos imediatamente após incêndios florestais" - RECOVER e "O papel dos agentes locais no sucesso da política florestal em áreas afectadas por incêndios em Portugal" - FORESTAKE). O projeto RAA, envolvendo a UA e coordenado pelo Centro de Ecologia Aplicada do Instituto Superior de Agronomia (ISA), entre 2005 e 2011, foi o primeiro deste conjunto. A academia aveirense foi a entidade coordenadora dos projetos RECOVER e FORESTAKE.

Segundo a UA, nestes projectos foram desenvolvidas e implementadas abordagens e metodologias participativas, nas quais a UA já detinha mais de 20 anos de experiência, na tentativa de integrar o conhecimento das comunidades locais, dos agentes e dos cientistas, em prol da aceitação social e a viabilização de estratégias para a gestão sustentável do território e combate à desertificação. Estas estratégias incluem acções de prevenção e mitigação da degradação do solo, afectado por incêndios florestais.

Ambiente desertificaçã

Partilhar
facebook twitter google+ pinterest linkedin email

[embedded content]
Tweet

Universidade de Aveiro distinguida pela investigação em estratégias contra a desertificação.

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 21/06/2016

Meio: Rádio Terra Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=f83112c1

A Universidade de Aveiro (UA) foi distinguida com o galardão "Campeões das Zonas Áridas". Esta distinção foi atribuída a 17 de junho, durante as comemorações oficiais do Dia Mundial de Combate à Desertificação, organizado pelo Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), através do Núcleo Regional de Combate à Desertificação Algarve. A atribuição deste galardão, promovido pela Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação, pretende distinguir indivíduos, empresas ou instituições que tenham contribuído de forma revelante para a gestão sustentável da terra. A distinção deve-se ao trabalho de uma equipa de investigação científica do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), liderada por Celeste Coelho, professora jubilada do Departamento de Ambiente e Ordenamento da UA, que tem promovido o envolvimento dos agentes e das comunidades locais na procura de soluções para a gestão sustentável da terra e dos recursos naturais. Este trabalho tem sido desenvolvido nos últimos 10 anos no âmbito de diversos projetos internacionais ("Desertification mitigation and remediation of land. A global approach for local solutions" - DESIRE, "Preventing and Remediating degradation of soils in Europe through Land" - RECARE e "CAtastrophic Shifts in drylands: how CAn we prevent ecosystem Degradation" - CASCADE) e nacionais ("Recuperação de Áreas Ardidas" - RAA, "Estratégias de remediação de solos imediatamente após incêndios florestais" - RECOVER e "O papel dos agentes locais no sucesso da política florestal em áreas afetadas por incêndios em Portugal" - FORESTAKE). O projeto RAA, envolvendo a UA e coordenado pelo Centro de Ecologia Aplicada do Instituto Superior de Agronomia (ISA), entre 2005 e 2011, foi o primeiro deste conjunto. A academia aveirense foi a entidade coordenadora dos projetos RECOVER e FORESTAKE. Nestes projetos foram desenvolvidas e implementadas abordagens e metodologias participativas, nas quais a UA já detinha mais de 20 anos de experiência, na tentativa de integrar o conhecimento das comunidades locais, dos agentes e dos cientistas, em prol da aceitação social e a viabilização de estratégias para a gestão sustentável do território e combate à desertificação. Estas estratégias incluem ações de prevenção e mitigação da degradação do solo, afetado por incêndios florestais.

2016-06-21 18:52

CISION

Diário de Aveiro

ID: 64753589

06-06-2016

Tiragem: 5550
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 6
Cores: Preto e Branco
Área: 26,20 x 30,20 cm²
Corte: 1 de 1

Engenharia do Ambiente na UA: construir o desenvolvimento sustentável na prática

Universidade de Aveiro A instituição de ensino criou um dos primeiros cursos nesta área no país. O percurso tem-se traduzido na melhor taxa de empregabilidade em Engenharia do Ambiente

A preocupação com a inovação e a qualidade têm marcado a história da formação em Engenharia do Ambiente na Universidade de Aveiro (UA).

A UA foi pioneira na área do ambiente, ao criar um dos primeiros cursos superiores no país. Focada permanentemente nas necessidades do mercado, da sociedade e nos desafios globais que a humanidade enfrenta, a UA foi granjeando prestígio na formação, na prestação de serviços e na investigação sobre ambiente, a nível nacional e internacional. O percurso tem-se traduzido na melhor taxa de empregabilidade em Engenharia do Ambiente, no país.

Desde a criação da formação em Engenharia do Ambiente na UA, em 1976, a estratégia da universidade aveirense "foi pensada para responder aos desafios ambientais e está marcada pela evolução da política de ambiente", afirmou Carlos Borrego, director do Departamento de Ambiente e Ordenamento (DAO) da UA e antigo ministro do Ambiente e Recursos Naturais, na abertura da X Conferência Nacional do Ambiente.

O curso em Engenharia do Ambiente da UA festejava os 35 anos. Aos reptos da sociedade e do ambiente, sucederam-se adaptações do plano de estudo e nas áreas de investigação, investindo-se nos desafios trazidos por conceitos emergentes como desenvolvimento sustentável ou alterações climáticas.

D.R.

A Universidade de Aveiro foi pioneira na área do ambiente

Hoje, o Mestrado Integrado em Engenharia do Ambiente leccionado no DAO, procura diagnosticar disfunções ambientais e propor soluções para as prevenir, tendo em conta a sua viabilidade técnica-financeira e aceitação pela sociedade. Os estudantes adquirem competências para responder aos desafios da profissão, nomeadamente ao nível da gestão, concepção e desenvolvimento de acções, procurando a eficiência no uso de recursos e o aperfeiçoamento do ciclo de vida dos produtos numa perspectiva de economia circular.

Reconhecimento

O Mestrado permite obter um certificado no final dos primeiros três anos, equiparado à Licenciatura em Ciências de Engenharia do Ambiente, possibilitando a opção por uma actividade profissional de nível intermédio, ou o ingresso num segundo ciclo de formação universitária compatível. A formação em Engenharia do Ambiente da UA é reconhecida pela Agência de Acreditação e Avaliação do Ensino Superior (A3Es). Tem sido também objecto de reconhecimento pela Ordem dos Engenheiros a nível nacional e europeu através do selo europeu EUR-ACE.

Os engenheiros do Ambiente da UA estão habilitados a assumir funções de quadros superiores nas mais variadas áreas industriais e organizacionais do sector público ou privado: empresas industriais, de projecto, de consultoria e prestação de serviços; administração central, regional e local; organismos públicos e privados relacionados com o ambiente; laboratórios e institutos de investigação.

Abordagem ambiental integrada

Para além da formação nos três níveis de ensino – Mestrado Integrado, dos quatro cursos de 2.º ciclo (mestrados), um deles internacional, e dos quatro cursos de doutoramento –, o DAO desenvolve investigação no Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM). Das diversas áreas de investigação destacam-se a monitorização e modelação da qualidade do ar, as tecnologias de controlo da poluição do ar, a saúde e poluição, a biomassa e energia, a gestão e valorização de resíduos, o tratamento e valorização da água; o planeamento e avaliação ambiental, a ecologia industrial e os sistemas de gestão ambiental. Presta também serviços à comunidade através do Instituto de Ambiente e Desenvolvimento (IDAD), em áreas como a qualidade do ar interior, auditorias ambientais e de controlo, monitorização ambiental e de impactes, estudos de planeamento estratégico ou abordagem ambiental integrada.

Depoimentos

Inês Caria
Aluna do 3.º ano do Mestrado Integrado de Engenharia do Ambiente

"Entrei em 1.ª opção e não poderia estar mais satisfeita com a minha decisão".

Ramona Barcherini
Italiana em regime Erasmus no Mestrado Integrado de Engenharia do Ambiente

"Apesar das diferenças (em relação à Itália), a simpatia das pessoas e a proximidade e compreensão dos professores ajudam a superar as dificuldades de integração. Espero poder voltar... Talvez para um doutoramento...".

Ricardo Carvalho
Aluno de doutoramento

"Aqui, sentimo-nos em casa. Há todas as condições para desenvolver a actividade".

Bluebio Alliance celebra protocolos com sociedades de advogados - Jornal da Economia do Mar

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 03/06/2016

Meio: Jornal da Economia do Mar Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=10cdf0e0

A Bluebio Alliance (BBA) celebrou ontem dois protocolos com as sociedades de advogados Miranda & Associados e Vieira D'Almeida & Associados. Segundo apurámos, o protocolo com a primeira sociedade prevê descontos significativos e benefícios para os membros da BBA e o acordo com a segunda prevê uma bolsa de horas de serviços que a sociedade prestará à BBA. Ambas as sociedades prestam serviços relacionados com a economia do mar desde há anos e mantêm equipas especializadas nesta área, designadamente, em matérias relacionadas com o ordenamento de espaço marítimo, patentes, concessões, constituição de sociedades, propriedade industrial, entre outras. À margem da assinatura do acordo, a Vieira D'Almeida & Associados anunciou também que vai promover em breve um workshop para os associados sobre aspectos jurídicos e não só, relacionados com o percurso desde a inovação à comercialização, que estará a cargo de uma equipa da sociedade, e com uma linguagem acessível aos participantes. Os protocolos e o anúncio foram feitos durante a 2ª Conferência Anual da BBA, no âmbito do Oceans Business Week, mais um grande encontro da economia do mar, que decorre até amanhã no Centro de Congressos de Lisboa. A conferência foi inaugurada pelo presidente da Câmara Municipal de Cascais (CMC), Carlos Carreiras, que admitiu que "a BBA e os seus membros estão a criar uma nova economia", numa alusão à economia do mar, e destacou o papel de uma "nova geração de decisores políticos", que considerou estar a reverter o declínio a que Portugal votou o mar desde há vários anos. O autarca recordou que foi no concelho de Cascais que, há um ano, "com a nossa intervenção, foi criada a BBA" e que estavam ali para celebrar "o seu crescimento e o seu contributo para a economia do mar no concelho e no país". Acrescentou que Cascais começa a ter condições para ter o seu próprio cluster do mar, "que começa a ser uma realidade". Carlos Carreiras aproveitou ainda a ocasião para salientar que estão em curso três realidades políticas que constituem uma oportunidade para Portugal e a BBA: a análise do pedido de extensão da plataforma continental por Portugal nas Nações Unidas, a criação de um mercado europeu da energia e a negociação do Transatlantic Trade and Investment Partnership (Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento) entre a Europa e os Estados Unidos. Todas reforçarão a centralidade do Atlântico, "que já é a primeira auto-estrada comercial do mundo", referiu o presidente da CMC. Helena Vieira, Directora Executiva da BBA, interveio para fazer o balanço de um ano de actividade da associação, que em rigor só completará 12 meses de existência em 31 de Julho. E destacou os 19 eventos e workshops promovidos pela BBA, a angariação de parcerias, financiamento e apoio logístico, a submissão de projectos a programas de financiamento e a divulgação da sua actividade nos meios de comunicação social. Houve também lugar a uma apresentação de entidades e empresas associadas à BBA: Matereo, MARE - Instituto Politécnico de Leiria, Seaweed Innovcation Company, CESAM - Universidade de Aveiro, OceanVision, ALGAPlus, CENTI - Center for Nanotechnology and Smart Materials (Universidade de Famalicão), URCHINLAND, CIIMAR, BIG EYE- Smart Fishing Software e ONEOCEAN TV. Participaram igualmente a Microsoft Portugal, cujo representante apresentou o programa Ativar Portugal, uma iniciativa que desenvolve em conjunto com os seus principais parceiros para potenciar a tecnologia como motor de crescimento económico e estimular o aumento da empregabilidade e de novas oportunidades de negócio, o BPI, que tem trabalhado de perto com a BBA, e o fundo de investimento Faber Venture.

Fri, 03 Jun 2016 02:05:44 +0200

CISION

Público

ID: 64509625

19-05-2016 | Exlibris - Comunicação & Informação

Tiragem: 33028
País: Portugal
Period.: Bimestral
Âmbito: Informação Geral

Pág: 16
Cores: Cor
Área: 25,70 x 17,60 cm²
Corte: 1 de 1

Departamento de Geociências da Universidade de Aveiro

Nova Licenciatura em Geologia na Universidade de Aveiro: Uma formação para o desenvolvimento sustentável da sociedade

Sendo uma Ciência que se dedica ao estudo da Terra, dos materiais que a formam e da maneira como estão distribuídos, "a Geologia está na base do desenvolvimento sustentável da sociedade. Tudo aquilo com que lidamos no nosso dia a dia tem relação, direta ou indireta, com o substrato geológico. Por isso, na minha perspetiva, certos conceitos geológicos deveriam, inclusive, ser considerados como basilares da cultura geral de qualquer cidadão", começa por afirmar José Francisco Santos, diretor do Departamento de Geociências da Universidade de Aveiro (DG-UA).

Com o objetivo de capacitar diplomados com formação científica e técnica nesta área essencial para o funcionamento de qualquer sociedade desenvolvida, a Universidade de Aveiro disponibilizará, a partir do próximo ano letivo, um novo curso: a Licenciatura em Geologia.

Boas perspetivas ao nível da empregabilidade

Com duração de três anos, a Licenciatura em Geologia visa proporcionar uma formação de qualidade numa área fundamental à economia, à proteção ambiental e à defesa do património natural. Para tal, o Plano Curricular assenta em áreas de formação que vão desde a Geologia até outras Ciências fundamentais como a Matemática, a Física e a Química. A par disso, "apresentamos disciplinas muito direcionadas para o conhecimento das rochas, dos minerais e das estruturas geológicas, mas também vamos dar muita importância aos recursos minerais – quer não metálicos, quer metálicos – aos recursos hídricos e aos recursos energéticos. Um aspeto verdadeiramente diferenciador deste Curso é a inclusão de uma disciplina de Geomedicina no terceiro ano. O DG-UA tem sido pioneiro, ao nível nacional, nesta área e queremos começar a difundir o nosso conhecimento e a despertar o gosto dos alunos para este domínio logo no 1º Ciclo de Estudos", explica José Francisco Santos.

Para além de dominarem as matérias, ao longo da Licenciatura, os alunos vão aprender também a trabalhar com as ferramentas informáticas e laboratoriais essenciais no exercício da sua profissão. Aliás, fazendo jus à identidade pedagógica do Departamento, a Licenciatura em Geologia assume-se como um Curso com elevada competência prática. Ao seu dispor, os alunos terão instalações, laboratórios e equipamentos modernos que "permitem fazer o acompanhamento da introdução dos conceitos teóricos com a prática de trabalhos que são essenciais na Geologia".

Sabes todas as curiosidades sobre a formação do planeta Terra? Interessas-te por temas como rochas e minerais? És fascinado pela gestão dos recursos naturais, em prol da preservação do meio ambiente? Sonhas descobrir uma forma mais sustentável de rentabilizar as matérias-primas? Então, acabaste de descobrir a tua vocação: Tu queres ser geólogo!

A proficiência pedagógica do Departamento está fortemente ancorada na qualidade da investigação que é realizada nas unidades científicas associadas, como GeoBioTec (Geobiociências, Geotecnologias e Geoengenharias) e o CESAM (Centro de Estudos do Mar e do Ambiente).

Quanto às saídas profissionais, são vários os caminhos possíveis após concluir a Licenciatura. "Quando se pensa em trabalhar na área de Geologia faz-se uma associação imediata às empresas ligadas à exploração de recursos minerais, mas a empregabilidade pode ir muito além disso. A Geologia é fundamental noutras áreas como, por exemplo, na planificação de obras de Engenharia Civil, em especial nas de grande envergadura. E, para além destes domínios considerados mais tradicionais, hoje em dia, a Geologia está-se a afirmar como uma área vital noutros contextos como a defesa do ambiente, a investigação no domínio oceânico e a proteção do património natural e edificado. Além disso, tendo em conta a dinâmica atual do mercado de trabalho, o facto de a Licenciatura em Geologia incluir formação básica noutras áreas permitirá grande flexibilidade aos diplomados que, com efeito, terão facilidade em cooperar com especialistas noutros ramos da Ciência e em envolver-se em trabalhos que não são centrados em Geologia", realça o entrevistado.

Para os que, após concluírem a Licenciatura, procurarem uma formação mais especializada e completa, o DG-UA disponibiliza diversos cursos de 2º Ciclo, destacando-se o Mestrado em Geomateriais e Recursos Geológicos que tem uma ligação muito forte com esta Licenciatura ●

UA colabora no Doutoramento em Gestão e Políticas Ambientais da Universidade de Cabo Verde

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 17/05/2016

Meio: Universidade de Aveiro Online - Jornal Online

URL: http://uaonline.ua.pt/pub/detail.asp?c=46389&lg=pt

Investigadora do CESAM, Myriam Lopes, é representante da UA na REALP

Myriam Lopes, docente do Departamento de Ambiente e Ordenamento e investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro (UA), esteve na Cidade da Praia (Cabo Verde) para lecionar aulas do Doutoramento em Gestão e Políticas Ambientais (DGPA), no âmbito da Rede de Estudos Ambientais de Países de Língua Portuguesa (REALP). A ação decorreu de 8 a 14 de maio, ao abrigo do protocolo de colaboração existente entre a UA e a Universidade de Cabo Verde.

Myriam Lopes é, desde 2011, representante da UA na REALP e diretora de curso do Mestrado em Gestão e Políticas Ambientais, promovido pela associação das universidades de Aveiro, Évora e Nova de Lisboa, cuja edição atual decorre na UA.

A investigadora lecionou, em Cabo Verde, aulas da unidade curricular Mudanças Climáticas, Desertificação, Desastres Naturais do Doutoramento em Gestão e Políticas Ambientais.

O DGPA nasceu no âmbito de uma parceria internacional - a Rede de Estudos Ambientais de Países de Língua Portuguesa (REALP) - para dar resposta às necessidades de formação avançada de docentes da Universidade de Cabo Verde e técnicos e profissionais de diversas áreas e instituições, capacitando-os para dar resposta aos desafios ambientais e desenvolvimento que se colocam a este país, em particular em cenário de alterações climáticas. O curso conta com o apoio financeiro da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), que financia a deslocação de docentes das universidades portuguesas da REALP que colaboram na lecionação de várias disciplinas.

A Uni-CV é ainda apoiada pela Fundação Calouste Gulbenkian. A colaboração da UA neste curso será garantida pelas docentes Myriam Lopes e Teresa Fidélis, ambas do Departamento de Ambiente e Ordenamento.

Recorde-se que a REALP (http://www.realp.uevora.pt/) foi criada em 1997 (na altura com a denominação de Rede Luso-Brasileira de Estudos Ambientais - RLBEA) com o objetivo global de promover a cooperação científica na área do ambiente e do desenvolvimento sustentável entre Portugal e o Brasil, e com um objetivo específico de implementar um curso de Mestrado em Gestão e Políticas Ambientais em ambos os países. Nesse sentido foi estabelecido um protocolo entre diferentes instituições governamentais e universitárias. Pelo lado português assinaram o protocolo, as universidades de Aveiro, de Évora, dos Açores, Nova de Lisboa, o Ministério do Ambiente e a Junta Nacional de Investigação Científico e Tecnológico, atual FCT (órgão com vinculo ao Ministério da Educação e Ciência); pelo lado brasileiro assinaram o protocolo, as universidades de Brasília, do Amazonas, Federal de Santa Catarina, Federal de Pernambuco, o Ministério do Meio Ambiente, o CNPq e a CAPES.

Em 2011, durante o XIV Encontro anual da Rede, realizado no Recife, o Conselho Superior da RLBEA,

no âmbito de suas atribuições protocolares, oficializou como membros efetivos, a Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique), a Universidade Agostinho Neto (Angola), a Universidade de Cabo Verde e também a Universidade de Lisboa (Portugal), expandindo a sua atividade para a África lusófona. Nessa mesma Reunião, com a adesão dos novos membros, foi decidido alterar o nome da Rede para "Rede de Estudos Ambientais dos Países de Língua Portuguesa - REALP". Em 2014, passaram a integrar a rede o Ministério do Ambiente, Habitação e Ordenamento do Território de Cabo Verde, o Instituto Politécnico de Tomar, a Universidade do Ceará.

Aveiro debate "Uso Inteligente das Funções do Solo"

Tipo Meio: Internet **Data Publicação:** 08/05/2016

Meio: AgroNegócios Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=ec1b84ba

A 10 de maio de 2016, o Anfiteatro do Edifício III da Universidade de Aveiro, acolhe o workshop "Contribuições do CESAM para o uso inteligente e inovador das funções do solo", destinado a todos os potenciais interessados do meio académico e empresarial. Este workshop será constituído 3 sessões temáticas com apresentações e discussão, seguidas de uma mesa redonda para discussão das oportunidades de financiamento e enquadramento dos temas abordados nas áreas prioritárias da RIS3, programas de financiamento regionais/nacionais e H2020. Pretende-se com esta discussão promover a divulgação do conhecimento gerado no CESAM, o estabelecimento de eventuais parcerias e a divulgação das oportunidades de financiamento nesta área , salientam os promotores. A participação é gratuita, mas a inscrição é obrigatória.

08 Maio 2016, domingo

Workshop "Contribuições do CESAM para o Uso Inteligente das Funções do Solo"

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 05/05/2016

Meio: Gazeta Rural Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=52ac8183

plant growth sequence:new life growing in spring 10 Maio 2016, Edifício III, Universidade de Aveiro No próximo dia 10 de maio, no Anfiteatro do Edifício III da Universidade de Aveiro, irá decorrer o Workshop "Contribuições do CESAM para o uso inteligente e inovador das funções do solo", destinado a todos os potenciais interessados do meio académico e empresarial. Este workshop será constituído 3 sessões temáticas com apresentações e discussão, seguidas de uma mesa redonda para discussão das oportunidades de financiamento e enquadramento dos temas abordados nas áreas prioritárias da RIS3, programas de financiamento regionais/nacionais e H2020. Pretende-se com esta discussão promover a divulgação do conhecimento gerado no CESAM, o estabelecimento de eventuais parcerias e a divulgação das oportunidades de financiamento nesta área (Programa em Anexo). A participação é gratuita, mas a inscrição é obrigatória AQUI.

5 Maio, 2016

Gazeta Rural

Investigadora da UA na direção da EURODOC

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 05/05/2016

Meio: Notícias de Aveiro Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=9f26703a

Ana Luís, investigadora de Pós-Doutoramento no GeoBioTec e no CESAM, integra a nova direção da European Council of Doctoral Candidates and Junior Researchers (EURODOC), eleita durante a assembleia geral realizada em abril, no Luxemburgo, tendo ficado responsável pela coordenação do grupo "Social Media & Newsletter".

Fundada em Girona (Espanha) em 2002, a EURODOC é uma organização internacional que integra 35 associações nacionais de doutorandos e jovens investigadores de 34 países da União Europeia e do Conselho da Europa, sendo a única entidade europeia a representar investigadores na primeira fase da carreira académica(ler artigo).

Ambiente em 2015

http://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=69b75618-2da1-46ac-a6fa-4de404bbe104&userId=a6079098-0d0e-4e9b-b442-7b339d8fce66

«Biosfera» sobre o ambiente em 2015.
Declarações de João Roquette, CEO da Herdade do Esporão, Nuno Gaspar, consultor na área da conservação e ambiente, João Gil Pedreira da Associação Celtus, Carlos Pimenta da Plataforma para o Crescimento Sustentável Pedro Garrett, investigador CIAM, FCUL, Ana Monteiro, professora catedrática do Departamento de Geografia Universidade do Porto, Oliveira Fernandes da FEUP, Martin Tangney fundador da Celtic Renewables, Francisco Flórido, formador e consultor em agricultura da Associação Terra Solta, Susana Loureiro, investigadora CESAM da Universidade de Aveiro, e Carlos Carrapato, do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas.

Investigadora da UA participa em estudo da Comissão Europeia sobre Áreas Marinhas Protegidas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 22/04/2016

Meio: Notícias de Aveiro Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=1c133c1f

Fátima Lopes Alves, docente no Departamento Ambiente e Ordenamento (DAO) da Universidade de Aveiro (UA) e investigadora no Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), foi convidada a integrar a equipa de 'Experts' no estudo da Comissão Europeia sobre "A Cooperação entre o Norte e Sul - a dimensão transatlântica das Áreas Marinhas Protegidas".

A Comissão Europeia criou um novo projeto para promover a cooperação entre os gestores de Áreas Marinhas Protegidas (AMPs) nos países da Bacia do Atlântico (ler artigo).

Biólogo da UA publica na Nature alerta para as espécies invasoras

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 19/04/2016

Meio: Universidade de Aveiro Online - Jornal Online

URL: http://uaonline.ua.pt/pub/detail.asp?c=46087&lg=pt

João Carvalho, estudante de Doutoramento do Departamento de Biologia

João Carvalho, da Unidade de Vida Selvagem do Departamento de Biologia e do CESAM da Universidade de Aveiro (UA), em colaboração com um grupo de investigadores da Universidade do Porto (UP), publicou na última edição da prestigiada revista Nature um artigo que expõe a inércia da União Europeia face às espécies exóticas e alerta para a necessidade de uma cooperação transfronteiriça no controlo da vespa-asiática.

"O número de espécies exóticas identificadas no território Europeu ultrapassa, atualmente, o milhar", aponta João Carvalho, a frequentar o segundo ano do Programa Doutoral em Biologia da UA. Um dos casos mais mediáticos é o da vespa-asiática (Vespa velutina nigrithorax). "Esta espécie ocupa atualmente uma área significativa da Bacia Mediterrânica, um reconhecido hotspot de biodiversidade. Os seus potenciais impactos ecológicos são já reconhecidos pela comunidade científica. Em regiões onde a apicultura se assume como uma importante fonte de rendimento, os impactes económicos da vespa-asiática podem ser especialmente severos", diz o investigador que no artigo de opinião contou com a colaboração dos investigadores da UP Frederico Santarém, Ana Bessa, Alberto Gomes e José Grosso-Silva.

"Esta espécie ainda não foi oficialmente classificada como invasora e o estabelecimento de um plano coordenado entre membros da União Europeia e entidades diretamente interessadas, que vise o controlo da sua expansão e mitigação dos seus impactes, tarda em ser discutido", aponta João Carvalho.

Para além deste aspeto, os autores salientam a importância da sensibilização ambiental como ferramenta para a conservação de outros insetos polinizadores. O receio generalizado dos apicultores e o consequente uso indiscriminado de armadilhas pouco seletivas são fatores que podem determinar o declínio de muitas outras espécies de polinizadores.

O artigo pode ser consultado através do link http://www.nature.com/nature/journal/v532/n7598/full/532177b.html

CISION

Diário de Aveiro

ID: 63880265

06-04-2016

Tiragem: 5550
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 7
Cores: Preto e Branco
Área: 25,77 x 18,28 cm²
Corte: 1 de 1

David e Slavka voaram da UA... até aterrar na NASA

Testemunho Após 15 anos na UA, David Carvalho foi convidado para a NASA, onde está ainda Slavka, a sua esposa, que era também investigadora da UA

O ano de 2015 trouxe uma revolução na vida de David Carvalho, na altura investigador do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM). Bem se pode dizer que a NASA se atravessou no seu caminho. "Quando se recebe uma oferta de trabalho de uma instituição deste tipo, é praticamente irrecusável mesmo que se hesite devido à grande mudança que implica". Depois de 15 anos na UA, onde fez todas as etapas dos estudos académicos, mudou-se para Maryland, onde trabalha desde o início de 2016. "Sempre tive a ambição de um dia ter uma experiência profissional assim", desabafa David Carvalho - cuja esposa, Slavka, também é investigadora na NASA (ver texto ao lado).

D.R.

David e Slavka conheceram-se na UA e trabalham na NASA

David Carvalho trabalha no grupo de modelação do tempo/clima (NASA Global Modelling and Assimilation Office, GMAO), estudando modelos de previsão do tempo. Outra das vertentes do trabalho é a investigação de futuras tecnologias de instrumentação meteorológica a bordo de satélites, simulando o impacto que as mesmas poderão ter na área da meteorologia e climatologia, e estimando o custo-benefício das várias tecnologias idealizadas.

O ex-aluno da UA não esquece as primeiras vezes que atravessou os corredores do edifício de Ciências Terrestres e Planetárias da NASA, passando os olhos nas portas dos gabinetes onde se sucediam os nomes que David conhecia de publicações científicas e de citações nos artigos que produzia. "Conhecer pessoalmente e trabalhar com estes cientistas de topo é uma experiência que fica na memória".

Mas David também não esquece a UA onde passou 15 anos da sua vida, onde se licenciou em Meteorologia e Oceanografia Física e em Engenharia do Ambiente, fez mestrado em Meteorologia e Oceanografia Física e doutoramento em Física, e trabalhou como investigador. "Foi aqui que, além de adquirir conhecimentos, aprendi a investigar e a trabalhar em equipa." O investigador destaca, para além dos conhecimentos técnicos e científicos, o saber transversal e o que se estende para além de área científica específica de estudo. "Uma das competências mais importantes é 'aprender a investigar'", salienta.

Da Eslováquia à NASA, com passagem pela UA

D.R.

Slavka é uma investigadora várias vezes distinguida no seu país

CIÊNCIA A eslovaca Slavka Carvalho Andrejkovičová, várias vezes distinguida como jovem investigadora no seu país, esteve na UA a trabalhar no GeoBioTec, Departamento de Geociências (DGeo), entre 2009 e 2015, e depois em duas temporadas de intercâmbio de cientistas sob orientação de Fernando Rocha, do DGeo. No GeoBioTec dedicava-se ao desenvolvimento de novos materiais de construção para a conservação e reabilitação de património e edifícios históricos.

Slavka está agora no Planetary Environments Laboratory da NASA, a trabalhar, no "subgrupo" responsável pela análise dos dados instrumentais medidos pelo Sample Analysis at Mars (SAM) - um conjunto de instrumentos a bordo do rover Curiosity, em Marte. O seu trabalho centra-se na procura/criação e análise de minerais terrestres que mostrem características geoquímicas análogas aos minerais encontrados pelo SAM em Marte.

O Curiosity envia resultados instrumentais e a equipa da NASA procura na Terra (ou sintetiza no laboratório) materiais que mostrem os mesmos resultados, para melhor compreender a composição dos materiais presentes em Marte.

A investigadora elogia as "fantásticas" condições de trabalho do centro onde trabalha, o equipamento do melhor que há, a forma de trabalhar das pessoas e da sua atitude: "São cientistas de topo a nível mundial, mas muito simpáticos e amigáveis", resume.

Universidade de Aveiro: Fátima Lopes Alves participa em estudo da Comissão Europeia sobre Áreas Marinhas Protegidas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 22/03/2016

Meio: Notícias de Aveiro Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=deaa140f

Fátima Lopes Alves, docente no Departamento Ambiente e Ordenamento (DAO) da Universidade de Aveiro (UA) e investigadora no Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), foi convidada a integrar a equipa de 'Experts' no estudo da Comissão Europeia sobre A Cooperação entre o Norte e Sul - a dimensão transatlântica das Áreas Marinhas Protegidas.

A Comissão Europeia criou um novo projeto para promover a cooperação entre os gestores de Áreas Marinhas Protegidas (AMPs) nos países da Bacia do Atlântico. O estudo realizar-se-á durante 2 anos e pretende estimular o intercâmbio e a partilha de boas práticas de gestão, no sentido de melhorar a gestão eficaz das AMPs nas zonas costeiras e offshore do espaço Atlântico (ler artigo).

Green Savers - Estudo de investigadora portuguesa sobre sacarrabos faz capa da Mammalian Biology

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 09/03/2016

Meio: Green Savers Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=e776833

Um estudo realizado a partir da uma tese de doutoramento de Tânia Barros, defendida na Universidade de Aveiro (UA) e que comprava e explica geneticamente a origem da expansão de sacarrabos pela Península Ibérica, é a capa do mais recente número da revista Mammalian Biology. Já se sabia que o sacarrabos não foi trazido pelos árabes para a Península Ibérica e expandiu-se a partir da população do norte de África, mas este estudo genético agora publicado comprova e explica geneticamente a origem da expansão. A ocorrência de sacarrabos na zona norte do país e não apenas na região sul, como era comum há algumas décadas, tem vindo a suscitar a curiosidade dos investigadores de ecologia animal sobre esta espécie que existe em África, no Médio Oriente e que, na Europa, só existe na Península Ibérica. Nesse sentido, investigadores da UA procederam ao estudo da genética populacional do sacarrabos de forma a clarificar, em termos evolutivos, quais as consequências dessa expansão. Já eram conhecidos estudos que mostravam a origem norte-africana do sacarrabos ibérico e que não seria possível a espécie existir na Península apenas a partir do período da presença árabe. Mas o trabalho agora publicado na Mammalian Biology, que mereceu fotografia de capa e teve por base a tese de doutoramento de Tânia Barros, com orientação do docente e investigador Carlos Fonseca, permitiu relacionar os padrões genéticos da espécie com a sua expansão registada na Península Ibérica. Tânia Barros, Universidade de Aveiro. Demonstrou-se, explica Tânia Barros, que a recente expansão do sacarrabos moldou os próprios padrões genéticos da espécie em Portugal, revelando que a população de sacarrabos do sul apresenta uma maior diversidade genética, resultados estes que são consentâneos com a presença num tempo mais longo nessa zona de Portugal. A espécie permaneceu durante um largo período de tempo na região sul da Península Ibérica, o que permitiu o aparecimento de nova informação genética nessa população, levando ao aumento da diversidade. Contrariamente, as populações de sacarrabos amostradas nas áreas do centro e norte do país - que correspondem a áreas recentemente colonizadas pela espécie - apresentam uma menor diversidade genética, panorama consentâneo com o padrão da expansão conhecida desta população. Travessia há dezenas de milhar de anos Adicionalmente, afirma ainda a investigadora, os resultados provenientes das análises genéticas demonstraram que a dispersão da espécie para zonas do centro e norte do país ocorreu a partir de várias "subpopulações-fonte" distribuídas pelo sul do território nacional, levando os investigadores a concluírem que, provavelmente, existem várias rotas de expansão da espécie, através das quais o sacarrabos colonizou os territórios do centro e do norte do país. O sacarrabos, defende Tânia Barros com base em estúdios anteriores, terá passado do norte de África para a Península Ibérica durante um período da história da Terra em que a distância entre os dois territórios e o nível da água o permitia. Ou seja, durante o Pleistoceno Médio e o Pleistoceno Superior, de 2,5 milhões a 11,5 mil anos atrás, em que se sucederam várias glaciações. A expansão na Península, nomeadamente em Portugal, terá sido favorecida, acrescenta ainda a recém-doutorada da UA, pelas alterações climáticas, pelo abandono da atividade agrícola em certas zonas, com a consequente expansão do matagal. A taxa de reprodução elevada e uma alimentação variada, embora se saiba que o coelho tem um papel importante na dieta, também contribuem para o alargamento do padrão de distribuição geográfica da espécie. Parceria nacional e internacional O estudo intitulado "Mitochondrial demographic history of the Egyptian mongoose (Herpestes ichneumon), an expanding carnivore in the Iberian Peninsula" foi realizado com o contributo de várias entidades e decorreu no âmbito das atividades do Centro de Estudos do

Ambiente e do Mar (CESAM), laboratório associado, e do Departamento de Biologia da UA. Nele participaram também investigadores das universidades de Montpellier e de Évora. Publicado na Mammalian Biology de março, o trabalho contou com o apoio de inúmeras instituições, nomeadamente do CESAM, da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), do Museu Nacional de História Natural de Paris, do Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária (INIAV, IP). e do Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF). Sendo o sacarrabos uma espécie cinegética no território português, este estudo contou ainda com o apoio de vários organismos ligados à caça, como a Federação Portuguesa de Caça (FENCAÇA), a Associação Nacional de Proprietários Rurais (ANPC) e a Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses (CNCP). A tese de doutoramento de Tânia Barros, "Molecular ecology of the Egyptian mongoose (Herpestes ichneumon) in Portugal: Understanding establishment and ongoing processes of a successful carnivore", na base deste estudo, foi defendida no final do ano passado. Biodiversidade investigação Partilhar facebook twitter google+ pinterest linkedin email [embedded content] Tweet

Estudo da UA destacado na "Mammalian Biology"

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 09/03/2016

Meio: Região de Águeda Online

URL: http://www.regiaodeagueda.com/site/estudo-da-ua-destacado-na-mammalian-biology/

Já se sabia que o sacarrabos não foi trazido pelos árabes para a Península Ibérica e expandiu-se a partir da população do norte de África, mas um estudo genético da Universidade de Aveiro (UA) agora publicado comprova e explica geneticamente a origem da expansão Já se sabia que o sacarrabos não foi trazido pelos árabes para a Península Ibérica e expandiu-se a partir da população do norte de África, mas um estudo genético da Universidade de Aveiro (UA) agora publicado comprova e explica geneticamente a origem da expansão. O estudo foi realizado a partir de uma tese de doutoramento defendida na UA, com base na análise de ADN mitocondrial, e mereceu destaque na revista "Mammalian Biology". A ocorrência de sacarrabos na zona norte do país e não apenas na região sul, como era comum, há algumas décadas, tem vindo a suscitar a curiosidade dos investigadores de ecologia animal sobre esta espécie que existe em África, no Médio Oriente e que, na Europa, só existe na Península Ibérica. Nesse sentido, investigadores da UA procederam ao estudo da genética populacional do sacarrabos de forma a clarificar, em termos evolutivos, quais as consequências dessa expansão. Já eram conhecidos estudos que mostravam a origem norte-africana do sacarrabos ibérico e que não seria possível a espécie existir na Península apenas a partir do período da presença árabe. Mas o trabalho agora publicado na Mammalian Biology que mereceu fotografia de capa e teve por base a tese de doutoramento de Tânia Barros, com orientação do docente e investigador Carlos Fonseca, permitiu relacionar os padrões genéticos da espécie com a sua expansão registada na Península Ibérica. Tânia Barros Demonstrou-se, explica Tânia Barros, que a recente expansão do sacarrabos moldou os próprios padrões genéticos da espécie em Portugal, revelando que a população de sacarrabos do sul apresenta uma maior diversidade genética, resultados estes que são consentâneos com a presença num tempo mais longo nessa zona de Portugal. A espécie permaneceu durante um largo período de tempo na região sul da Península Ibérica, o que permitiu o aparecimento de nova informação genética nessa população, levando ao aumento da diversidade. Contrariamente, as populações de sacarrabos amostradas nas áreas do centro e norte do país - que correspondem a áreas recentemente colonizadas pela espécie - apresentam uma menor diversidade genética, panorama consentâneo com o padrão da expansão conhecida desta população. TRAVESSIA HÁ DEZENAS DE MILHAR DE ANOS Adicionalmente, afirma ainda a investigadora, os resultados provenientes das análises genéticas demonstraram que a dispersão da espécie para zonas do centro e norte do país ocorreu a partir de várias "subpopulações-fonte" distribuídas pelo sul do território nacional, levando os investigadores a concluírem que, provavelmente, existem várias rotas de expansão da espécie, através das quais o sacarrabos colonizou os territórios do centro e do norte do país. O sacarrabos, defende Tânia Barros com base em estúdios anteriores, terá passado do norte de África para a Península Ibérica durante um período da história da Terra em que a distância entre os dois territórios e o nível da água o permitia. Ou seja, durante o Pleistoceno Médio e o Pleistoceno Superior, de 2,5 milhões a 11,5 mil anos atrás, em que se sucederam várias glaciações. A expansão na Península, nomeadamente em Portugal, terá sido favorecida, acrescenta ainda a recém-doutorada da UA, pelas alterações climáticas, pelo abandono da atividade agrícola em certas zonas, com a consequente expansão do matagal. A taxa de reprodução elevada e uma alimentação variada, embora se saiba que o coelho tem um papel importante na dieta, também contribuem para o alargamento do padrão de distribuição geográfica da espécie. PARCERIA NACIONAL E INTERNACIONAL O estudo intitulado "Mitochondrial demographic history of the Egyptian mongoose (Herpestes ichneumon), an expanding carnivore in the Iberian Peninsula" foi realizado com o contributo de várias entidades e decorreu no âmbito das atividades do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), laboratório associado, e

do Departamento de Biologia da UA. Nele participaram também investigadores das universidades de Montpellier e de Évora. Publicado na Mammalian Biology de março, o trabalho contou com o apoio de inúmeras instituições, nomeadamente do CESAM, da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), do Museu Nacional de História Natural de Paris, do Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária (INIAV, IP). e do Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF). Sendo o sacarrabos uma espécie cinegética no território português, este estudo contou ainda com o apoio de vários organismos ligados à caça, como a Federação Portuguesa de Caça (FENCAÇA), a Associação Nacional de Proprietários Rurais (ANPC) e a Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses (CNCP). A tese de doutoramento de Tânia Barros, "Molecular ecology of the Egyptian mongoose (Herpestes ichneumon) in Portugal: Understanding establishment and ongoing processes of a successful carnivore", na base deste estudo, foi defendida no final do ano passado.

sobre 1 hora atrás

UA apresenta estudo sobre sacarrabos na Península.

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 09/03/2016

Meio: Rádio Terra Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=3edcca55

Estudo da UA sobre sacarrabos na Península destacado na "Mammalian Biology". Já se sabia que o sacarrabos não foi trazido pelos árabes para a Península Ibérica e expandiu-se a partir da população do norte de África, mas um estudo genético da Universidade de Aveiro (UA) agora publicado comprova e explica geneticamente a origem da expansão. O estudo foi realizado a partir de uma tese de doutoramento defendida na UA, com base na análise de ADN mitocondrial, e mereceu destaque na revista "Mammalian Biology". A ocorrência de sacarrabos na zona norte do país e não apenas na região sul, como era comum, há algumas décadas, tem vindo a suscitar a curiosidade dos investigadores de ecologia animal sobre esta espécie que existe em África, no Médio Oriente e que, na Europa, só existe na Península Ibérica. Nesse sentido, investigadores da UA procederam ao estudo da genética populacional do sacarrabos de forma a clarificar, em termos evolutivos, quais as consequências dessa expansão. Já eram conhecidos estudos que mostravam a origem norte-africana do sacarrabos ibérico e que não seria possível a espécie existir na Península apenas a partir do período da presença árabe. Mas o trabalho agora publicado na Mammalian Biology que mereceu fotografia de capa e teve por base a tese de doutoramento de Tânia Barros, com orientação do docente e investigador Carlos Fonseca, permitiu relacionar os padrões genéticos da espécie com a sua expansão registada na Península Ibérica. Demonstrou-se, explica Tânia Barros, que a recente expansão do sacarrabos moldou os próprios padrões genéticos da espécie em Portugal, revelando que a população de sacarrabos do sul apresenta uma maior diversidade genética, resultados estes que são consentâneos com a presença num tempo mais longo nessa zona de Portugal. A espécie permaneceu durante um largo período de tempo na região sul da Península Ibérica, o que permitiu o aparecimento de nova informação genética nessa população, levando ao aumento da diversidade. Contrariamente, as populações de sacarrabos amostradas nas áreas do centro e norte do país - que correspondem a áreas recentemente colonizadas pela espécie - apresentam uma menor diversidade genética, panorama consentâneo com o padrão da expansão conhecida desta população. Adicionalmente, afirma ainda a investigadora, os resultados provenientes das análises genéticas demonstraram que a dispersão da espécie para zonas do centro e norte do país ocorreu a partir de várias "subpopulações-fonte" distribuídas pelo sul do território nacional, levando os investigadores a concluírem que, provavelmente, existem várias rotas de expansão da espécie, através das quais o sacarrabos colonizou os territórios do centro e do norte do país. O sacarrabos, defende Tânia Barros com base em estúdios anteriores, terá passado do norte de África para a Península Ibérica durante um período da história da Terra em que a distância entre os dois territórios e o nível da água o permitia. Ou seja, durante o Pleistoceno Médio e o Pleistoceno Superior, de 2,5 milhões a 11,5 mil anos atrás, em que se sucederam várias glaciações. A expansão na Península, nomeadamente em Portugal, terá sido favorecida, acrescenta ainda a recém-doutorada da UA, pelas alterações climáticas, pelo abandono da atividade agrícola em certas zonas, com a consequente expansão do matagal. A taxa de reprodução elevada e uma alimentação variada, embora se saiba que o coelho tem um papel importante na dieta, também contribuem para o alargamento do padrão de distribuição geográfica da espécie. O estudo intitulado "Mitochondrial demographic history of the Egyptian mongoose (Herpestes ichneumon), an expanding carnivore in the Iberian Peninsula" foi realizado com o contributo de várias entidades e decorreu no âmbito das atividades do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), laboratório associado, e do Departamento de Biologia da UA. Nele participaram também investigadores das universidades de Montpellier e de Évora. Publicado na Mammalian Biology de março, o trabalho contou com o apoio de inúmeras instituições, nomeadamente do CESAM, da Fundação para a Ciência e

Tecnologia (FCT), do Museu Nacional de História Natural de Paris, do Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária (INIAV, IP). e do Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF). Sendo o sacarrabos uma espécie cinegética no território português, este estudo contou ainda com o apoio de vários organismos ligados à caça, como a Federação Portuguesa de Caça (FENCAÇA), a Associação Nacional de Proprietários Rurais (ANPC) e a Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses (CNCP). A tese de doutoramento de Tânia Barros, "Molecular ecology of the Egyptian mongoose (Herpestes ichneumon) in Portugal: Understanding establishment and ongoing processes of a successful carnivore", na base deste estudo, foi defendida no final do ano passado. Texto e foto:UA

2016-03-09 14:14

Estudo da UA sobre sacarrabos na Península destacado na "Mammalian Biology"

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 09/03/2016

Meio: VerPortugal Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=3b7d8100

Já se sabia que o sacarrabos não foi trazido pelos árabes para a Península Ibérica e expandiu-se a partir da população do norte de África, mas um estudo genético da Universidade de Aveiro (UA) agora publicado comprova e explica geneticamente a origem da expansão. O estudo foi realizado a partir de uma tese de doutoramento defendida na UA, com base na análise de ADN mitocondrial, e mereceu destaque na revista "Mammalian Biology" A ocorrência de sacarrabos na zona norte do país e não apenas na região sul, como era comum, há algumas décadas, tem vindo a suscitar a curiosidade dos investigadores de ecologia animal sobre esta espécie que existe em África, no Médio Oriente e que, na Europa, só existe na Península Ibérica. Nesse sentido, investigadores da UA procederam ao estudo da genética populacional do sacarrabos de forma a clarificar, em termos evolutivos, quais as consequências dessa expansão. Já eram conhecidos estudos que mostravam a origem norte-africana do sacarrabos ibérico e que não seria possível a espécie existir na Península apenas a partir do período da presença árabe. Mas o trabalho agora publicado na Mammalian Biology que mereceu fotografia de capa e teve por base a tese de doutoramento de Tânia Barros, com orientação do docente e investigador Carlos Fonseca, permitiu relacionar os padrões genéticos da espécie com a sua expansão registada na Península Ibérica. Demonstrou-se, explica Tânia Barros, que a recente expansão do sacarrabos moldou os próprios padrões genéticos da espécie em Portugal, revelando que a população de sacarrabos do sul apresenta uma maior diversidade genética, resultados estes que são consentâneos com a presença num tempo mais longo nessa zona de Portugal. A espécie permaneceu durante um largo período de tempo na região sul da Península Ibérica, o que permitiu o aparecimento de nova informação genética nessa população, levando ao aumento da diversidade. Contrariamente, as populações de sacarrabos amostradas nas áreas do centro e norte do país - que correspondem a áreas recentemente colonizadas pela espécie - apresentam uma menor diversidade genética, panorama consentâneo com o padrão da expansão conhecida desta população. Travessia há dezenas de milhar de anos Adicionalmente, afirma ainda a investigadora, os resultados provenientes das análises genéticas demonstraram que a dispersão da espécie para zonas do centro e norte do país ocorreu a partir de várias "subpopulações-fonte" distribuídas pelo sul do território nacional, levando os investigadores a concluírem que, provavelmente, existem várias rotas de expansão da espécie, através das quais o sacarrabos colonizou os territórios do centro e do norte do país. O sacarrabos, defende Tânia Barros com base em estúdios anteriores, terá passado do norte de África para a Península Ibérica durante um período da história da Terra em que a distância entre os dois territórios e o nível da água o permitia. Ou seja, durante o Pleistoceno Médio e o Pleistoceno Superior, de 2,5 milhões a 11,5 mil anos atrás, em que se sucederam várias glaciações. A expansão na Península, nomeadamente em Portugal, terá sido favorecida, acrescenta ainda a recém-doutorada da UA, pelas alterações climáticas, pelo abandono da atividade agrícola em certas zonas, com a consequente expansão do matagal. A taxa de reprodução elevada e uma alimentação variada, embora se saiba que o coelho tem um papel importante na dieta, também contribuem para o alargamento do padrão de distribuição geográfica da espécie. Parceria nacional e internacional O estudo intitulado "Mitochondrial demographic history of the Egyptian mongoose (Herpestes ichneumon), an expanding carnivore in the Iberian Peninsula" foi realizado com o contributo de várias entidades e decorreu no âmbito das atividades do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), laboratório associado, e do Departamento de Biologia da UA. Nele participaram também investigadores das universidades de Montpellier e de Évora. Publicado na Mammalian Biology de março, o trabalho contou com o apoio de inúmeras instituições, nomeadamente do CESAM, da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), do

Museu Nacional de História Natural de Paris, do Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária (INIAV, IP). e do Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF). Sendo o sacarrabos uma espécie cinegética no território português, este estudo contou ainda com o apoio de vários organismos ligados à caça, como a Federação Portuguesa de Caça (FENCAÇA), a Associação Nacional de Proprietários Rurais (ANPC) e a Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses (CNCP). A tese de doutoramento de Tânia Barros, "Molecular ecology of the Egyptian mongoose (Herpestes ichneumon) in Portugal: Understanding establishment and ongoing processes of a successful carnivore", na base deste estudo, foi defendida no final do ano passado. Galeria

09 Março 2016 |por VerPortugal

Investigação não chega ao mar profundo de Portugal por falta de financiamento - Marina Cunha, investigadora da UA

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 03/03/2016

Meio: Notícias de Aveiro Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=326ef765

O Presidente da República, Cavaco Silva, preside esta quinta-feira, a uma reunião do Conselho de Ministros, a pedido do Primeiro-Ministro.

A agenda será totalmente dedicada aos assuntos do mar, uma das prioridades do programa eleitoral do PS. Em cima da mesa, vários diplomas relacionados com a temática marítima.

Portugal é dos países onde o financiamento para a investigação do mar profundo (mais de 200 metros) conheceu mais cortes nos últimos anos a pretexto da crise económica.

E não dá sinais de voltar a crescer. O que para um país que faz da 'Economia Azul' e da sua plataforma continental portuguesa, uma das suas principais bandeiras, é um mau indicador.

O alerta da bióloga Marina Cunha, investigadora na Universidade de Aveiro (UA), está reproduzido no relatório europeu "Ir mais Fundo: Desafios Cruciais da Investigação do Mar Profundo no Século XXI" apresentado no Verão passado e continua atual.

"Temos uma extensão muito grande de mar, praticamente todo de mar profundo, que necessita de estudo e conservação ou saber como os recursos - o petróleo, o gás ou o minério - podem ser utilizados de forma sustentada, atendendo a problemas de conservação do meio natural", disse a investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar - CESAM [].

Os melhores cientistas portugueses da área estão, de resto, ocupados com projetos internacionais em outros mares. A UA, por exemplo, dá contributos para estudos no Pacífico, entre outros pontos do globo.

Os fundos comunitários do programa 2020, muito vocacionados para as empresas, também devem passar ao lado dos centros de investigação como acontece em Aveiro, onde a universidade local é obrigada a recorrer a alternativas de financiamento.

CISION

Caça Caes de Caça

ID: 63255598

01-03-2016

Tiragem: 10700
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Lazer

Pág: 52
Cores: Cor
Área: 19,00 x 26,50 cm²
Corte: 1 de 7

caça maior

Gestão cinegética e stress fisiológico em populações de veado

nos ecossistemas mediterrânicos da Península Ibérica

CISION

Caça Cães de Caça

ID: 63255598

01-03-2016

Tiragem: 10700
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Lazer

Pág: 53
Cores: Cor
Área: 19,00 x 26,50 cm²
Corte: 2 de 7

Podemos prever, intuitivamente, que diferentes práticas de gestão cinegética terão diferentes efeitos ou consequências sobre as populações silvestres, sejam elas o alvo principal dessa mesma gestão ou não. Esses efeitos podem ser múltiplos – diretos ou indiretos, positivos ou negativos – e ter diferentes graus de impacto sobre os indivíduos e populações.

TEXTO: JOÃO P.V. SANTOS (1, 2) E CARLOS FONSECA (1)
(1) DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA & CESAM, UNIVERSIDADE DE AVEIRO, CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SANTIAGO, 3810-193 AVEIRO, PORTUGAL
(2) SANIDAD Y BIOTECNOLOGÍA (SABIO), INSTITUTO DE INVESTIGACIÓN EN RECURSOS CINEGÉTICOS (IREC, CSIC-UCLM-JCCM), RONDA DE TOLEDO S/N, 13005 CIUDAD REAL, ESPANHA
FOTOS: SHUTTERSTOCK E ARQUIVO

Unidade vida selvagem

dbio universidade de aveiro departamento de biologia

CISION

Caça Caes de Caça

ID: 63255598

01-03-2016

Tiragem: 10700
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Lazer

Pág: 54
Cores: Cor
Área: 19,00 x 26,50 cm²
Corte: 3 de 7

Os impactos podem manifestar-se ao nível fisiológico, comportamental e genético dos indivíduos, afetando, consequentemente, a dinâmica das populações. **Uma avaliação fidedigna dos efeitos da gestão cinegética requer uma monitorização contínua das populações** e o registo rigoroso do tipo e características dessa gestão, de maneira a poder relacionar os dados dessas duas componentes. Só assim se poderá inferir verdadeiramente sobre os impactos da gestão praticada, sendo também possível e mais fácil ajustá-la de acordo com as necessidades.

DENSIDADE DE ANIMAIS

Existe, de um modo geral, uma curiosidade predominante por parte de caçadores e gestores de caça **em saber quantos animais existem numa determinada área**, mas o conhecimento da densidade/abundância de animais é apenas um dos aspetos relevantes para a gestão, não devendo, por isso, ser visto como um elemento exclusivo

É necessário também considerar fontes de perturbação no ambiente que podem afetar o estado fisiológico das espécies

ou como o mais importante. Já na primeira metade do século passado, o norte-americano Aldo Leopold, considerado por muitos como o pioneiro da gestão da vida silvestre nos Estados Unidos, afirmava, no seu livro intitulado *Game Management* (1933), que "a composição da população e a condição dos animais que a compõem é, muitas vezes, tão importante quanto o seu número e pode influenciar as várias etapas do processo de gestão". De facto, sabemos que **estimativas do tamanho de uma população**, *per se*, **não permitem tirar ilações** acerca das relações entre uma determinada espécie e o seu *habitat*/meio ambiente. Neste sentido, é fundamental que os dados de abundância possam ser complementados por uma **avaliação da condição física dos animais** (que inclui, *lato sensu*, parâmetros fisiológicos, estado sanitário, condição nutricional, capacidade reprodutora, etc.). As **densidades populacionais e a condição física dos indivíduos numa população estão intimamente associadas**, mas esta relação não se manifesta, geralmente, da mesma forma em locais distintos, porque existem outros fatores (variáveis) que entram no sistema alterando essa relação. A este nível, podemos destacar, desde logo, variações na produtividade da vegetação, fornecimento de alimentação suplementar e/ou competição entre espécies com requisitos ecológicos semelhantes, como alguns exemplos.

Os níveis de stress fisiológico foram, em média, mais elevados em áreas onde os métodos de caça envolveram a realização de eventos de caça massivos (com vários caçadores e matilhas).

FONTES DE PERTURBAÇÃO

Para além de tudo isto, é necessário também considerar fontes de perturbação no ambiente que podem afetar o estado fisiológico das espécies, as quais podem ter efeitos aditivos ou interagir com alguns dos fatores anteriormente referidos. Portanto, idealmente, a **monitorização das populações silvestres**, neste caso particular daquelas sujeitas a exploração cinegética, deverá ser o mais abrangente e multidisciplinar possível.

Sobretudo na última década, a utilização de indicadores que sejam capazes de refletir alterações no ambiente em que as espécies vivem, sejam elas naturais ou induzidas pelo ser humano, tem vindo a ser encorajada no âmbito da gestão das populações de fauna silvestre, incluindo de espécies cinegéticas de caça maior. Esses indicadores, comummente designados por "**indicadores ecológicos**" ou "indicadores de mudança ecológica", incluem, entre outros, indicadores de desempenho individual, tais como medições do **tamanho e peso dos animais, qualidade de troféus e taxas de sucesso reprodutivo**. Também extremamente úteis e cada vez mais usados neste contexto, são os indicadores que refletem

variações no estado nutricional dos indivíduos ou as suas respostas fisiológicas a variações no ambiente. É evidente que há, portanto, nestes indicadores, um foco no "indivíduo" e na sua "condição". Isto deve-se, essencialmente, a uma maior consciencialização sobre a importância de avaliar a condição física dos animais, uma vez que esta influencia os mais diversos aspetos da sua história de vida, com repercussões óbvias ao nível populacional.

O conhecimento dos **fatores ambientais e antropogénicos** que afetam a fisiologia dos animais silvestres, e que podem atuar como agentes de stress, é extremamente importante para apoiar a implementação de medidas de gestão eficazes e sustentáveis. O uso do termo "stress" encontra-se bastante generalizado, apresentando várias definições, muitas vezes ambíguas. No sentido de clarificar, definimos "**stress fisiológico**" como o conjunto de respostas fisiológicas integradas de um organismo a estímulos previsíveis e imprevisíveis (agentes de stress) do ambiente que destabilizam o seu estado de equilíbrio interno (homeostasia). Isto inclui respostas fisiológicas no sentido de lidar com alterações no meio ambiente, tais como perturbações de natureza humana, mas também respostas que são uma antecipação a mudanças previsíveis no ambiente, como, por exemplo, alterações sazonais na temperatura do ar ou na disponibilidade de recursos alimentares. Neste tipo de respostas está envolvido um conjunto de hormonas sintetizadas e segregadas pelas glândulas suprarrenais (adrenais), onde se incluem os glicocorticoides (cortisol, cortisosterona), cujos níveis têm vindo a ser usados como indicadores para avaliar a resposta a agentes de stress em animais domésticos e silvestres. O stress pode ser agudo ou crónico, dependendo do tempo de exposição aos fatores causadores de stress.

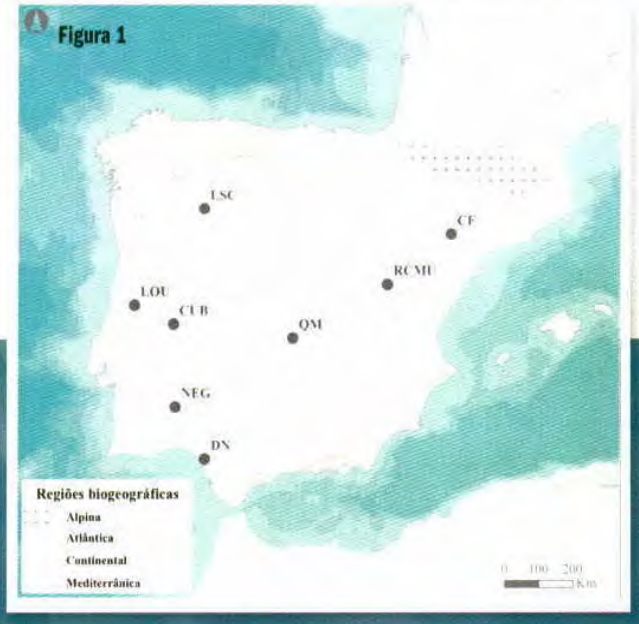
STRESS AGUDO

O stress agudo caracteriza-se por uma resposta rápida aos fatores de stress e funciona como um mecanismo adaptativo de sobrevivência que permite ao animal lidar no imediato com o agente causador de stress, podendo, uma vez passada a perturbação, repor o equilíbrio interno. Este tipo de resposta é benéfica e tem uma função de proteção para o animal. No entanto, quando o agente causador de stress persiste (e isto não implica apenas a presença física desse agente), a secreção de glicocorticoides torna-se elevada e prolongada, passando o stress a ser crónico. Este tipo de stress pode ter inúmeros efeitos adversos nos animais, como supressão da resposta imunitária, tornando-os mais susceptíveis a doenças, bem como efeitos negativos no crescimento e ao nível da reprodução, podendo também, em casos mais extremos, comprometer a sua sobrevivência.

STRESS FISIOLÓGICO

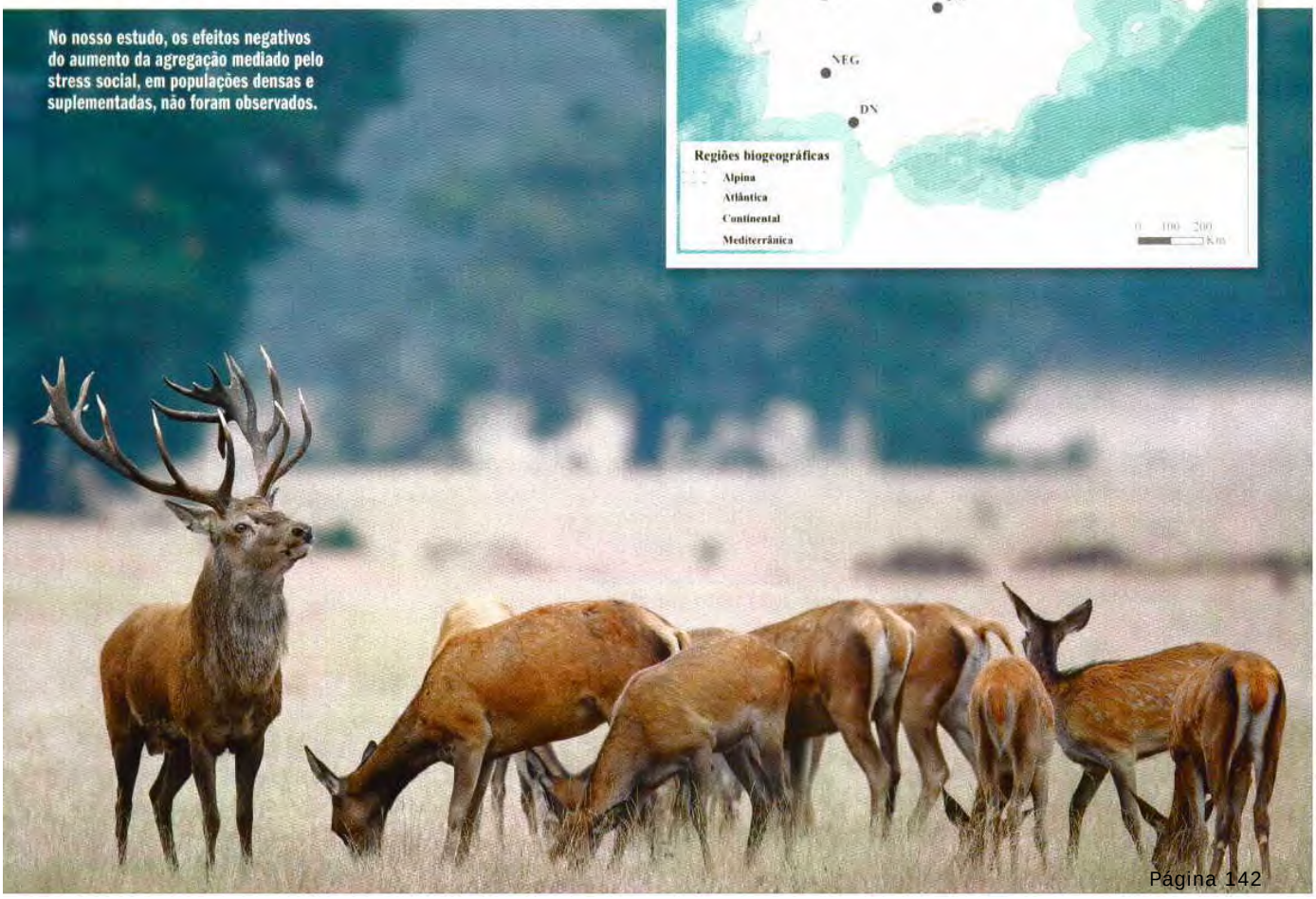
Recentemente, demonstrámos num estudo o impacto que as práticas de gestão cinegética podem ter sobre os níveis de stress fisiológico em veados (*Cervus elaphus*) nos ecossistemas mediterrânicos. O estudo faz parte da tese de doutoramento intitulada "Ecologia e condição física do veado na Península Ibérica: implicações para a gestão", cuja defesa pública teve lugar na Universidade de Aveiro em outubro de 2015. Nesse estudo, avaliámos os efeitos de vários fatores ambientais e de natureza humana nos níveis de stress fisiológico em veados, em oito áreas localizadas na Península Ibérica (**Figura 1**), onde as condições ambientais (regimes de temperatura e precipitação, influências climáticas) e práticas de gestão ▸

Figura 1



Localização das áreas de estudo na Península Ibérica. LSC: Z.C.N. Lombada e R.R.C. Sierra de la Culebra; LOU: Serra da Lousã; CUB: Z.C.T. da Cubeira; NEG: Z.C.T. da Herdade da Negrita Norte; DN: Parque Nacional Doñana; QM: Quintos de Mora; RCMU: R.C. Montes Universales; CF: Cotos de Caspe e Fraga.

No nosso estudo, os efeitos negativos do aumento da agregação mediado pelo stress social, em populações densas e suplementadas, não foram observados.

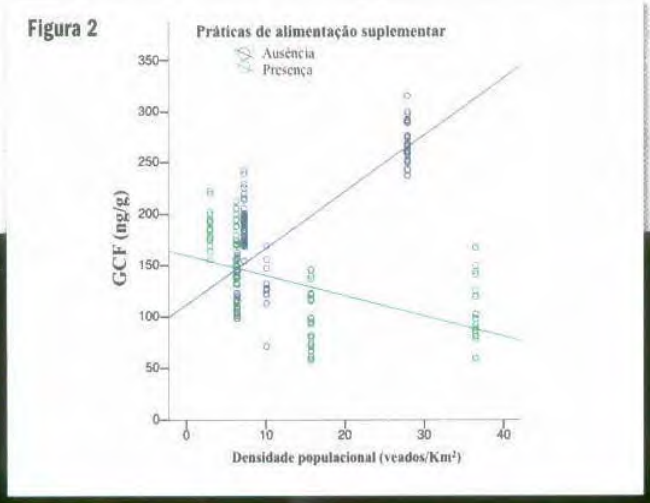


cinegética (tipo de caça, fornecimento de alimentação suplementar e densidades) eram distintas. A amostragem decorreu entre 2010 e 2013, durante três épocas de caça consecutivas. Como indicadores de stress, foram usados os níveis de metabólitos de glicocorticoides medidos em fezes (GCF) recolhidas diretamente de animais caçados. As concentrações de GCF representam uma medida integrada do perfil fisiológico de um animal ao longo de várias horas ou dias e, por esse motivo, podem ajudar no diagnóstico de situações de stress fisiológico prolongado.

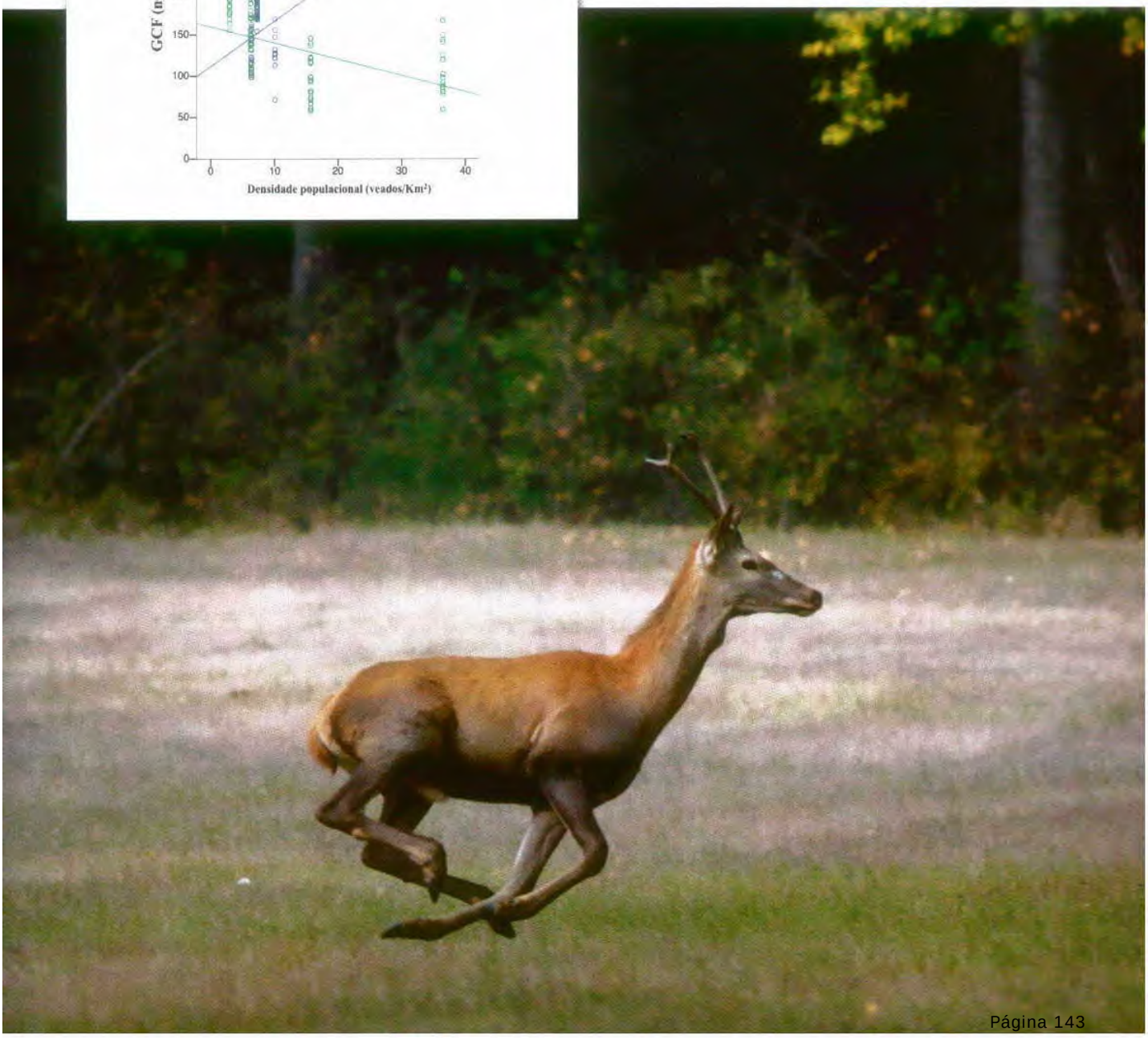
PRÁTICAS DE GESTÃO CINEGÉTICA

Os resultados mostraram que, dos vários fatores avaliados, as práticas de gestão cinegética foram os principais agentes a contribuir para a variação nos níveis de stress nas populações de veado estudadas. Um dos resultados que merece destaque mostrou uma interação entre a densidade populacional e o fornecimento de alimentação suplementar. Verificou-se que em populações não suplementadas os níveis de stress aumentaram com o aumento da densidade populacional, enquanto que uma relação inversa foi observada em populações que receberam alimentação de forma artificial (**Figura 2**). É sabido da literatura científica que elevadas densidades populacionais podem estimular de forma significativa a atividade adrenocortical, seja porque conduzem a um aumento da competição por recursos ou porque, noutros casos, promovem uma maior agregação e interações sociais. Em condições naturais (sem alimentação suplementar), uma redução da disponibilidade de alimento per capita, como consequência do crescimento das populações, conduz a um esgotamento mais rápido das reservas corporais (energéticas) e a um aumento do stress nutricional. Por outro lado, os efeitos negativos das elevadas densidades populacionais nos níveis de stress dos animais são frequentemente mitigados por fornecimento de **alimentação suplementar**. No nosso estudo, os efeitos negativos do aumento da agregação mediado pelo stress social, em

Figura 2



Relação entre densidade populacional (veados/Km2) e concentrações de metabólitos de glicocorticoides fecais (GCF, valores expressados em nanogramas por grama de matéria fecal seca) em populações de veado (Cervus elaphus) não suplementadas (a azul) e suplementadas (a verde).



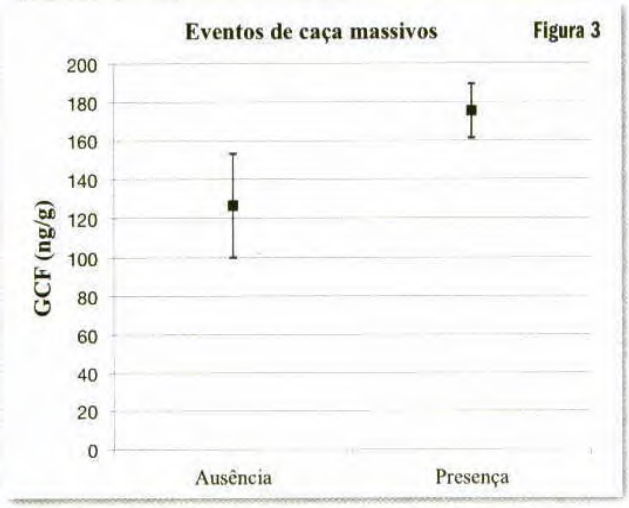
populações densas e suplementadas, não foram observados. Provavelmente, os efeitos positivos da elevada disponibilidade alimentar contrabalançaram o aumento do stress social causado pelas elevadas densidades populacionais. Uma vez que existem casos contraditórios na literatura a este respeito, pensamos que este balanço poderá depender de condições locais específicas e da relevância dos efeitos.

MONTARIAS VERSUS APROXIMAÇÕES

Outro dos resultados de grande importância para a gestão revelou que os níveis de stress fisiológico foram, em média, mais elevados em áreas onde os **métodos de caça** envolveram a realização de eventos de caça massivos (**com vários cães e matilhas**), em **comparação com áreas em que a caça se fazia apenas pelo processo de aproximação**, ou seja, uma caça dirigida a um animal específico, envolvendo, geralmente, um caçador e um guia, ou guardas no caso de controles populacionais (**Figura 3**). Estes resultados são coerentes, uma vez que montarias e batidas produzem maiores níveis de perturbação para a fauna, tendo efeitos proporcionalmente maiores quando repetidos ao longo das épocas de caça. Estudos comportamentais têm demonstrado que **os ungulados podem perceber as atividades de caça como uma ameaça** semelhante àquela causada por predadores silvestres. Nestas circunstâncias, eles aumentam a vigilância, **podendo alterar também os padrões de distribuição e o uso do *habitat***, bem como o seu comportamento alimentar. Os ungulados mostram alterações do comportamento ao longo do ano e fase do dia de acordo com os riscos de serem predados ou caçados. Para além disto, também existem evidências na literatura científica de que os ungulados silvestres ficam menos tolerantes às atividades de caça à medida que as épocas venatórias avançam, o que evidencia a importância da acumulação de experiências prévias no seu comportamento. Outros estudos também têm reportado os efeitos fisiológicos a curto e longo prazo das atividades de caça nos ungulados silvestres. Um trabalho desenvolvido no Reino Unido na década de 1990, descreveu diferenças significativas no estado fisiológico *post mortem* de veados caçados com recurso a diferentes métodos. Os autores observaram níveis de cortisol (e de outros parâmetros fisiológicos) significativamente mais elevados em veados caçados com a ajuda de cães comparativamente com veados caçados por um caçador apenas, e esses parâmetros foram tanto mais elevados quanto maior a extensão e duração das caçadas. Implicitamente, estes resultados sugerem que alguns dos efeitos fisiológicos e da acumulação de experiências (a nível de memória) podem persistir na população sobrevivente durante algum tempo após os eventos de caça. Estes impactos já foram descritos em estudos envolvendo espécies gregárias, com organização social. Por exemplo, uma investigação realizada com elefantes africanos reportou que os níveis de GCF se mantiveram elevados durante aproximadamente um mês após os eventos de caça nos indivíduos sobreviventes de grupos/populações caçadas.

Os efeitos positivos da elevada disponibilidade alimentar contrabalançaram o aumento do stress social causado pelas elevadas densidades populacionais

Os autores observaram níveis de cortisol (e de outros parâmetros fisiológicos) significativamente mais elevados em veados caçados com a ajuda de cães.



Médias marginais estimadas pelo modelo estatístico para as concentrações de metabólitos de glicocorticoides fecais (GCF, valores expressados em nanogramas por grama de matéria fecal seca) em populações de veado (Cervus elaphus) sujeitas a diferentes tipos de perturbação cinegética. À esquerda mostram-se as concentrações médias de GCF em áreas em que a caça é feita pelo método da aproximação (troféu ou seletiva), enquanto que à direita são apresentados os níveis médios de GCF em zonas em que os métodos de caça envolvem vários caçadores e matilhas (montarias ou batidas). As barras representam o erro padrão da média.

CONCLUSÃO

Em suma, o nosso estudo evidencia a importância de considerar as práticas de gestão aquando da avaliação de fatores causadores de stress em populações cinegéticas. Destacam-se também dois resultados com particular interesse para a gestão das populações de veado (e provavelmente de outros ungulados cinegéticos) pelo seu potencial como fontes de stress fisiológico crónico. Em primeiro lugar, o impacto de eventos de caça massivos com recurso a matilhas deve ser tido em conta. A este nível também consideramos que é fundamental a realização de estudos mais direcionados que avaliem os efeitos cumulativos destas práticas no desempenho dos animais e dinâmica das populações. Em segundo lugar, o nosso estudo chama a atenção para os efeitos negativos das elevadas densidades populacionais na condição física dos animais, em particular nos níveis de stress fisiológico. Embora os nossos resultados mostrem que o fornecimento de alimentação suplementar pode minimizar o stress nutricional em populações densas (superabundantes), esta prática não está livre de riscos associados (por exemplo, transmissão de doenças, impactos ao nível dos *habitats*, etc.). Finalmente, esperamos que o aumento do conhecimento sobre estas temáticas, em geral, e sobre o nosso trabalho, em particular, possa servir para melhorar os planos e políticas de gestão de populações de ungulados silvestres. ■

DADOS DA TESE DE DOUTORAMENTO:

João P.V. Santos (2015). Ecologia de condição física do veado na Península Ibérica: implicações para a gestão. Tese de Doutoramento em Biologia, Especialização em Recursos Cinegéticos e Aquícolas. Universidade de Aveiro. 241 pp. Tese realizada sob a supervisão de Carlos Fonseca, da Universidade de Aveiro, e de Christian Gortázar e Joaquín Vicente, da Universidad de Castilla-La Mancha, Espanha.
E-mails para contacto: joaovalente@ua.pt e cfonseca@ua.pt

CISION

ID: 63255598

Caça Cães de Caça

01-03-2016

Tiragem: 10700
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Lazer

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 7,77 x 2,72 cm²
Corte: 7 de 7

CAÇA MAIOR
• VEADOS: MONTARIAS E STRESS FISIOLÓGICO

A especiação dos morcegos noctilionoídeos do Novo Mundo

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 20/02/2016

Meio: Região de Rio Maior Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=ad99c87d

"A especiação" dos morcegos noctilionoídeos "aumentou com adaptações permitindo que um subgrupo pudesse comer frutas que outros não conseguem perfurar" Especiação dos morcegos noctilionoídeos do Novo Mundo ocorreu, afinal, antes do Quaternário. A Investigação é de Danny Rojas, da Unidade de Vida Selvagem, do Departamento de Biologia e do CESAM da Universidade de Aveiro O investigador Danny Rojas com um morcego noctilionoídeo. Uma equipa de biólogos da Universidade de Aveiro (UA) garante que as grandes mudanças climáticas do Quaternário, que se iniciaram há 1,6 milhões de anos, e ao contrário do que até agora era aceite pela comunidade científica, não explicam a diversidade de espécies de noctilionoídeos, um grande grupo de morcegos nos trópicos do Novo Mundo. Os cientistas garantem que, afinal, boa parte das espécies daquele grupo, cuja diversidade não tem paralelo entre os mamíferos, já existia antes daquele período da história da Terra. A revelação foi publicada no último número da Systematic Biology, uma das revistas científicas mais prestigiadas sobre Ciências da Vida. Os ecossistemas terrestres dos trópicos das Américas abrigam mais espécies do que qualquer outro lugar na Terra. O que explica essa extraordinária diversidade? Desde o tempo de Darwin e Wallace que naturalistas e cientistas que estudam a história natural têm proposto várias explicações. Quer pela estabilidade das planícies da Amazónia, ou pelo surgimento de rios que separam populações, as ricas comunidades biológicas do Novo Mundo têm inspirado muitas hipóteses concorrentes. Uma dessas explicações envolve o momento em que as espécies surgiram. O Quaternário, o período geológico que precede o recentemente reconhecido Antropoceno, testemunhou oscilações climáticas cíclicas de períodos interglaciais quentes e húmidos alternando com condições secas e frias ou glaciais. Enquanto as camadas de gelo cobriam apenas as altas montanhas de regiões tropicais, a mudança das condições poderia ter fragmentado os habitats de várzea, levando à evolução de novas espécies ou especiação. Morcego noctilionoídeo da espécie Artibeus jamaicensis (Esta foto e a do Facebook são de Carlos M.) Antes do Quaternário Liderada por Danny Rojas, investigador da Unidade de Vida Selvagem, do Departamento de Biologia e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar da Universidade de Aveiro, que foi apoiado por uma bolsa de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e pelo projeto Dimensões da Biodiversidade da National Science Foundation (NSF), atribuído a Liliana M. Dávalos, a equipa da academia de Aveiro mostra que as mudanças do Quaternário não explicam a diversidade de espécies de um grande grupo de morcegos nos trópicos do Novo Mundo. Em vez disso, garante Danny Rojas, "a especiação aumentou juntamente com adaptações permitindo que um subgrupo desses morcegos pudesse comer frutas que outros morcegos não conseguem perfurar". Os autores do estudo examinaram as mudanças na especiação num grupo de morcegos do Novo Mundo conhecidos como noctilionoídeos, nome dado devido ao nome científico do morcego-pescador. Os morcegos noctilionoídeos das Américas compreendem cerca de 20 por cento das espécies de morcegos do mundo. Além de um bom número de espécies que, como a maioria dos morcegos, se alimentam de insetos, os morcegos noctilionoídeos incluem o morcego-pescador, morcegos vampiros, morcegos carnívoros e até morcegos que se alimentam de anfíbios, morcegos que polinizam flores e muitas espécies especializadas em comer frutas diferentes. Esta diversidade ecológica não tem paralelo entre os mamíferos. Espécie abundante e bem difundida Nas ilhas das Caraíbas e nos trópicos continentais do Novo Mundo, os morcegos noctilionoídeos são abundantes em florestas, savanas, desertos, planícies e montanhas. A sua presença difundida e grande abundância fazem destes morcegos um excelente grupo para examinar a hipótese do Quaternário. Para determinar se a mudança climática ocorrida durante o Quaternário foi uma explicação pertinente, era importante descobrir a distribuição geográfica das espécies ancestrais. Os

autores utilizaram sequências de DNA e modelos de evolução para estimar árvores evolutivas. As árvores, juntamente com modelos de como as espécies evoluem de forma a atingir diferentes regiões geográficas, permitiu aos autores calcular as probabilidades das diferentes espécies ancestrais viveram na América do Sul, nas ilhas das Caraíbas, ou na América Central e América do Norte. Os cientistas descobriram que a capacidade dos morcegos para chegar a novas regiões, ou dispersão, era muito mais importante para a especiação do que quebras entre as regiões, um processo conhecido como vicariância. A maioria das espécies ancestrais das espécies vivas hoje tinha alta probabilidade de ser sul-americana, tornando os morcegos noctilionoídeos relevantes para perceber se o Quaternário foi um período crucial para a especiação nos trópicos do Novo Mundo. Usando as mesmas árvores evolutivas, os autores modelaram como a especiação mudou neste grupo de morcegos. Se o Quaternário foi importante para a formação de novas espécies, muitas mais espécies se originariam durante este período do que o esperado com uma única taxa de especiação ao longo do tempo. No primeiro conjunto de testes, os autores determinaram o número de eventos de especiação antes ou durante o Quaternário que deram origem a espécies vivas hoje. Dezenas de cenários testados A equipa de Danny Rojas descobriu que mais eventos de especiação desses morcegos ocorreram antes do Quaternário do que durante este período. Para se certificarem que esse resultado não foi uma anomalia estatística, eles simularam dezenas de cenários alternativos de especiação e extinção, percebendo que não é possível recriar o padrão observado com uma única taxa de especiação. Posteriormente, os autores modelaram diretamente como as taxas de especiação mudaram ao longo das árvores evolutivas. Estas análises mostraram que as taxas de especiação aumentaram quase 50 por cento, com a evolução de um subgrupo de morcegos há cerca de 18 milhões de anos atrás: a subfamília Stenodermatinae. Esta nova análise testa uma explicação comumente invocada para a biodiversidade nos trópicos das Américas, a hipótese do Quaternário. Em vez de apoiar este mecanismo, os resultados identificam os morcegos stenodermatíneos como um grupo com taxas de especiação excecionalmente altas. Estudos anteriores apoiados pela NSF têm mostrado que os morcegos stenodermatíneos apresentam uma arquitetura especial do crânio que permite grande força na mordida apesar do tamanho pequeno, juntamente com receptores olfativos associados com seus hábitos frugívoros. Investigações que examinam a Árvore da Vida dos morcegos noctilionoídeos a partir de várias dimensões descobrem que características especiais que evoluem devido à seleção natural explicam melhor a especiação do que determinadas épocas geológicas. Como parte de sua investigação de pós-doutoramento, Danny Rojas está agora a investigar como é que a dieta e as adaptações às mudanças climáticas moldaram a evolução deste grupo interessante de morcegos.

2016-02-20T19:12:33+00:00

Estudo científico desenvolvido em Coruche revela que a cortiça retém carbono absorvido na atmosfera

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 16/02/2016

Meio: Correio do Ribatejo Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=8bb56ff

Um estudo divulgado pela Universidade de Aveiro conclui que por cada tonelada de cortiça produzida, o montado sequestra mais de 73 toneladas de dióxido de carbono. O estudo coordenado pela Universidade de Aveiro (UA), o primeiro no país a quantificar a pegada de carbono do sector da cortiça, confirma os poderes ecológicos do sobreiro e do ecossistema que o envolve. A capacidade da própria cortiça de reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro, permite que constitua um reservatório de carbono ao longo do seu ciclo de vida, garantindo que por cada tonelada de cortiça duas de dióxido de carbono sejam sequestradas da atmosfera. Na Herdade da Machuqueira do Grou, em Coruche, o Instituto Superior de Agronomia, parceiro no estudo, registou ao longo dos últimos sete anos a quantidade de dióxido de carbono retirada da atmosfera por um ecossistema de montado (sobreiros, solo e toda a restante vegetação característica dos montados) com uma média de 177 árvores por hectare. No âmbito do estudo, foi também avaliada a quantidade de gases com efeito de estufa emitida pelo sector nacional da cortiça, desde a floresta até ao destino final dos produtos feitos à base de cortiça, incluindo o respectivo processamento industrial, registando-se um saldo "extremamente positivo" para o meio ambiente. "O sector de cortiça é um sumidouro efectivo de gases com efeito de estufa uma vez que o sequestro de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do sector, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça", garante Ana Cláudia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA e coordenadora do trabalho. Segundo Cláudia Dias, "os produtos produzidos a partir de cortiça nacional constituem reservatórios crescentes de carbono, quer durante a sua utilização, quer quando são depositados em aterro, tendo acumulado entre 150 e 250 mil toneladas de dióxido de carbono por ano nos últimos 15 anos". Os números sugerem que "a utilização de produtos de cortiça contribui para a mitigação das alterações climáticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono quer pelo facto de substituírem produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético". Financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, através do Compete, o projecto desenvolveu um modelo de cálculo que permite que os produtos de cortiça passem a ser incluídos nos inventários nacionais de gases com efeito de estufa, tal como já sucede com os produtos de madeira. Adicionado a 16 Fevereiro 2016 Esta notícia foi visualizada 2 vezes Veja o Correio do Ribatejo em formato digital - Clique aqui!

Estudo do CIIMAR recorre a técnicas não destrutivas para análise com percebes

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 16/02/2016

Meio: Universidade do Porto Online - Notícias Universidade do Porto Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=793ab9cc

Ao longo de um ano foram recolhidos para análise 30 indivíduos de Pollicipes pollicipes por mês. Um estudo orientado por Sara Antunes, investigadora do Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental da Universidade do Porto (CIIMAR) e professora da Faculdade de Ciências da U.Porto (FCUP), e por Bruno Nunes, do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM), demonstrou que é possível monitorizar o stress ambiental induzido em indivíduos Pollicipes pollicipes (vulgo percebe), recorrendo a uma abordagem não destrutiva, evitando a morte dos organismos amostrados. Desenvolvido no âmbito da tese de mestrado em Biologia de Ana Sofia Ramos, estudante da FCUP, o estudo "Biomonitoring of environmental stress in Pollicipes pollicipes in the northern coast of Portugal: a non-destructive approach using haemolymph" envolveu a recolha de amostras mensais de percebes na praia de Lavadores no norte de Portugal, ao longo de um ano. As respostas fisiológicas do percebe foram analisadas através da quantificação da atividade enzimática e dos níveis de peroxidação lipídica, em diferentes tecidos do organismo (cirros, pedúnculo e hemolinfa). Adicionalmente foram adotados novos marcadores toxicológicos, tais como a determinação do conteúdo em glicogénio no pedúnculo e a variação no número de hemócitos na hemolinfa (fluido que tem as mesmas funções que o sangue dos vertebrados). Os resultados obtidos indicaram que as variações naturais nos níveis de biomarcadores em P. pollicipes são dependentes dos fatores abióticos, condição que deve ser considerada ao interpretar respostas biológicas induzidas por contaminantes antropogénicos do ambiente marinho costeiro. Para além disso, o estudo demostrou ainda a existência de um padrão de variação sazonal para todos os biomarcadores testados na hemolinfa e nos outros tecidos testados (cirros e pedúnculo). Esta conclusão apoia assim que a hemolinfa pode constituir uma fonte não-letal para as determinações de biomarcadores sendo deste modo uma ferramenta valiosa para futuros estudos ecotoxicológicos. Etiquetas: biologia , CIIMAR , investigação , mar

Terça-feira, 16 de Fevereiro, 2016 | Etiquetas:,,,

RTP 2

ID: 63170242

13-02-2016 02:22

Duração: 00:26:36

OCS: RTP 2 - Biosfera

Preservar a saúde dos solos

http://pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=05b7d100-c69d-4aa5-9048-74e390da7948&userId=a6079098-0d0e-4e9b-b442-7b339d8fce66

Receber o que a terra dá de forma generosa. A fertilidade revela-se na diversidade, na harmonia de cores e plantas robustas, o que está por trás da estabilidade deste ecossistema terrestre? Comentários de Francisco Flórido, Associação Terra Solta; Susana Loureiro e Jacob Keiser, CESAM - Universidade de Aveiro; Tiago Santos, engenheiro do ambiente; Sandra Valente, Recare

CISION

CORREIO DO RIBATEJO

ID: 63181195

12-02-2016

Tiragem: 4000
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 7
Cores: Cor
Área: 19,86 x 16,22 cm²
Corte: 1 de 1

Estudo científico desenvolvido em Coruche revela que a cortiça retém carbono absorvido na atmosfera

Um estudo divulgado pela Universidade de Aveiro conclui que por cada tonelada de cortiça produzida, o montado sequestra mais de 73 toneladas de dióxido de carbono.

O estudo coordenado pela Universidade de Aveiro (UA), o primeiro no país a quantificar a pegada de carbono do sector da cortiça, confirma os poderes ecológicos do sobreiro e do ecossistema que o envolve.

A capacidade da própria cortiça de reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro, permite que constitua um reservatório de carbono ao longo do seu ciclo de vida, garantindo que por cada tonelada de cortiça duas de dióxido de carbono sejam sequestradas da atmosfera.

Na Herdade da Machuqueira do Grou, em Coruche, o Instituto Superior de Agronomia, parceiro no estudo, registou ao longo dos últimos sete anos a quantidade de dióxido de carbono retirada da atmosfera por um ecossistema de montado (sobreiros, solo e toda a restante vegetação característica dos montados) com uma média de 177 árvores por hectare.

No âmbito do estudo, foi também avaliada a quantidade de gases com efeito de estufa emitida pelo sector nacional da cortiça, desde a floresta até ao destino final dos produtos feitos à base de cortiça, incluindo o respectivo processamento industrial, registando-se um saldo "extremamente positivo" para o meio ambiente.

"O sector de cortiça é um sumidouro efectivo de gases com efeito de estufa uma vez que o sequestro de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do sector, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça", garante Ana Cláudia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA e coordenadora do trabalho.

Segundo Cláudia Dias, "os produtos produzidos a partir de cortiça nacional constituem reservatórios crescentes de carbono, quer durante a sua utilização, quer quando são depositados em aterro, tendo acumulado entre 150 e 250 mil toneladas de dióxido de carbono por ano nos últimos 15 anos".

Os números sugerem que "a utilização de produtos de cortiça contribui para a mitigação das alterações climáticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono quer pelo facto de substituírem produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético".

Financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, através do Compete, o projecto desenvolveu um modelo de cálculo que permite que os produtos de cortiça passem a ser incluídos nos inventários nacionais de gases com efeito de estufa, tal como já sucede com os produtos de madeira.

CISION

Mundo Português

41 anos a acreditar num projecto e a construir um ideal

ID: 63124422

12-02-2016

Tiragem: 28000
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Outros Assuntos

Pág: 38
Cores: Cor
Área: 22,79 x 24,90 cm²
Corte: 1 de 2

ESTUDO DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO REVELA QUE CORTIÇA AJUDA A REMOVER GASES COM EFEITO ESTUFA

Indústria da cortiça ajuda a atenuar as alterações climáticas

Usar produtos feitos de cortiça ajuda a remover da atmosfera os gases com efeito estufa. Além de ser um dos grandes contributos da economia portuguesa, a cortiça é "um reservatório de carbono", o que contribui para que este elemento seja retirado da atmosfera, conclui um estudo desenvolvido na Universidade de Aveiro, pela investigadora Ana Cláudia Dias. ■Ana Grácio Pinto

A investigadora Ana Cláudia Dias com uma pen revestida de cortiça

"O setor de cortiça é um sumidouro efetivo de gases com efeito de estufa, uma vez que o sequestro de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do setor, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça", explica Ana Cláudia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro (UA) e coordenadora do estudo que pretendeu avaliar a pegada de carbono do setor da cortiça em Portugal.

A investigação da (UA) foi a primeira em Portugal a quantificar a pegada de carbono do setor da cortiça e confirma o contributo ecológico do sobreiro e do ecossistema que o envolve. "Por cada tonelada de cortiça produzida, o montado sequestra mais de 73 toneladas de dióxido de carbono, o equivalente às emissões daquele gás libertadas para percorrer cerca de 450 mil quilómetros de automóvel", revela uma nota divugada pela UA.

EXPERIÊNCIA EM CORUCHE

Na Herdade da Machuqueira do Grou, em Coruche, o Instituto Superior de Agronomia (ISA), parceiro da UA neste estudo, realizou uma experiência ao longo dos últimos sete anos, que registou a quantidade de dióxido de carbono retirada da atmosfera por um ecossistema de montado (formado por sobreiros, solo e toda a restante vegetação característica dos montados) com uma média de 177 árvores por hectare.

Os investigadores avaliaram ainda a quantidade de gases com efeito de estufa emitida pelo setor nacional da cortiça, "desde a floresta até ao destino final dos produtos feitos à base de cortiça, incluindo o respetivo processamento industrial", informa a UA, revelando que "o saldo é extremamente positivo para o meio ambiente".

CORTIÇA: UM RESERVATÓRIO DE CARBONO

Como a cortiça tem a capacidade de reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro, permite que esta árvore seja "um reservatório de carbono ao longo do seu ciclo de vida, garantindo que por cada tonelada de cortiça duas de dióxido de carbono sejam sequestradas da atmosfera".

Sendo assim, "os produtos produzidos a partir de cortiça nacional constituem reservatórios crescentes de carbono, quer durante a sua utilização, quer quando são depositados em aterro, tendo acumulado entre 150 e 250 mil toneladas de dióxido de carbono por ano nos últimos 15 anos", sublinha Ana Cláudia Dias. Os resultados da investigação indicam que "a utilização de produtos de cortiça contribui para a mitigação das alterações climáticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono, quer pelo facto de substituírem produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético", acrescenta a cientista.

Financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, através do Compete, o projeto desenvolveu um modelo de cálculo que permite que os produtos de cortiça passem a ser incluídos nos inventários nacionais de gases com efeito de estufa, tal como já sucede com os produtos de madeira.

Ana Cláudia Dias não tem dúvidas em afirmar que o estudo dotou o setor da cortiça de informação e ferramentas que ajudam à tomada de decisão "no que respeita a práticas que possam otimizar a pegada de carbono do setor" e reforçam o papel do setor "como elemento importante na mitigação das alterações climáticas".

O montado é um ecossistema criado pelo homem e característico da região do Alentejo. São, na verdade, florestas de sobreiros que subsistem apenas no Mediterrâneo - sobretudo nas regiões a sul da Península Ibérica, Argélia e Marrocos. Portugal, onde o montado é legalmente protegido, tem a maior extensão de sobreiros do mundo e lidera as exportações, com uma quota que ronda os 65%.

Segundo a Associação Portuguesa de Cortiça (APCOR), Portugal concentra 34 por cento da área mundial de montado, o correspondente a uma área de 736 mil hectares e 23 por cento da floresta nacional. A APCOR cita um estudo do ISA que refere que o montado pode fixar cerca de seis toneladas de carbono por hectare e ano, o que corresponde, no caso de Portugal, a mais de quatro milhões de toneladas de carbono por ano. Um sobreiro vive em média 200 anos.

CISION

Mundo Português

41 anos a acreditar num projecto e a construir um ideal

ID: 63124422

12-02-2016

Tiragem: 28000
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Outros Assuntos

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 9,49 x 1,99 cm²
Corte: 2 de 2

SEGUNDO ESTUDO DA UNIV. AVEIRO

P. 38

Indústria da cortiça ajuda a atenuar as alterações climáticas

CISION

ID: 63114923

terras da feira

08-02-2016

Tiragem: 5000
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 15
Cores: Cor
Área: 16,21 x 26,94 cm²
Corte: 1 de 1

Investigação » De acordo com estudo da Universidade de Aveiro

Indústria da cortiça ajuda a atenuar alterações climáticas

Usar produtos de cortiça, para além de estar na moda e de servir a economia nacional, contribui para remover da atmosfera gases com efeito de estufa. O resultado do estudo coordenado pela Universidade de Aveiro (UA), o primeiro no país a quantificar a pegada de carbono do sector da cortiça, não deixa dúvidas quanto aos poderes ecológicos do sobreiro e do ecossistema que o envolve: por cada tonelada de cortiça produzida, o montado sequestra mais de 73 toneladas de dióxido de carbono, o equivalente às emissões daquele gás libertadas para percorrer cerca de 450 mil quilómetros de automóvel.

Na Herdade da Machuqueira do Grou, em Coruche, o Instituto Superior de Agronomia, parceiro neste estudo, registou, ao longo dos últimos sete anos, a quantidade de dióxido de carbono retirada da atmosfera por um ecossistema de montado (sobreiros, solo e toda a restante vegetação característica dos montados) com uma média de 177 árvores por hectare. No âmbito do estudo, foi também avaliada a quantidade de gases com efeito de estufa emitida pelo sector nacional da cortiça, desde a floresta até ao destino final dos produtos feitos à base de cortiça, incluindo o respectivo processamento industrial. O saldo é extremamente positivo para o meio ambiente.

"O sector de cortiça é um sumidouro efectivo de gases com efeito de estufa uma vez que o sequestro de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do sector, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça" - garante Ana Cláudia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA e coordenadora do estudo que pretendeu avaliar a pegada de carbono do sector da cortiça em Portugal.

Cortiça é reservatório de carbono

A capacidade da própria cortiça de reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro, permite que constitua um reservatório de carbono ao longo do seu ciclo de vida, garantindo que por cada tonelada de cortiça duas de dióxido de carbono sejam sequestradas da atmosfera.

"Os produtos produzidos a partir de cortiça nacional constituem reservatórios crescentes de carbono, quer durante a sua utilização, quer quando são depositados em aterro, tendo acumulado entre 150 e 250 mil toneladas de dióxido de carbono por ano nos últimos 15 anos" - afirma Ana Cláudia Dias.

Os números sugerem que "a utilização de produtos de cortiça contribui para a mitigação das alterações climáticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono quer pelo facto de substituírem produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético".

Financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional através do Compete, o projecto desenvolveu um modelo de cálculo que permite que os produtos de cortiça passem a ser incluídos nos inventários nacionais de gases com efeito de estufa, tal como já sucede com os produtos de madeira.

"Este trabalho dotou o sector da cortiça de informação e ferramentas que permitem apoiar a tomada de decisão no que respeita a práticas que possam optimizar a pegada de carbono do sector e reforçar o seu papel como elemento importante na mitigação das alterações climáticas" - aponta Ana Cláudia Dias.

UA dá formação técnica em Angola na área do ordenamento e gestão do mar

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 08/02/2016

Meio: Notícias de Aveiro Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=a7b29898

Fátima Lopes Alves, docente do Departamento de Ambiente e Ordenamento e investigadora do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da Universidade de Aveiro (UA), esteve em Luanda (Angola) para capacitar o corpo técnico de vários ministérios angolanos, na área do ordenamento e gestão integrada do oceano e da zona costeira.

O convite veio da instituição alemã GIZ e da Comissão da Corrente de Benguela, responsáveis pelo projeto internacional MARISMA (ler artigo).

CISION

ID: 63078012

Ribatejo

04-02-2016

Tiragem: 8500
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 16
Cores: Cor
Área: 15,27 x 22,50 cm²
Corte: 1 de 1

Uma tonelada de cortiça "anula" 73 toneladas de dióxido de carbono

Estudo da Universidade de Aveiro decorreu numa herdade de Coruche em parceria com o Instituto de Agronomia

Montado de sobro é um sumidouro de gases de efeito de estufa

INVESTIGAÇÃO Um estudo da Universidade de Aveiro conclui que por cada tonelada de cortiça produzida, o montado sequestra mais de 73 toneladas de dióxido de carbono. O estudo coordenado pela Universidade de Aveiro (UA), o primeiro no país a quantificar a pegada de carbono do setor da cortiça, confirma o potencial ecológico do sobreiro e do ecossistema que o envolve. O estudo foi realizado na Herdade da Machuqueira do Grou, em Coruche, onde o Instituto Superior de Agronomia, parceiro no estudo, registou ao longo dos últimos sete anos a quantidade de dióxido de carbono retirada da atmosfera por um ecossistema de montado (sobreiros, solo e toda a restante vegetação característica dos montados) com uma média de 177 árvores por hectare.

No âmbito do estudo, foi também avaliada a quantidade de gases com efeito de estufa emitida pelo setor nacional da cortiça, desde a floresta até ao destino final dos produtos feitos à base de cortiça, incluindo o respetivo processamento industrial, registando-se um saldo "extremamente positivo" para o meio ambiente.

A capacidade da própria cortiça de reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro, permite que constitua um reservatório de carbono ao longo do seu ciclo de vida, garantindo que por cada tonelada de cortiça duas de dióxido de carbono sejam sequestradas da atmosfera.

"O setor de cortiça é um sumidouro efetivo de gases com efeito de estufa uma vez que o sequestro de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do setor, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça", garante Ana Cláudia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA e coordenadora do trabalho.

Segundo Cláudia Dias, "os produtos produzidos a partir de cortiça nacional constituem reservatórios crescentes de carbono, quer durante a sua utilização, quer quando são depositados em aterro, tendo acumulado entre 150 e 250 mil toneladas de dióxido de carbono por ano nos últimos 15 anos".

Os números sugerem que "a utilização de produtos de cortiça contribui para a mitigação das alterações climáticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono quer pelo facto de substituírem produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético".

Setor da cortiça "é um sumidouro de gases com efeito de estufa"

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 04/02/2016

Meio: Voz do Algarve Online (A)

URL: http://www.avozdoalgarve.pt/detalhe.php?id=13428

O setor da cortiça "é um sumidouro efetivo de gases com efeito de estufa, uma vez que o sequestro de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do sector, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça". A conclusão é de um estudo coordenado pela Universidade de Aveiro com colaboração do Instituto Superior de Agronomia que procurou quantificar a pegada de carbono do setor da cortiça. De acordo com o Diário Digital, o estudo registou ao longo dos últimos sete anos a quantidade de dióxido de carbono retirada da atmosfera por um ecossistema de montado com uma média de 177 árvores por hectare, na Herdade da Machuqueira do Grou, em Coruche, e os resultados são positivos: por cada tonelada de cortiça produzida, o montado sequestra mais de 73 toneladas de dióxido de carbono, o equivalente às emissões daquele gás libertadas para percorrer cerca de 450 mil quilómetros de automóvel. No decorrer deste estudo, foi também avaliada a quantidade de gases com efeito de estufa emitida pelo sector nacional da cortiça, desde a floresta até ao destino final dos produtos feitos à base de cortiça, incluindo o respetivo processamento industrial. Segundo Ana Cláudia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA e coordenadora do estudo, o resultado é positivo. A capacidade da cortiça para reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro, permite que esta constitua um reservatório de carbono ao longo do seu ciclo de vida, garantindo que por cada tonelada de cortiça duas de dióxido de carbono sejam sequestradas da atmosfera. "Os produtos produzidos a partir de cortiça nacional constituem reservatórios crescentes de carbono, quer durante a sua utilização, quer quando são depositados em aterro, tendo acumulado entre 150 e 250 mil toneladas de dióxido de carbono por ano nos últimos 15 anos", afirma Ana Cláudia Dias. Assim, o estudo sugere que a utilização de produtos de cortiça, que tem estado muito em voga, "contribui para a mitigação das alterações climáticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono quer pelo facto de substituir produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético." Segundo o Diário Digital, o estudo agora publicado desenvolveu também um modelo de cálculo que vai permitir que os produtos de cortiça passem a ser incluídos nos inventários nacionais de gases com efeito de estufa, tal como já acontece com os produtos de madeira. "Este trabalho dotou o sector da cortiça de informação e ferramentas que permitem apoiar a tomada de decisão no que respeita a práticas que possam otimizar a pegada de carbono do sector e reforçar o papel do setor como elemento importante na mitigação das alterações climáticas", conclui Ana Cláudia Dias. Por Vida Rural

12:39 - 04/02/2016

Universidade de Aveiro revela que a indústria da cortiça ajuda a atenuar alterações climáticas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 02/02/2016

Meio: AuriNegra Online

URL: http://www.imprensaregional.com.pt/aurinegra/pagina/seccao/14/noticia/1851

Universidade de Aveiro revela que a indústria da cortiça ajuda a atenuar alterações climáticas Usar produtos de cortiça, para além de estar na moda e de servir a economia nacional, contribui para remover da atmosfera gases com efeito de estufa. O resultado do estudo coordenado pela Universidade de Aveiro (UA), o primeiro no país a quantificar a pegada de carbono do sector da cortiça, não deixa dúvidas quanto aos poderes ecológicos do sobreiro e do ecossistema que o envolve: por cada tonelada de cortiça produzida, o montado sequestra mais de 73 toneladas de dióxido de carbono, o equivalente às emissões daquele gás libertadas para percorrer cerca de 450 mil quilómetros de automóvel. Na Herdade da Machuqueira do Grou, em Coruche, o Instituto Superior de Agronomia, parceiro neste estudo, registou ao longo dos últimos sete anos a quantidade de dióxido de carbono retirada da atmosfera por um ecossistema de montado (sobreiros, solo e toda a restante vegetação característica dos montados) com uma média de 177 árvores por hectare. No âmbito do estudo, foi também avaliada a quantidade de gases com efeito de estufa emitida pelo sector nacional da cortiça, desde a floresta até ao destino final dos produtos feitos à base de cortiça, incluindo o respectivo processamento industrial. O saldo é extremamente positivo para o meio ambiente. "O sector de cortiça é um sumidouro efectivo de gases com efeito de estufa uma vez que o sequestro de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do sector, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça", garante Ana Cláudia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA e coordenadora do estudo que pretendeu avaliar a pegada de carbono do sector da cortiça em Portugal. Cortiça é reservatório de carbono A capacidade da própria cortiça de reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro permite que constitua um reservatório de carbono ao longo do seu ciclo de vida, garantindo que por cada tonelada de cortiça duas de dióxido de carbono sejam sequestradas da atmosfera. "Os produtos produzidos a partir de cortiça nacional constituem reservatórios crescentes de carbono, quer durante a sua utilização, quer quando são depositados em aterro, tendo acumulado entre 150 e 250 mil toneladas de dióxido de carbono por ano nos últimos 15 anos", afirma Ana Cláudia Dias. Os números sugerem que "a utilização de produtos de cortiça contribui para a mitigação das alterações climáticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono quer pelo facto de substituírem produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético". Financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional através do Compete, o projecto desenvolveu um modelo de cálculo que permite que os produtos de cortiça passem a ser incluídos nos inventários nacionais de gases com efeito de estufa, tal como já sucede com os produtos de madeira. "Este trabalho dotou o sector da cortiça de informação e ferramentas que permitem apoiar a tomada de decisão no que respeita a práticas que possam otimizar a pegada de carbono do setor e reforçar o papel do sector como elemento importante na mitigação das alterações climáticas", aponta Ana Cláudia Dias.

02/02/2016, 19:12

Por cada tonelada de cortiça, o montado retira duas de dióxido carbono da atmosfera

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 02/02/2016

Meio: Correio da Beira Serra Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=478725b5

Um estudo hoje divulgado pela Universidade de Aveiro concluiu que a capacidade da própria cortiça de reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro, permite que constitua um reservatório de carbono ao longo do seu ciclo de vida, garantindo que por cada tonelada de cortiça duas de dióxido de carbono sejam sequestradas da atmosfera. O estudo coordenado pela Universidade de Aveiro (UA), o primeiro no país a quantificar a pegada de carbono do sector da cortiça, confirma os poderes ecológicos do sobreiro e do ecossistema que o envolve. "O sector de cortiça é um sumidouro efectivo de gases com efeito de estufa uma vez que o sequestro de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do sector, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça", garante Ana Cláudia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA e coordenadora do trabalho. Segundo Cláudia Dias, "os produtos produzidos a partir de cortiça nacional constituem reservatórios crescentes de carbono, quer durante a sua utilização, quer quando são depositados em aterro, tendo acumulado entre 150 e 250 mil toneladas de dióxido de carbono por ano nos últimos 15 anos". Os números sugerem que "a utilização de produtos de cortiça contribui para a mitigação das alterações climáticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono quer pelo facto de substituírem produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético". Financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, através do Compete, o projecto desenvolveu um modelo de cálculo que permite que os produtos de cortiça passem a ser incluídos nos inventários nacionais de gases com efeito de estufa, tal como já sucede com os produtos de madeira. Foto: www.geocaching.com

2 de Fevereiro de 2016

Correio da Beira Serra

"Zonas Húmidas para o nosso futuro: Meios de vida sustentáveis"

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 02/02/2016

Meio: Descla Online

URL: http://descla.pt/zonas-humidas-futuro-meios-vida-sustentaveis/

Revista Descla - desporto, cultura e lazer O projecto Descla destina-se principalmente a públicos interessados nas temáticas do desporto, cultura e lazer, e que procuram fazer turismo sem sair do país. Para além do público português, o projecto pretende ainda abranger um público internacional Este é o tema escolhido pela Convenção de Ramsar para assinalar o Dia Mundial das Zonas Húmidas, que se comemora esta terça-feira, 2 de fereveriro O programa inclui várias atividades em Sítios Ramsar e noutras zonas húmidas que inclui percursos pedestres, visitas guiadas, sessões de observação de aves, workshops, palestras, exposições, filmes e acções de voluntariado. O objetivo é destacar a importância destes espaços "para a humanidade e para o planeta e sensibilizar para a necessidade do seu uso racional", refere o Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF). Entre os eventos previstos, destacam-se as palestras que vão realizar-se na Casa da Baía, em Setúbal, a partir das 10:00 horas, sobre a exploração da ostra-portuguesa no estuário do Sado (Sítio Ramsar nº 826). A primeira, intitulada "Projeto CrassoSado - estado atual da ostra portuguesa no estuário do Sado, ameaças e oportunidades para a sua exploração como recurso, vai apresentar os resultados já disponíveis sobre a população natural de ostra portuguesa no estuário do Sado e sua dinâmica, "conhecimento que é relevante para a conservação da espécie, sua valorização e exploração", sublinha o ICNF, que coordena o projeto iniciado em 2014 e financiado pela Portucel e executado pelo MARE (Universidade de Lisboa), IPMA e CESAM (Universidade de Aveiro). A segunda palestra, "Projeto Exporsado - PORTOCEAN; uma exploração de ostras no estuário do Sado", vai divulgar os resultados do projeto da Exporsado, empresa portuguesa de produção de ostras (speciales) inserida no estuário do Sado, "com preocupações social e ambientalmente sustentáveis, que emprega pessoas da região, partilha conhecimento com outros produtores artesanais e desenvolve uma parceria com a maternidade de ostras mais moderna do mundo, sedeada em França (La Rochelle)". O evento vai contar com a presença da Secretária de Estado do Ordenamento do Território e da Conservação da Natureza, Célia Ramos, e da Presidente do Conselho Diretivo do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, Paula Sarmento. O Dia Mundial das Zonas Húmidas é uma efeméride que evoca a criação, em 1971, da Convenção de Ramsar relativa à conservação e ao uso sustentável destes espaços, um tratado intergovernamental internacional com 169 países signatários, incluindo Portugal. "As Zonas Húmidas são essenciais ao bem-estar humano. Disponibilizam água potável e alimento, sustentam a biodiversidade, previnem cheias e armazenam dióxido de carbono", explica a ICNF, que destaca ainda o facto de serem uma "uma importante fonte de emprego a nível mundial", assumindo-se como "bons exemplos sobre meios de vida sustentáveis". Relacionado

Fev 2, 2016

Universidade de Aveiro revela que cortiça é reservatório de carbono

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 02/02/2016

Meio: Jornal da Construção Online

URL: http://www.jornaldaconstrucao.pt/index.php?id=6&n=4919

Usar produtos de cortiça, para além de estar na moda e de servir a economia nacional, contribui para remover da atmosfera gases com efeito de estufa. O resultado do estudo coordenado pela Universidade de Aveiro (UA), o primeiro no País a quantificar a pegada de carbono do setor da cortiça, não deixa dúvidas quanto aos poderes ecológicos do sobreiro e do ecossistema que o envolve: por cada tonelada de cortiça produzida, o montado sequestra mais de 73 toneladas de dióxido de carbono, o equivalente às emissões daquele gás libertadas para percorrer cerca de 450 mil quilómetros de automóvel. Na Herdade da Machuqueira do Grou, em Coruche, o Instituto Superior de Agronomia, parceiro neste estudo, registou ao longo dos últimos sete anos a quantidade de dióxido de carbono retirada da atmosfera por um ecossistema de montado (sobreiros, solo e toda a restante vegetação característica dos montados) com uma média de 177 árvores por hectare. No âmbito do estudo, foi também avaliada a quantidade de gases com efeito de estufa emitida pelo setor nacional da cortiça, desde a floresta até ao destino final dos produtos feitos à base de cortiça, incluindo o respetivo processamento industrial. O saldo é extremamente positivo para o meio ambiente. "O setor de cortiça é um sumidouro efetivo de gases com efeito de estufa, uma vez que o sequestro de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do setor, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça", garante Ana Cláudia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA e coordenadora do estudo que pretendeu avaliar a pegada de carbono do setor da cortiça em Portugal. A capacidade da própria cortiça de reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro permite que constitua um reservatório de carbono ao longo do seu ciclo de vida, garantindo que, por cada tonelada de cortiça, duas de dióxido de carbono sejam sequestradas da atmosfera. "Os produtos produzidos a partir de cortiça nacional constituem reservatórios crescentes de carbono, quer durante a sua utilização, quer quando são depositados em aterro, tendo acumulado entre 150 e 250 mil toneladas de dióxido de carbono por ano nos últimos 15 anos", afirma Ana Cláudia Dias. Os números sugerem que "a utilização de produtos de cortiça contribui para a mitigação das alterações climáticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono quer pelo facto de substituírem produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético". Financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional através do Compete, o projeto desenvolveu um modelo de cálculo que permite que os produtos de cortiça passem a ser incluídos nos inventários nacionais de gases com efeito de estufa, tal como já sucede com os produtos de madeira. "Este trabalho dotou o setor da cortiça de informação e ferramentas que permitem apoiar a tomada de decisão no que respeita a práticas que possam otimizar a pegada de carbono do setor e reforçar o papel do setor como elemento importante na mitigação das alterações climáticas", aponta Ana Cláudia Dias.

01 de Fevereiro de 2016 às 16:19:39

Estudo científico revela que a cortiça retém carbono absorvido na atmosfera

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 02/02/2016

Meio: Médio Tejo Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=4a00484a

Um estudo hoje divulgado pela Universidade de Aveiro conclui que por cada tonelada de cortiça produzida, o montado sequestra mais de 73 toneladas de dióxido de carbono. O estudo coordenado pela Universidade de Aveiro (UA), o primeiro no país a quantificar a pegada de carbono do setor da cortiça, confirma os poderes ecológicos do sobreiro e do ecossistema que o envolve. A capacidade da própria cortiça de reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro, permite que constitua um reservatório de carbono ao longo do seu ciclo de vida, garantindo que por cada tonelada de cortiça duas de dióxido de carbono sejam sequestradas da atmosfera. Na Herdade da Machuqueira do Grou, em Coruche, o Instituto Superior de Agronomia, parceiro no estudo, registou ao longo dos últimos sete anos a quantidade de dióxido de carbono retirada da atmosfera por um ecossistema de montado (sobreiros, solo e toda a restante vegetação característica dos montados) com uma média de 177 árvores por hectare. No âmbito do estudo, foi também avaliada a quantidade de gases com efeito de estufa emitida pelo setor nacional da cortiça, desde a floresta até ao destino final dos produtos feitos à base de cortiça, incluindo o respetivo processamento industrial, registando-se um saldo "extremamente positivo" para o meio ambiente. "O setor de cortiça é um sumidouro efetivo de gases com efeito de estufa uma vez que o sequestro de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do setor, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça", garante Ana Cláudia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA e coordenadora do trabalho. Segundo Cláudia Dias, "os produtos produzidos a partir de cortiça nacional constituem reservatórios crescentes de carbono, quer durante a sua utilização, quer quando são depositados em aterro, tendo acumulado entre 150 e 250 mil toneladas de dióxido de carbono por ano nos últimos 15 anos". Os números sugerem que "a utilização de produtos de cortiça contribui para a mitigação das alterações climáticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono quer pelo facto de substituírem produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético". Financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, através do Compete, o projeto desenvolveu um modelo de cálculo que permite que os produtos de cortiça passem a ser incluídos nos inventários nacionais de gases com efeito de estufa, tal como já sucede com os produtos de madeira.

Agência Lusa

Estudo revela que a cortiça retém carbono absorvido na atmosfera

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 02/02/2016

Meio: Revista O Instalador Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=7aa1d97f

Details Written by O Instalador Category: Notícias Published: 02 February 2016 Um estudo divulgado pela Universidade de Aveiro conclui que por cada tonelada de cortiça produzida, o montado sequestra mais de 73 toneladas de dióxido de carbono. Terça-Feira, 2 de Fevereiro de 2016 O estudo coordenado pela Universidade de Aveiro (UA), o primeiro no país a quantificar a pegada de carbono do sector da cortiça, confirma os poderes ecológicos do sobreiro e do ecossistema que o envolve. A capacidade da própria cortiça de reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro, permite que constitua um reservatório de carbono ao longo do seu ciclo de vida, garantindo que por cada tonelada de cortiça duas de dióxido de carbono sejam sequestradas da atmosfera. Na Herdade da Machuqueira do Grou, em Coruche, o Instituto Superior de Agronomia, parceiro no estudo, registou ao longo dos últimos sete anos a quantidade de dióxido de carbono retirada da atmosfera por um ecossistema de montado (sobreiros, solo e toda a restante vegetação característica dos montados) com uma média de 177 árvores por hectare. No âmbito do estudo, foi também avaliada a quantidade de gases com efeito de estufa emitida pelo sector nacional da cortiça, desde a floresta até ao destino final dos produtos feitos à base de cortiça, incluindo o respectivo processamento industrial, registando-se um saldo extremamente positivo para o meio ambiente. O sector de cortiça é um sumidouro efectivo de gases com efeito de estufa uma vez que o sequestro de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do sector, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça , garante Ana Cláudia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA e coordenadora do trabalho. Segundo Cláudia Dias, os produtos produzidos a partir de cortiça nacional constituem reservatórios crescentes de carbono, quer durante a sua utilização, quer quando são depositados em aterro, tendo acumulado entre 150 e 250 mil toneladas de dióxido de carbono por ano nos últimos 15 anos . Os números sugerem que a utilização de produtos de cortiça contribui para a mitigação das alterações climáticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono quer pelo facto de substituírem produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético . Financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, através do Compete, o projecto desenvolveu um modelo de cálculo que permite que os produtos de cortiça passem a ser incluídos nos inventários nacionais de gases com efeito de estufa, tal como já sucede com os produtos de madeira.

Setor da cortiça "é um sumidouro de gases com efeito de estufa"

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 02/02/2016

Meio: Vida Rural Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=2cec6143

Setor da cortiça "é um sumidouro de gases com efeito de estufa" - Vida Rural O setor da cortiça "é um sumidouro efetivo de gases com efeito de estufa, uma vez que o sequestro de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do sector, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça". A conclusão é de um estudo coordenado pela Universidade de Aveiro com colaboração do Instituto Superior de Agronomia que procurou quantificar a pegada de carbono do setor da cortiça. De acordo com o Diário Digital, o estudo registou ao longo dos últimos sete anos a quantidade de dióxido de carbono retirada da atmosfera por um ecossistema de montado com uma média de 177 árvores por hectare, na Herdade da Machuqueira do Grou, em Coruche, e os resultados são positivos: por cada tonelada de cortiça produzida, o montado sequestra mais de 73 toneladas de dióxido de carbono, o equivalente às emissões daquele gás libertadas para percorrer cerca de 450 mil quilómetros de automóvel. No decorrer deste estudo, foi também avaliada a quantidade de gases com efeito de estufa emitida pelo sector nacional da cortiça, desde a floresta até ao destino final dos produtos feitos à base de cortiça, incluindo o respetivo processamento industrial. Segundo Ana Cláudia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA e coordenadora do estudo, o resultado é positivo. A capacidade da cortiça para reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro, permite que esta constitua um reservatório de carbono ao longo do seu ciclo de vida, garantindo que por cada tonelada de cortiça duas de dióxido de carbono sejam sequestradas da atmosfera. "Os produtos produzidos a partir de cortiça nacional constituem reservatórios crescentes de carbono, quer durante a sua utilização, quer quando são depositados em aterro, tendo acumulado entre 150 e 250 mil toneladas de dióxido de carbono por ano nos últimos 15 anos", afirma Ana Cláudia Dias. Assim, o estudo sugere que a utilização de produtos de cortiça, que tem estado muito em voga, "contribui para a mitigação das alterações climáticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono quer pelo facto de substituir produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético." Segundo o Diário Digital, o estudo agora publicado desenvolveu também um modelo de cálculo que vai permitir que os produtos de cortiça passem a ser incluídos nos inventários nacionais de gases com efeito de estufa, tal como já acontece com os produtos de madeira. "Este trabalho dotou o sector da cortiça de informação e ferramentas que permitem apoiar a tomada de decisão no que respeita a práticas que possam otimizar a pegada de carbono do sector e reforçar o papel do setor como elemento importante na mitigação das alterações climáticas", conclui Ana Cláudia Dias.

2016-02-02T15:05:55+00:00

Indústria da cortiça ajuda a atenuar alterações climáticas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 01/02/2016

Meio: Barlavento Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=b705e1c0

Usar produtos de cortiça, para além de estar na moda e de servir a economia nacional, contribui para remover da atmosfera gases com efeito de estufa. O resultado do estudo coordenado pela Univers Usar produtos de cortiça, para além de estar na moda e de servir a economia nacional, contribui para remover da atmosfera gases com efeito de estufa. O resultado do estudo coordenado pela Universidade de Aveiro (UA), o primeiro no país a quantificar a pegada de carbono do setor da cortiça, não deixa dúvidas quanto aos poderes ecológicos do sobreiro e do ecossistema que o envolve: por cada tonelada de cortiça produzida, o montado sequestra mais de 73 toneladas de dióxido de carbono, o equivalente às emissões daquele gás libertadas para percorrer cerca de 450 mil quilómetros de automóvel. Na Herdade da Machuqueira do Grou, em Coruche, o Instituto Superior de Agronomia, parceiro neste estudo, registou ao longo dos últimos sete anos a quantidade de dióxido de carbono retirada da atmosfera por um ecossistema de montado (sobreiros, solo e toda a restante vegetação característica dos montados) com uma média de 177 árvores por hectare. No âmbito do estudo, foi também avaliada a quantidade de gases com efeito de estufa emitida pelo setor nacional da cortiça, desde a floresta até ao destino final dos produtos feitos à base de cortiça, incluindo o respetivo processamento industrial. O saldo é extremamente positivo para o meio ambiente. O setor de cortiça é um sumidouro efetivo de gases com efeito de estufa uma vez que o sequestro de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do setor, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça , garante Ana Cláudia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA e coordenadora do estudo que pretendeu avaliar a pegada de carbono do setor da cortiça em Portugal. Cortiça é reservatório de carbono A capacidade da própria cortiça de reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro, permite que constitua um reservatório de carbono ao longo do seu ciclo de vida, garantindo que por cada tonelada de cortiça duas de dióxido de carbono sejam sequestradas da atmosfera. Os produtos produzidos a partir de cortiça nacional constituem reservatórios crescentes de carbono, quer durante a sua utilização, quer quando são depositados em aterro, tendo acumulado entre 150 e 250 mil toneladas de dióxido de carbono por ano nos últimos 15 anos , afirma Ana Cláudia Dias. Os números sugerem que a utilização de produtos de cortiça contribui para a mitigação das alterações climáticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono quer pelo facto de substituírem produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético . Financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional através do Compete, o projeto desenvolveu um modelo de cálculo que permite que os produtos de cortiça passem a ser incluídos nos inventários nacionais de gases com efeito de estufa, tal como já sucede com os produtos de madeira. Este trabalho dotou o setor da cortiça de informação e ferramentas que permitem apoiar a tomada de decisão no que respeita a práticas que possam otimizar a pegada de carbono do setor e reforçar o papel do setor como elemento importante na mitigação das alterações climáticas , aponta Ana Cláudia Dias.

Usar produtos de cortiça ajuda a atenuar alterações climáticas

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	01/02/2016
Meio:	Construir.pt Online	Autores:	Ana Rita Sevilha

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=3b272181

Por Ana Rita Sevilha a 1 de Fevereiro de 2016

A cortiça está na moda, é matéria-prima muito apreciada em vários sectores, serve a economia nacional e, segundo um estudo coordenado pela Universidade de Aveiro, contribui para remover da atmosfera gases com efeito de estufa.

O estudo, o primeiro no País a quantificar a pegada de carbono do sector da cortiça, não deixa dúvidas quanto aos poderes ecológicos do sobreiro e do ecossistema que o envolve: "por cada tonelada de cortiça produzida, o montado sequestra mais de 73 toneladas de dióxido de carbono, o equivalente às emissões daquele gás libertadas para percorrer cerca de 450 mil quilómetros de automóvel".

Para chegar a tais conclusões, na Herdade da Machuqueira do Grou, em Coruche, o Instituto Superior de Agronomia, parceiro neste estudo, registou ao longo dos últimos sete anos a quantidade de dióxido de carbono retirada da atmosfera por um ecossistema de montado (sobreiros, solo e toda a restante vegetação característica dos montados) com uma média de 177 árvores por hectare. No âmbito do estudo, foi também avaliada a quantidade de gases com efeito de estufa emitida pelo sector nacional da cortiça, desde a floresta até ao destino final dos produtos feitos à base de cortiça, incluindo o respectivo processamento industrial. O saldo, sublinha a Universidade de Aveiro, "é extremamente positivo para o meio ambiente".

Ana Claúdia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA e coordenadora do estudo que pretendeu avaliar a pegada de carbono do sector da cortiça em Portugal, garante que o sector de cortiça "é um sumidouro efectivo de gases com efeito de estufa uma vez que o sequestro de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do sector, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça".

Segundo a investigadora, "os produtos produzidos a partir de cortiça nacional constituem reservatórios crescentes de carbono, quer durante a sua utilização, quer quando são depositados em aterro, tendo acumulado entre 150 e 250 mil toneladas de dióxido de carbono por ano nos últimos 15 anos".

Note-se que, a capacidade da própria cortiça de reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro, garante que por cada tonelada de cortiça duas de dióxido de carbono sejam sequestradas da atmosfera.

Os números sugerem mesmo que "a utilização de produtos de cortiça contribui para a mitigação das alterações climáticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono quer pelo facto de substituírem produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético".

Ana Cláudia Dias sublinha ainda que o estudo "dotou o sector da cortiça de informação e ferramentas que permitem apoiar a tomada de decisão no que respeita a práticas que possam optimizar a pegada de carbono do sector e reforçar o papel do sector como elemento importante na mitigação das alterações climáticas".

O estudo foi financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional através do Compete e permitiu desenvolver um modelo de cálculo que permite que os produtos de cortiça passem a ser incluídos nos inventários nacionais de gases com efeito de estufa, tal como já sucede com os produtos de madeira.

Ana Rita Sevilha

Cortiça ajuda a atenuar alterações climáticas - Dinheiro Vivo

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 01/02/2016

Meio: Dinheiro Vivo Online

URL: http://www.dinheirovivo.pt/buzz/cortica-ajuda-a-atenuar-alteracoes-climaticas/

Dar preferência à cortiça é ajudar a economia nacional. Mas não só. Também é uma boa decisão para o meio ambiente Usar produtos de cortiça contribui para remover da atmosfera gases com efeito de estufa. A conclusão é da Universidade de Aveiro (UA), que coordenou o primeiro estudo no país a quantificar a pegada de carbono do setor da cortiça. E as conclusões são claras quanto aos poderes ecológicos do sobreiro: por cada tonelada de cortiça produzida, o montado sequestra mais de 73 toneladas de dióxido de carbono, o equivalente às emissões daquele gás libertadas para percorrer cerca de 450 mil quilómetros de automóvel. O estudo decorreu ao longo dos últimos sete anos na Herdade da Machuqueira do Grou, em Coruche. Aí, o Instituto Superior de Agronomia, parceiro na investigação, registou a quantidade de dióxido de carbono retirada da atmosfera por um ecossistema de montado (sobreiros, solo e toda a restante vegetação característica dos montados) com uma média de 177 árvores por hectare. Foi, também, avaliada a quantidade de gases com efeito de estufa emitida pelo setor da cortiça em Portugal, desde a floresta até ao destino final dos produtos, incluindo o respetivo processamento industrial. E o saldo, garante a Universidade de Aveiro em comunicado, "é extremamente positivo" para o meio ambiente. "O setor de cortiça é um sumidouro efetivo de gases com efeito de estufa uma vez que o sequestro de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do setor, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça", garante Ana Cláudia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA e coordenadora do trabalho. A capacidade da própria cortiça em reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro, permite que constitua um reservatório de carbono ao longo do seu ciclo de vida, garantindo que por cada tonelada de cortiça duas de dióxido de carbono sejam sequestradas da atmosfera. "Os produtos produzidos a partir de cortiça nacional constituem reservatórios crescentes de carbono, quer durante a sua utilização, quer quando são depositados em aterro, tendo acumulado entre 150 e 250 mil toneladas de dióxido de carbono por ano nos últimos 15 anos", sublinha Ana Cláudia Dias. Os números sugerem que "a utilização de produtos de cortiça contribui para a mitigação das alterações climáticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono quer pelo facto de substituírem produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético". Financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional através do Compete, o projeto desenvolveu um modelo de cálculo que permite que os produtos de cortiça passem a ser incluídos nos inventários nacionais de gases com efeito de estufa, tal como já sucede com os produtos de madeira. "Este trabalho dotou o setor da cortiça de informação e ferramentas que permitem apoiar a tomada de decisão no que respeita a práticas que possam otimizar a pegada de carbono do setor e reforçar o papel do setor como elemento importante na mitigação das alterações climáticas", aponta a investigadora. Continuar a ler Partilhe esta notícia

01.02.2016 / 16:41

Estudo avalia a pegada de carbono do sector da cortiça em Portugal

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 01/02/2016

Meio: Diário Digital Online

URL: http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=809688

HOJE às 14:35

Usar produtos de cortiça, além de estar na moda e de servir a economia nacional, contribui para remover da atmosfera gases com efeito de estufa. O resultado do estudo coordenado pela Universidade de Aveiro (UA), o primeiro no país a quantificar a pegada de carbono do sector da cortiça, não deixa dúvidas quanto aos poderes ecológicos do sobreiro e do ecossistema que o envolve: por cada tonelada de cortiça produzida, o montado sequestra mais de 73 toneladas de dióxido de carbono, o equivalente às emissões daquele gás libertadas para percorrer cerca de 450 mil quilómetros de automóvel.

Na Herdade da Machuqueira do Grou, em Coruche, o Instituto Superior de Agronomia, parceiro neste estudo, registou ao longo dos últimos sete anos a quantidade de dióxido de carbono retirada da atmosfera por um ecossistema de montado (sobreiros, solo e toda a restante vegetação característica dos montados) com uma média de 177 árvores por hectare.

No âmbito do estudo, foi também avaliada a quantidade de gases com efeito de estufa emitida pelo sector nacional da cortiça, desde a floresta até ao destino final dos produtos feitos à base de cortiça, incluindo o respectivo processamento industrial. O saldo é extremamente positivo para o meio ambiente.

O sector de cortiça é um sumidouro efectivo de gases com efeito de estufa uma vez que o sequestro de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do sector, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça , garante Ana Cláudia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA e coordenadora do estudo que pretendeu avaliar a pegada de carbono do sector da cortiça em Portugal.

A capacidade da própria cortiça de reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro, permite que constitua um reservatório de carbono ao longo do seu ciclo de vida, garantindo que por cada tonelada de cortiça duas de dióxido de carbono sejam sequestradas da atmosfera.

Os produtos produzidos a partir de cortiça nacional constituem reservatórios crescentes de carbono, quer durante a sua utilização, quer quando são depositados em aterro, tendo acumulado entre 150 e 250 mil toneladas de dióxido de carbono por ano nos últimos 15 anos , afirma Ana Cláudia Dias.

Os números sugerem que a utilização de produtos de cortiça contribui para a mitigação das alterações climáticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono quer pelo facto de substituírem produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético .

Financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional através do Compete, o projecto desenvolveu um modelo de cálculo que permite que os produtos de cortiça passem a ser incluídos nos inventários nacionais de gases com efeito de estufa, tal como já sucede com os produtos de madeira.

Este trabalho dotou o sector da cortiça de informação e ferramentas que permitem apoiar a tomada de decisão no que respeita a práticas que possam otimizar a pegada de carbono do sector e reforçar o papel do setor como elemento importante na mitigação das alterações climáticas , aponta Ana Cláudia Dias.

Universidade de Aveiro revela que a indústria da cortiça ajuda a atenuar alterações climáticas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 01/02/2016

Meio: Fórum Estudante Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=88cf55b1

Criado em 01 fevereiro 2016

Estudo coordenado pela Universidade de Aveiro (UA) avalia a pegada de carbono do setor da cortiça em Portugal. Conclui-se que usar produtos de cortiça contribui para remover da atmosfera gases com efeito de estufa.

O resultado do estudo coordenado pela Universidade de Aveiro (UA), o primeiro no país a quantificar a pegada de carbono do setor da cortiça, não deixa dúvidas quanto aos poderes ecológicos do sobreiro e do ecossistema que o envolve: por cada tonelada de cortiça produzida, o montado sequestra mais de 73 toneladas de dióxido de carbono, o equivalente às emissões daquele gás libertadas para percorrer cerca de 450 mil quilómetros de automóvel.

Na Herdade da Machuqueira do Grou, em Coruche, o Instituto Superior de Agronomia, parceiro neste estudo, registou ao longo dos últimos sete anos a quantidade de dióxido de carbono retirada da atmosfera por um ecossistema de montado (sobreiros, solo e toda a restante vegetação característica dos montados) com uma média de 177 árvores por hectare. No âmbito do estudo, foi também avaliada a quantidade de gases com efeito de estufa emitida pelo setor nacional da cortiça, desde a floresta até ao destino final dos produtos feitos à base de cortiça, incluindo o respetivo processamento industrial. O saldo é extremamente positivo para o meio ambiente.

"O setor de cortiça é um sumidouro efetivo de gases com efeito de estufa uma vez que o sequestro de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do setor, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça", garante Ana Cláudia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA e coordenadora do estudo que pretendeu avaliar a pegada de carbono do setor da cortiça em Portugal.

A capacidade da própria cortiça de reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro, permite que constitua um reservatório de carbono ao longo do seu ciclo de vida, garantindo que por cada tonelada de cortiça duas de dióxido de carbono sejam sequestradas da atmosfera.

"Os produtos produzidos a partir de cortiça nacional constituem reservatórios crescentes de carbono, quer durante a sua utilização, quer quando são depositados em aterro, tendo acumulado entre 150 e 250 mil toneladas de dióxido de carbono por ano nos últimos 15 anos", afirma Ana Cláudia Dias.

Os números sugerem que "a utilização de produtos de cortiça contribui para a mitigação das alterações climáticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono quer pelo facto de substituírem produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético".

Financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional através do Compete, o projeto desenvolveu um modelo de

cálculo que permite que os produtos de cortiça passem a ser incluídos nos inventários nacionais de gases com efeito de estufa, tal como já sucede com os produtos de madeira.

"Este trabalho dotou o setor da cortiça de informação e ferramentas que permitem apoiar a tomada de decisão no que respeita a práticas que possam otimizar a pegada de carbono do setor e reforçar o papel do setor como elemento importante na mitigação das alterações climáticas", aponta Ana Cláudia Dias.

Estudo revela que a cortiça retém carbono absorvido na atmosfera

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 01/02/2016

Meio: Notícias ao Minuto Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=238badda

Um estudo hoje divulgado pela Universidade de Aveiro conclui que por cada tonelada de cortiça produzida, o montado sequestra mais de 73 toneladas de dióxido de carbono. O estudo coordenado pela Universidade de Aveiro (UA), o primeiro no país a quantificar a pegada de carbono do setor da cortiça, confirma os poderes ecológicos do sobreiro e do ecossistema que o envolve. PUB A capacidade da própria cortiça de reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro, permite que constitua um reservatório de carbono ao longo do seu ciclo de vida, garantindo que por cada tonelada de cortiça duas de dióxido de carbono sejam sequestradas da atmosfera. Na Herdade da Machuqueira do Grou, em Coruche, o Instituto Superior de Agronomia, parceiro no estudo, registou ao longo dos últimos sete anos a quantidade de dióxido de carbono retirada da atmosfera por um ecossistema de montado (sobreiros, solo e toda a restante vegetação característica dos montados) com uma média de 177 árvores por hectare. No âmbito do estudo, foi também avaliada a quantidade de gases com efeito de estufa emitida pelo setor nacional da cortiça, desde a floresta até ao destino final dos produtos feitos à base de cortiça, incluindo o respetivo processamento industrial, registando-se um saldo "extremamente positivo" para o meio ambiente. "O setor de cortiça é um sumidouro efetivo de gases com efeito de estufa uma vez que o sequestro de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do setor, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça", garante Ana Cláudia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA e coordenadora do trabalho. Segundo Cláudia Dias, "os produtos produzidos a partir de cortiça nacional constituem reservatórios crescentes de carbono, quer durante a sua utilização, quer quando são depositados em aterro, tendo acumulado entre 150 e 250 mil toneladas de dióxido de carbono por ano nos últimos 15 anos". Os números sugerem que "a utilização de produtos de cortiça contribui para a mitigação das alterações climáticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono quer pelo facto de substituírem produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético". Financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, através do Compete, o projeto desenvolveu um modelo de cálculo que permite que os produtos de cortiça passem a ser incluídos nos inventários nacionais de gases com efeito de estufa, tal como já sucede com os produtos de madeira.

Mon, 01 Feb 2016 19:27:48 +0100

Estudo científico revela que a cortiça retém carbono absorvido na atmosfera

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 01/02/2016

Meio: RTP Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=6bfd1235

Lusa 01 Fev, 2016, 18:29 | País Um estudo hoje divulgado pela Universidade de Aveiro conclui que por cada tonelada de cortiça produzida, o montado sequestra mais de 73 toneladas de dióxido de carbono. O estudo coordenado pela Universidade de Aveiro (UA), o primeiro no país a quantificar a pegada de carbono do setor da cortiça, confirma os poderes ecológicos do sobreiro e do ecossistema que o envolve. A capacidade da própria cortiça de reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro, permite que constitua um reservatório de carbono ao longo do seu ciclo de vida, garantindo que por cada tonelada de cortiça duas de dióxido de carbono sejam sequestradas da atmosfera. Na Herdade da Machuqueira do Grou, em Coruche, o Instituto Superior de Agronomia, parceiro no estudo, registou ao longo dos últimos sete anos a quantidade de dióxido de carbono retirada da atmosfera por um ecossistema de montado (sobreiros, solo e toda a restante vegetação característica dos montados) com uma média de 177 árvores por hectare. No âmbito do estudo, foi também avaliada a quantidade de gases com efeito de estufa emitida pelo setor nacional da cortiça, desde a floresta até ao destino final dos produtos feitos à base de cortiça, incluindo o respetivo processamento industrial, registando-se um saldo "extremamente positivo" para o meio ambiente. "O setor de cortiça é um sumidouro efetivo de gases com efeito de estufa uma vez que o sequestro de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do setor, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça", garante Ana Cláudia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA e coordenadora do trabalho. Segundo Cláudia Dias, "os produtos produzidos a partir de cortiça nacional constituem reservatórios crescentes de carbono, quer durante a sua utilização, quer quando são depositados em aterro, tendo acumulado entre 150 e 250 mil toneladas de dióxido de carbono por ano nos últimos 15 anos". Os números sugerem que "a utilização de produtos de cortiça contribui para a mitigação das alterações climáticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono quer pelo facto de substituírem produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético". Financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, através do Compete, o projeto desenvolveu um modelo de cálculo que permite que os produtos de cortiça passem a ser incluídos nos inventários nacionais de gases com efeito de estufa, tal como já sucede com os produtos de madeira.

01 Fev, 2016, 18:29|

Universidade de Aveiro revela que a indústria da cortiça ajuda a atenuar alterações climáticas.

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 01/02/2016

Meio: Rádio Terra Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=73110703

Usar produtos de cortiça, para além de estar na moda e de servir a economia nacional, contribui para remover da atmosfera gases com efeito de estufa. O resultado do estudo coordenado pela Universidade de Aveiro (UA), o primeiro no país a quantificar a pegada de carbono do setor da cortiça, não deixa dúvidas quanto aos poderes ecológicos do sobreiro e do ecossistema que o envolve: por cada tonelada de cortiça produzida, o montado sequestra mais de 73 toneladas de dióxido de carbono, o equivalente às emissões daquele gás libertadas para percorrer cerca de 450 mil quilómetros de automóvel. Na Herdade da Machuqueira do Grou, em Coruche, o Instituto Superior de Agronomia, parceiro neste estudo, registou ao longo dos últimos sete anos a quantidade de dióxido de carbono retirada da atmosfera por um ecossistema de montado (sobreiros, solo e toda a restante vegetação característica dos montados) com uma média de 177 árvores por hectare. No âmbito do estudo, foi também avaliada a quantidade de gases com efeito de estufa emitida pelo setor nacional da cortiça, desde a floresta até ao destino final dos produtos feitos à base de cortiça, incluindo o respetivo processamento industrial. O saldo é extremamente positivo para o meio ambiente. "O setor de cortiça é um sumidouro efetivo de gases com efeito de estufa uma vez que o sequestro de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do setor, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça", garante Ana Cláudia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA e coordenadora do estudo que pretendeu avaliar a pegada de carbono do setor da cortiça em Portugal. A capacidade da própria cortiça de reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro, permite que constitua um reservatório de carbono ao longo do seu ciclo de vida, garantindo que por cada tonelada de cortiça duas de dióxido de carbono sejam sequestradas da atmosfera. "Os produtos produzidos a partir de cortiça nacional constituem reservatórios crescentes de carbono, quer durante a sua utilização, quer quando são depositados em aterro, tendo acumulado entre 150 e 250 mil toneladas de dióxido de carbono por ano nos últimos 15 anos", afirma Ana Cláudia Dias. Os números sugerem que "a utilização de produtos de cortiça contribui para a mitigação das alterações climáticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono quer pelo facto de substituírem produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético". Financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional através do Compete, o projeto desenvolveu um modelo de cálculo que permite que os produtos de cortiça passem a ser incluídos nos inventários nacionais de gases com efeito de estufa, tal como já sucede com os produtos de madeira. "Este trabalho dotou o setor da cortiça de informação e ferramentas que permitem apoiar a tomada de decisão no que respeita a práticas que possam otimizar a pegada de carbono do setor e reforçar o papel do setor como elemento importante na mitigação das alterações climáticas", aponta Ana Cláudia Dias.

2016-02-01 19:56

Universidade de Aveiro revela que a indústria da cortiça ajuda a atenuar alterações climáticas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 01/02/2016

Meio: Universia Portugal Online - Universia News Portugal Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=bcf99d8a

Usar produtos de cortiça, para além de estar na moda e de servir a economia nacional, contribui para remover da atmosfera gases com efeito de estufa. O resultado do estudo coordenado pela Universidade de Aveiro (UA), o primeiro no país a quantificar a pegada de carbono do setor da cortiça, não deixa dúvidas quanto aos poderes ecológicos do sobreiro e do ecossistema que o envolve: por cada tonelada de cortiça produzida, o montado sequestra mais de 73 toneladas de dióxido de carbono, o equivalente às emissões daquele gás libertadas para percorrer cerca de 450 mil quilómetros de automóvel. Na Herdade da Machuqueira do Grou, em Coruche, o Instituto Superior de Agronomia, parceiro neste estudo, registou ao longo dos últimos sete anos a quantidade de dióxido de carbono retirada da atmosfera por um ecossistema de montado (sobreiros, solo e toda a restante vegetação característica dos montados) com uma média de 177 árvores por hectare. No âmbito do estudo, foi também avaliada a quantidade de gases com efeito de estufa emitida pelo setor nacional da cortiça, desde a floresta até ao destino final dos produtos feitos à base de cortiça, incluindo o respetivo processamento industrial. O saldo é extremamente positivo para o meio ambiente. "O setor de cortiça é um sumidouro efetivo de gases com efeito de estufa uma vez que o sequestro de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do setor, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça", garante Ana Cláudia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA e coordenadora do estudo que pretendeu avaliar a pegada de carbono do setor da cortiça em Portugal. Cortiça é reservatório de carbono A capacidade da própria cortiça de reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro, permite que constitua um reservatório de carbono ao longo do seu ciclo de vida, garantindo que por cada tonelada de cortiça duas de dióxido de carbono sejam sequestradas da atmosfera. "Os produtos produzidos a partir de cortiça nacional constituem reservatórios crescentes de carbono, quer durante a sua utilização, quer quando são depositados em aterro, tendo acumulado entre 150 e 250 mil toneladas de dióxido de carbono por ano nos últimos 15 anos", afirma Ana Cláudia Dias. Os números sugerem que "a utilização de produtos de cortiça contribui para a mitigação das alterações climáticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono quer pelo facto de substituírem produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético". Financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional através do Compete, o projeto desenvolveu um modelo de cálculo que permite que os produtos de cortiça passem a ser incluídos nos inventários nacionais de gases com efeito de estufa, tal como já sucede com os produtos de madeira. "Este trabalho dotou o setor da cortiça de informação e ferramentas que permitem apoiar a tomada de decisão no que respeita a práticas que possam otimizar a pegada de carbono do setor e reforçar o papel do setor como elemento importante na mitigação das alterações climáticas", aponta Ana Cláudia Dias.

1 Fevereiro, 2016

Indústria da cortiça ajuda a atenuar alterações climáticas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 01/02/2016

Meio: VerPortugal Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=f2135bd2

Usar produtos de cortiça, para além de estar na moda e de servir a economia nacional, contribui para remover da atmosfera gases com efeito de estufa. O resultado do estudo coordenado pela Universidade de Aveiro (UA), o primeiro no País a quantificar a pegada de carbono do setor da cortiça, não deixa dúvidas quanto aos poderes ecológicos do sobreiro e do ecossistema que o envolve: por cada tonelada de cortiça produzida, o montado sequestra mais de 73 toneladas de dióxido de carbono, o equivalente às emissões daquele gás libertadas para percorrer cerca de 450 mil quilómetros de automóvel Na Herdade da Machuqueira do Grou, em Coruche, o Instituto Superior de Agronomia, parceiro neste estudo, registou ao longo dos últimos sete anos a quantidade de dióxido de carbono retirada da atmosfera por um ecossistema de montado (sobreiros, solo e toda a restante vegetação característica dos montados) com uma média de 177 árvores por hectare. No âmbito do estudo, foi também avaliada a quantidade de gases com efeito de estufa emitida pelo setor nacional da cortiça, desde a floresta até ao destino final dos produtos feitos à base de cortiça, incluindo o respetivo processamento industrial. O saldo é extremamente positivo para o meio ambiente. ""O setor de cortiça é um sumidouro efetivo de gases com efeito de estufa uma vez que o sequestro de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do setor, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça", garante Ana Cláudia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA e coordenadora do estudo que pretendeu avaliar a pegada de carbono do setor da cortiça em Portugal. Cortiça é reservatório de carbono A capacidade da própria cortiça de reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro, permite que constitua um reservatório de carbono ao longo do seu ciclo de vida, garantindo que por cada tonelada de cortiça duas de dióxido de carbono sejam sequestradas da atmosfera. "Os produtos produzidos a partir de cortiça nacional constituem reservatórios crescentes de carbono, quer durante a sua utilização, quer quando são depositados em aterro, tendo acumulado entre 150 e 250 mil toneladas de dióxido de carbono por ano nos últimos 15 anos", afirma Ana Cláudia Dias. Os números sugerem que "a utilização de produtos de cortiça contribui para a mitigação das alterações climáticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono quer pelo facto de substituírem produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético". Financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional através do Compete, o projeto desenvolveu um modelo de cálculo que permite que os produtos de cortiça passem a ser incluídos nos inventários nacionais de gases com efeito de estufa, tal como já sucede com os produtos de madeira. "Este trabalho dotou o setor da cortiça de informação e ferramentas que permitem apoiar a tomada de decisão no que respeita a práticas que possam otimizar a pegada de carbono do setor e reforçar o papel do setor como elemento importante na mitigação das alterações climáticas", aponta Ana Cláudia Dias.

01 Fevereiro 2016 |por VerPortugal

CISION

VIDA RURAL
REVISTA PROFISSIONAL DE AGRO-NEGÓCIOS

ID: 63287007

01-02-2016

Tiragem: 11000
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Outros Assuntos

Pág: 12
Cores: Cor
Área: 20,00 x 17,69 cm²
Corte: 1 de 1

Setor da cortiça "é um sumidouro de gases com efeito de estufa"

O setor da cortiça "é um sumidouro efetivo de gases com efeito de estufa, uma vez que o sequestro de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do setor, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça". A conclusão é de um estudo coordenado pela Universidade de Aveiro com colaboração do Instituto Superior de Agronomia que procurou quantificar a pegada de carbono do setor da cortiça.

De acordo com o Diário Digital, o estudo registou ao longo dos últimos sete anos a quantidade de dióxido de carbono retirada da atmosfera por um ecossistema de montado com uma média de 177 árvores por hectare, na Herdade da Machuqueira do Grou, em Coruche, e os resultados são positivos: por cada tonelada de cortiça produzida, o montado sequestra mais de 73 toneladas de dióxido de carbono, o equivalente às emissões daquele gás libertadas para percorrer cerca de 450 mil quilómetros de automóvel. No decorrer deste estudo, foi também avaliada a quantidade de gases com efeito de estufa emitida pelo setor nacional da cortiça, desde a floresta até ao destino final dos produtos feitos à base de cortiça, incluindo o respetivo processamento industrial. Segundo Ana Cláudia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA e coordenadora do estudo, o resultado é positivo.

A capacidade da cortiça para reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro permite que esta constitua um reservatório de carbono ao longo do seu ciclo de vida, garantindo que por cada tonelada de cortiça duas de dióxido de carbono sejam sequestradas da atmosfera. "Os produtos produzidos a partir de cortiça nacional constituem reservatórios crescentes de carbono, quer durante a sua utilização, quer quando são depositados em aterro, tendo acumulado entre 150 e 250 mil toneladas de dióxido de carbono por ano nos últimos 15 anos", afirma Ana Cláudia Dias. Assim, o estudo sugere que a utilização de produtos de cortiça, que tem estado muito em voga, "contribui para a mitigação das alterações climáticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono quer pelo facto de substituir produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético".

Segundo o Diário Digital, o estudo agora publicado desenvolveu também um modelo de cálculo que vai permitir que os produtos de cortiça passem a ser incluídos nos inventários nacionais de gases com efeito de estufa, tal como já acontece com os produtos de madeira.

"Este trabalho dotou o setor da cortiça de informação e ferramentas que permitem apoiar a tomada de decisão no que respeita a práticas que possam otimizar a pegada de carbono do setor e reforçar o papel do setor como elemento importante na mitigação das alterações climáticas", conclui Ana Cláudia Dias.

Sobreiro é aliado de peso na luta contra alterações climáticas

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 01/02/2016

Meio: Wilder Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=d15f803d

Em Novembro, as florestas já tinham sido reconhecidas como uma solução climática crucial por chefes de Estado e ministros de 16 países. Hoje, investigadores portugueses revelam que por cada tonelada de cortiça produzida, o montado sequestra 73 toneladas de CO2 que deixam de ir para a atmosfera. Durante os últimos sete anos, os sobreiros de uma herdade em Coruche, no Alentejo, estiveram debaixo de olho dos investigadores do Instituto Superior de Agronomia (ISA). A pergunta era: qual é a pegada de carbono do sector da cortiça em Portugal, ou seja, quanto dióxido de carbono é emitido para fabricar este produto? Nada foi deixado ao acaso. Ao longo desses sete anos os cientistas estiveram na Herdade da Machuqueira do Grou a registar quanto dióxido de carbono (CO2) o montado conseguia retirar da atmosfera - incluindo em média 177 sobreiros por hectare, mais o solo e a vegetação própria do ecossistema. Depois estimaram qual a quantidade de gases com efeito de estufa emitida pelo sector nacional da cortiça, incluindo o fabrico dos produtos. Os investigadores, coordenados pela Universidade de Aveiro, concluíram que esta é uma actividade com um saldo "extremamente positivo" para o Ambiente e que a indústria da cortiça ajuda a atenuar as alterações climáticas, segundo um comunicado daquela Universidade. "Por cada tonelada de cortiça produzida, o montado sequestra mais de 73 toneladas de dióxido de carbono, o equivalente às emissões daquele gás libertadas para percorrer cerca de 450 mil quilómetros de automóvel", acrescentam. A produção de cortiça "é um sumidouro efetivo de gases com efeito de estufa uma vez que o sequestro de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do setor, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça", garante, em comunicado, Ana Cláudia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA e coordenadora do estudo. A investigadora Ana Cláudia Dias com uma pen drive revestida de cortiça. Foto: Universidade de Aveiro O segredo está na capacidade da cortiça em reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro. "Por cada tonelada de cortiça, duas de dióxido de carbono são sequestradas da atmosfera." A investigadora salienta ainda que "a utilização de produtos de cortiça contribui para a mitigação das alterações climáticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono quer pelo facto de substituírem produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético". O projeto desenvolveu um modelo de cálculo que permite que os produtos de cortiça passem a ser incluídos nos inventários nacionais de gases com efeito de estufa, tal como já sucede com os produtos de madeira. Saiba mais. Segundo o 6º Inventário Florestal Nacional, em 2010 a floresta ocupava 35,4% do território continental, principalmente eucalipto (812 mil hectares) e depois sobreiro (737 mil hectares). A área de sobreiro manteve-se estável entre 1995 e 2010. O papel das florestas é reconhecido no Programa Nacional para as Alterações Climáticas (2020-2030), documento publicado em Maio de 2015. Nele estão previstas acções para aumentar a resistência e resiliência das florestas aos fogos e agentes bióticos e ainda para aumentar a área florestal e melhorar a já existente, como por exemplo, apoiando a "conservação e recuperação de habitats e zonas florestais de grande valor natural". Share facebook twitter google+ pinterest linkedin

Mon, 01 Feb 2016 17:05:39 +0100

Quintas da Ria fala sobre turismo hoteleiro nas margens da ria.

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 28/01/2016

Meio: Rádio Terra Nova Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=e4e5915b

A Universidade de Aveiro (UA), através do grupo uariadeaveiro e da Fábrica da Ciência Viva, promove um novo ciclo de conversas sobre temas da Ria, na continuação do trabalho iniciado há dois anos e como resposta aos pedidos recebidos por diferentes vias. O grupo uariadeaveiro tem como missão mobilizar o conhecimento e facilitar a sua disponibilização ao serviço da Ria de Aveiro de forma mais pró-ativa e, assim, contribuir para a proteção, valorização e gestão da Ria de Aveiro. As conversas "Quintas da Ria" prosseguem através de um novo ciclo, depois das duas anteriores edições, agora alargado a outros municípios para além de Aveiro, todas elas unidas pelo interesse comum na laguna. A nova edição da iniciativa pretende prosseguir com o desafio de manter a Ria de Aveiro no centro do debate político e regional. Esta nova edição arranca com um encontro sobre "Turismo hoteleiro nas margens da Ria". Esta primeira sessão centra-se no alojamento turístico na envolvente à Ria de Aveiro, suas principais características e potencialidades de evolução, bem como os fatores críticos que o turismo enfrenta nesta área. Os oradores são Ana Garcez (aluna do Programa Doutoral em Turismo da UA), Helena Albuquerque (colaboradora doutorada do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, CESAM, laboratório associado da UA) e Nuno Lopes (COO da Idtour, Unique Solutions). A sessão será moderada por Carlos Costa, diretor do Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo. Encontro às 21h15 na Fábrica da Ciência.

2016-01-28 08:27

CISION

Diário de Aveiro

ID: 62863194

27-01-2016

Tiragem: 5550
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 7
Cores: Preto e Branco
Área: 8,16 x 8,38 cm²
Corte: 1 de 1

Turismo hoteleiro nas margens da Ria em análise

AMANHÃ A primeira sessão do "Quintas da Ria III" está marcada para amanhã, às 21.15 horas, na Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro.

Intitulada "Turismo hoteleiro nas margens da Ria", esta primeira sessão centrar-se-á no alojamento turístico na envolvente à Ria de Aveiro, as suas principais características e as potencialidades de evolução, bem como os factores críticos que o turismo enfrenta nesta área.

Os oradores serão Ana Garcez (aluna do programa doutoral em Turismo da Universidade de Aveiro), Helena Albuquerque (colaboradora doutorada do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, CESAM, laboratório associado da UA), e Nuno Lopes (COO da Idtour, Unique Solutions).

A sessão será moderada por Carlos Costa, director do Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo.

Universidade de Aveiro avalia pegada de carbono da cortiça

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 04/01/2016

Meio: Diário Agrário Online

URL: http://www.pt.cision.com/s/?l=f9ad3afb

03 Janeiro 2016, domingo "Pegada de Carbono da Cortiça: das Árvores aos Produtos". Assim se designa o projeto desenvolvido pela Universidade de Aveiro (UA) - Departamento de Ambiente e Ordenamento/Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) - e pelo Instituto Superior de Agrono-mia - Departamento de Recursos Naturais, Ambiente e Territó-rio/Centro de Estudos Florestais (CEF). Este projeto teve como objetivo avaliar a pegada de carbono do setor da cortiça em Portugal, ou seja, as emissões e remoções de gases com efeito de estufa em todo o setor, desde a floresta até ao destino final dos produtos, incluindo o seu pro-cessamento industrial. No que respeita ao sequestro de carbono pelo montado, o estudo conclui que o montado de sobro da Herdade da Machuqueira do Grou (Coruche) representou um sequestro de carbono de cerca de 250 g C / m2 / ano (média de 2009 a 2014), tendo sido um sumi-douro mesmo nos anos secos de 2009 e 2012. Este resultado con-firma a estabilidade deste montado de sobro em termos de se-questro de carbono e contrasta com os resultados obtidos num montado de azinheira de menor densidade na região de Évora com um balanço próximo de zero em anos secos. Os resultados preliminares indicam, ainda, que o descortiçamento não teve impactes significativos no balanço de carbono ao nível da árvore e do ecossistema mesmo no ano seco de 2015. No ponto do projeto referente à acumulação de carbono nos produtos de cortiça, o mesmo estudo conclui que os produtos de cortiça produzidos a partir de cortiça nacional constituem re-servatórios crescentes de carbono, quer durante a sua utilização quer quando são depositados em aterro, tendo acumulado entre 40 e 70 mil t C/ano nos últimos 15 anos. Assim, a utilização de produtos de cortiça contribui para a mitigação das alterações cli-máticas, quer pela sua capacidade de acumular carbono quer pelo facto de substituírem produtos alternativos mais intensivos do ponto de vista energético. O modelo de cálculo desenvolvido no projeto permite que os produtos de cortiça passem a ser in-cluídos nos inventários nacionais de gases com efeito de estufa, tal como já sucede com os produtos de madeira. De realçar que o projecto foi desenvolvido entre julho de 2013 e novembro de 2015, sendo que as várias fases do estudo e o con-junto de informação que foi produzida durante a sua execução está disponível aqui. A Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) foi a entida-de promotora do projeto no âmbito do Concurso de Projetos de Investigação Científica e Desenvolvimento Tecnológico de 2012. O projeto foi financiado por fundos nacionais através da FCT e por fundos do Fundo Europeu de Desenvolvimento Re-gional através do Compete - Programa Operacional Fatores de Competitividade. Para a Associação Portuguesa da Cortiça (Apcor) este é um estudo que vem comprovar a importância do montado e da cor-tiça para a preservação do meio ambiente, na medida em que em todo o ciclo da sua produção a cortiça assume um papel de pro-duto amigo do ambiente . Fonte: Económico http://www.agronegocios.eu/noticias/universidade-de-aveiro-avalia-pegada-de-carbono-da-cortica/

CISION

Correio do Vouga

ID: 62535588

23-12-2015

Tiragem: 3750
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Regional

Pág: 8
Cores: Preto e Branco
Área: 26,00 x 10,61 cm²
Corte: 1 de 1

Baixo Vouga em risco com as alterações climáticas

Gestão desadequada da Ria e conflitos entre entidades dificultam procura de soluções.

Para a zona do Baixo Vouga não existem ainda medidas concretas de modo a integrar as alterações climáticas nas políticas atuais, nem para evitar os impactes de outros problemas ambientais, como a intrusão salina superficial, conforme consta nas conclusões do projeto europeu ADAPT-MED, em que participaram investigadores da Universidade de Aveiro (UA).

O bloco do Baixo Vouga Lagunar foi um dos três casos de estudo do projeto europeu em que participaram investigadores da UA. O projeto pretendeu identificar os principais fatores que afetam a capacidade de internalizar a adaptação às alterações climáticas em zonas costeiras mediterrâneas, no processo de tomada de decisão.

Os principais obstáculos apontados, perante a inação aos problemas referidos, foram a gestão, nem sempre adequada, da Ria de Aveiro, os conflitos entre entidades e a falta de apoio aos agricultores para lidarem com as inundações fluviais e com a intrusão salina superficial.

Os resultados deste estudo foram apresentados na semana passada, o mesmo acontecendo com o projeto LAGOONS - Gestão integrada de lagunas costeiras europeias no contexto das alterações climáticas, concluído em meados de 2014, também coordenado na UA pela investigadora Ana Lillebø (Centro de Estudos do Ambiente e do mar – CESAM). Na documentação publicada durante o LAGOONS, identificaram-se as ameaças atuais ao sistema e as prováveis evoluções em consequência das alterações climáticas, nomeadamente com a subida do nível médio do mar e com a ocorrência de fenómenos meteorológicos extremos. Esta informação foi bastante utilizada no decorrer do projeto ADAPT-MED.

CISION

Indústria e Ambiente

ID: 63038001

01-11-2015

Tiragem: 3000
País: Portugal
Period.: Bimestral
Âmbito: Ambiente e Ciência

Pág: 32
Cores: Cor
Área: 17,41 x 25,60 cm²
Corte: 1 de 4

METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO INTEGRADA NO ÂMBITO DE PLANOS DE MELHORIA DA QUALIDADE DO AR EM PORTUGAL

Apesar das várias estratégias de melhoria da qualidade do ar delineadas a nível da União Europeia e por cada Estado-Membro, continuam a verificar-se níveis de poluição atmosférica superiores aos permitidos no âmbito da Diretiva-Quadro da Qualidade do Ar. A avaliação das metodologias utilizadas para a definição de medidas de melhoria de qualidade do ar é fundamental para a compreensão dos atuais níveis de qualidade do ar e para a proposta de alternativas mais eficazes. Neste artigo são apresentadas Metodologias de Avaliação Integrada (MAI) como uma importante ferramenta de apoio à elaboração de Planos de Melhoria da Qualidade do Ar (PQA) em Portugal. Permitem avaliar quantitativamente, e numa perspetiva custo-eficaz, os efeitos sobre a qualidade do ar e a saúde humana decorrentes da implementação de medidas de redução de emissões atmosféricas. A sua utilização, no âmbito de PQA em Portugal, poderá contribuir para a seleção de medidas de melhoria mais custo-eficazes e, consequentemente, para um maior grau de aceitação pelos decisores políticos e uma taxa superior de aplicação.

A. Miranda, D. Lopes, H. Relvas, C. Silveira, J. Ferreira, C. Borrego
Departamento de Ambiente e Ordenamento, CESAM, Universidade de Aveiro
*miranda@ua.pt

1. INTRODUÇÃO

Recentemente, a Organização Mundial de Saúde (OMS) classificou a poluição do ar como sendo cancerígena para o ser humano [1]. A poluição atmosférica implica também impactes económicos consideráveis, quer através do aumento dos custos relacionados com a saúde, quer ao nível da redução da produtividade. Os efeitos das elevadas concentrações de poluentes no ar ambiente fazem-se sentir principalmente [2]:

- nas áreas urbanas, onde a maioria da população europeia reside,
- nos ecossistemas, prejudicando por exemplo o crescimento da vegetação.

Para reduzir estes efeitos, sobretudo nas zonas urbanas, onde o tráfego rodoviário, combustão doméstica e industrial, são as principais fontes de poluição, é importante definir estratégias custo-eficazes que visem a melhoria da qualidade do ar.

A União Europeia (UE) tem envidado esforços para a melhoria da qualidade do ar, definindo e implementando legislação. Em 1996, a Diretiva Quadro da Qualidade do Ar (Diretiva 96/62/CE) estabeleceu obrigações para os Estados Membros (EM) e redefiniu as diretrizes para a avaliação e gestão da qualidade do ar. Esta diretiva foi revista e atualizada em 2008, com a publicação da nova Diretiva da Qualidade do Ar (DQA) (Diretiva 2008/50/CE), transposta para o direito interno pelo Decreto-Lei 102/2010, de 23 de setembro. A DQA estabelece a obrigação de os EM implementarem Planos de Qualidade do Ar (PQA) adequados às zonas e aglomerações onde esta não esteja conforme os valores-limite (VL) impostos pela legislação. Os PQA devem contemplar um conjunto de medidas de redução de emissões, a aplicar às principais fontes, de forma a garantir o cumprimento dos VL [3]. Apesar das melhorias alcançadas ao nível de qualidade do ar na União Europeia ao longo da última década, continuam a verificar-se excedências ao VL estabelecidos na DQA, nomeadamente no que se refere a material particulado com um diâmetro aerodinâmico equivalente inferior a 10 µm (PM10) e dióxido de azoto (NO_2). Portugal, não obstante os PQA desenvolvidos, não é exceção, com ultrapassagens aos VL de PM10 e NO_2 em várias aglomerações.

Subjacente à melhoria, ainda necessária, da qualidade do ar na Europa e em Portugal, está a compreensão das causas dos níveis de não cumprimento dos objetivos estabelecidos e a análise das ferramentas disponíveis, e habitualmente utilizadas, na sua avaliação e previsão. É importante incluir nas atuais metodologias de desenvolvimento de planos de qualidade do ar abordagens "integradas", que considerem conjuntamente qualidade do ar e seus efeitos na saúde humana [1, 2]. Resumir, através das metodologias mais apropriadas, os efeitos positivos e negativos na saúde num único efeito cumulativo, possibilita a utilização de análises de custo-eficácia [3], o que constitui uma mais-valia para o processo de tomada de decisão. É por esta razão que, na última década, as metodologias de avaliação integrada têm vindo a receber destaque, tanto na literatura científica, como nas Diretivas Europeias na área da qualidade do ar [e.g. 4, 5, 6].

Este artigo explora as Metodologias de Avaliação Integrada (MAI) como ferramentas de apoio à elaboração de PQA, descreve as práticas correntes no desenvolvimento de PQA em Portugal e propõe, face ao estado de conhecimento atual, a aplicação de ferramentas de avaliação que permitam a definição otimizada de medidas de melhoria da qualidade do ar que integrem a quantificação dos seus impactes e a análise de custo-eficácia.

2. METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO INTEGRADA

As Metodologias de Avaliação Integrada, no âmbito da qualidade do ar, apoiam a decisão sobre medidas de redução de emissões que visem, simultaneamente, a melhoria da qualidade do ar, a redução da exposição à poluição atmosférica e a proteção da saúde humana. As MAI têm vindo a ser trabalhadas de acordo com duas perspetivas: 1) "análise de cenários"; e 2) "otimização". Na Figura 1 é apresentado um esquema das duas abordagens.

Na abordagem "análise de cenários" são selecionadas medidas de redução de emissões. Posteriormente o efeito dessas medidas sobre a diminuição da poluição atmosférica é quantificado através de Modelos de Qualidade do Ar (MQA). Este tipo de abordagem não garante a custo-eficácia das medidas selecionadas, sendo possível a avaliação a posteriori dos custos e de outros impactes (e.g. saúde).

Na abordagem "otimização", as medidas de redução de emissões são selecionadas por um algoritmo de otimização, que avalia o impacte das medidas na qualidade do ar e na saúde humana em simultâneo com os custos de implementação dessas medidas. Estes algoritmos de otimização requerem milhares de simulações de qualidade do ar, sendo difícil a utilização direta de MQA, devido às elevadas exigências computacionais. A alternativa consiste em usar os MQA para estabelecer relações entre emissões e qualidade do ar (*i.e.* relações fonte-recetor), com base num número adequado de simulações [6].

Alguns sistemas de avaliação integrada otimizada de qualidade do ar (que incluem avaliação do impacte na saúde humana) foram já desenvolvidos e implementados à escala continental, tais como os modelos RAINS e GAINS [4]. Contudo, estes sistemas não foram desenvolvidos com detalhe suficiente para

FIGURA 1 Esquema simplificado das duas abordagens utilizadas nas MAI.

TABELA 1 Sistemas de Avaliação Integrada para diferentes escalas.

Escala	Metodologias	Efeitos	Políticas utilizadas
Europeia 150 (50 km)	RAINS/GAINS ASAM	Acidificação Eutrofização Ozono Troposférico Material Particulado	CLRTAP Protocolo de Gotemburgo
Nacional 5 km	RAINS - Italy RAINS – Netherlands FRES - Finland UKIAM	Redução das Emissões	CLRTAP PNAC PCIP PTEN
Regional/ Local 1 km	USIAM OPUS - AIR RIAT Sistema AURORA	Qualidade do ar Exposição Humana	PQA

CLRTAP – Convenção sobre a Poluição Transfronteiriça a Longa Distância
PNAC – Plano Nacional para as Alterações Climáticas
PCIP – Prevenção e Controlo Integrados de Poluição
PTEN – Programa para os Tetos de Emissão

que possam apoiar o processo de tomada de decisão a uma escala sub-nacional (tanto setorial como geograficamente) e, portanto, não representam as áreas urbanas, onde a maior parte da população europeia habita e onde os impactes na saúde humana são mais pertinentes. Alguns sistemas de escala Europeia foram adaptados para escalas com maior resolução (*i.e.* escalas nacional, regional e local). A grande vantagem dos sistemas desenvolvidos para a escala local reside no facto de apresentarem detalhe suficiente para uma melhor avaliação dos efeitos da exposição humana aos níveis de poluentes atmosféricos no ar ambiente. Na Tabela 1 são apresentados alguns exemplos desses sistemas de avaliação integrada (SAI) para diferentes escalas espaciais.

Os SAI reúnem dados das fontes emissoras (*i.e.* inventários de emissão), da sua contribuição para as concentrações atmosféricas e para a exposição humana, bem como medidas de controlo de emissões e seus custos, a fim de explorar estratégias que permitam a diminuição dos efeitos das emissões para a atmosfera [7]. A grande vantagem destes sistemas de otimização consiste na sua capacidade de integrar diferentes variáveis, permitindo selecionar as medidas ótimas. A análise simultânea de vários poluentes também é possível, poupando-se tempo e dinheiro. A estimativa dos benefícios da redução da poluição em termos de saúde humana é feita tendo em conta a mortalidade e a morbilidade, permitindo ao decisor relacionar custos (da implementação das medidas) com benefícios (menor mortalidade e morbilidade). A otimização é muito rápida (alguns minutos), permitindo comparar diferentes opções com diferentes orçamentos e quantificar o impacte na qualidade do ar e na saúde.

3. PLANOS DE MELHORIA DA QUALIDADE DO AR EM PORTUGAL

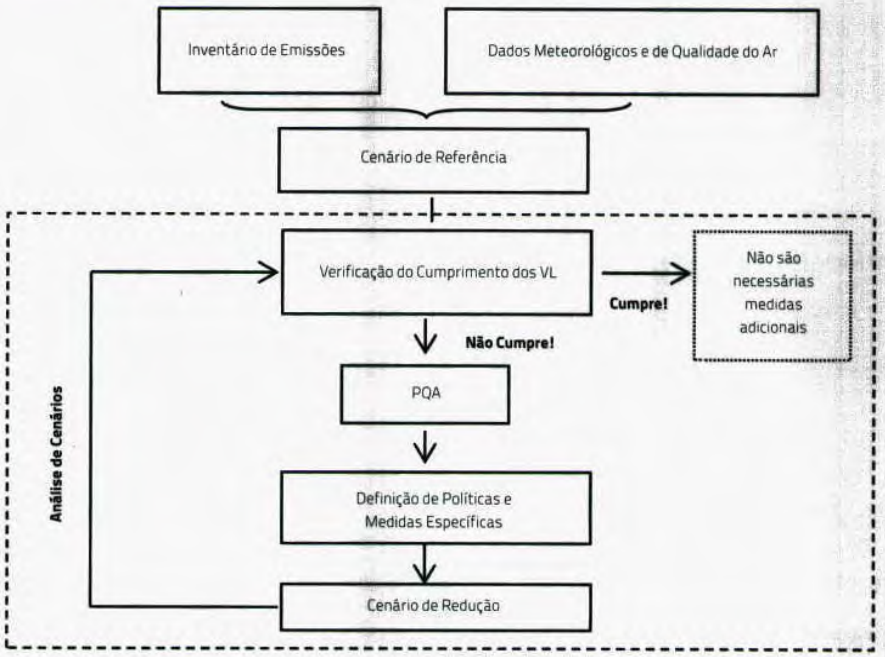
Em Portugal foram elaborados PQA para a Região de Lisboa e Vale do Tejo (aglomerações Área Metropolitana de Lisboa Norte, Área Metropolitana de Lisboa e Setúbal), Região Norte (aglomerações do Porto Litoral, Vale do Ave e Vale do Sousa) e Centro (aglomerações de Aveiro/Ílhavo, Coimbra e zona de influência de Estarreja [8-11].

Na elaboração desses PQA é utilizada a abordagem "análise de cenários". A primeira etapa dessa abordagem consiste na elaboração do "cenário de referência". Este cenário corresponde à qualidade do ar observada na área analisada antes da aplicação do PQA. No "cenário de referência" são utilizados como dados de entrada para o MQA: 1) o inventário nacional de emissões com informação das fontes de emissão pontuais e em grelha (fontes móveis (*e.g.* tráfego rodoviário) e em área (emissões por concelho)); 2) dados meteorológicos (fornecidos por um modelo meteorológico). O "cenário de referência" necessita sempre de ser validado com dados meteorológicos e de qualidade do ar das estações de monitorização presentes na zona de estudo.

No decorrer da elaboração de um PQA são elaboradas listas com medidas de melhoria da qualidade do ar, passíveis de serem implementadas. As medidas são definidas de acordo com as políticas comunitárias sobre o ambiente (e.g. Programa para os Tetos de Emissão (PTEN)), mas também integram um conjunto adicional de medidas de cariz mais local, definidas tendo em conta a área de implementação, poluente(s) em causa e principais fontes emissoras. Os cenários de redução de emissões são simulados recorrendo ao MQA, que estima as concentrações de poluentes como resultado da implementação da totalidade, ou de parte, das medidas delineadas. Por fim, cabe aos decisores políticos, nos seus diferentes níveis de atuação, a tomada de decisão sobre as medidas a serem implementadas para melhoria da qualidade do ar. Na Figura 2 apresenta-se um fluxograma da metodologia utilizada na elaboração de PQA em Portugal.

Esta metodologia assenta na definição de políticas e medidas específicas a aplicar sobre os principais setores de atividade, visando reduzir emissões atmosféricas e, consequentemente,

FIGURA 2 Fluxograma metodológico de um PQA



contribuir para a melhoria da qualidade do ar. Assim, face às ultrapassagens ao VL de PM10 e NO_2, e tendo por base informação constante dos PQA em Portugal, o setor do tráfego rodoviário é o alvo da maioria das intervenções/medidas propostas, seguindo-se a combustão doméstica e industrial. As medidas são classificadas como técnicas (MT) e não-técnicas (MNT), e têm em consideração os seguintes aspetos: caráter regulador ou apelando meramente a alterações comportamentais da população, a abrangência espacial e o horizonte temporal para a sua implementação. MT estão associadas à inovação tecnológica, destacando-se nos PQA nacionais a renovação da frota de transportes públicos coletivos e a reconversão de sistemas de aquecimento doméstico. Entre as MNT, o incentivo à utilização de transportes públicos, o corte de ruas ao trânsito, o estabelecimento de zonas de emissão reduzida e a limpeza e varrimento das ruas são algumas das medidas estabelecidas para o setor do tráfego rodoviário. Para reduzir as emissões industriais, a aplicação de filtros de elevada eficiência constitui a principal estratégia de atuação no setor.

Por outro lado, apesar de os PQA em Portugal abordarem questões como impactes na saúde e custos de implementação das medidas de mitigação, esta avaliação ainda não é feita de uma forma otimizada e "Integrada". Em termos de impactes na saúde, a análise tem sido realizada essencialmente com base em informação proveniente de revisão bibliográfica. A intensidade dos impactes na saúde, traduzida em indicadores de mortalidade e morbilidade, varia consoante o nível de concentração atmosférica de um dado poluente, a população exposta por faixa etária e estudos epidemiológicos que relacionam determinadas doenças com a poluição atmosférica. Para a generalidade dos poluentes, são expectáveis efeitos na redução da esperança média de vida, consequência de doenças cardiovasculares e respiratórias. São frequentemente associados casos (agudos ou crónicos) de bronquite, asma, tosse, insuficiência cardíaca e admissões hospitalares cardiorrespiratórias aos poluentes PM10 e NO_2 no ar ambiente.

4. CONCLUSÕES

Não obstante a diminuição das emissões de poluentes atmosféricos ocorrida nos últimos anos, continuam a verificar-se concentrações elevadas nos centros urbanos, que representam um sério risco para a saúde humana. Portugal, devido aos níveis elevados de concentrações de poluentes registados em algumas aglomerações, teve a necessidade de elaborar PQA para a melhoria da qualidade do ar. Os PQA desenvolvidos e as medidas de melhoria propostas assentam essencialmente numa abordagem de "análise de cenários". A adoção de metodologias de avaliação integrada numa perspetiva de otimização, para a elaboração dos PQA, possibilitará a obtenção duma lista de medidas custo-eficazes, que integra a estimativa de efeitos na saúde humana (custos externos). Apesar da clara mais-valia destes sistemas de avaliação integrada, ainda não são utilizados regularmente no âmbito dos PQA em Portugal. O projeto de investigação MAPLIA (*Moving from Air Pollution to Local Integrated Assessment*) tem como objetivo testar e aplicar um sistema local (o sistema RIAT+) à cidade do Porto, identificando potenciais dificuldades de aplicação e testando o potencial do sistema.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Fundação para a Ciência e Tecnologia, como entidade financiadora das bolsas de pós doutoramento de J. Ferreira (SFRH/BPD/40620/2007) e do projeto MAPLIA (PTDC/AAG-MAA/4077/2012), e aos programas COMPETE, QREN e FEDER pelo seu cofinanciamento.

REFERÊNCIAS

[1] OMS (Organização Mundial de Saúde), Air Pollution and Cancer, IARC Scientific Publication No 161, World Health Organization, 2013.

[2] AEA (Agência Europeia do Ambiente), Air quality in Europe — 2013 report, EEA Report No 9/2013, European Environment Agency, 2013.

[3] A.I. Miranda, H. Relvas, E. Sá, H. Martins, C. Borrego, A. Monteiro, C. Gama, P. Roebeling, J.P Teixeira, C. Silveira, D. Lopes, Uma metodologia para a avaliação integrada da qualidade do ar em cidades: 10ª Conferência Nacional do Ambiente, Repensar o ambiente: Luxo ou inevitabilidade? Vol IV, pp. 847-848, 2013.

[4] M. Amann, I. Bertok, J. Borken-Kleefeld, J. Cofala, C. Heyes, L. Höglund-Isaksson, Z. Klimont, B. Nguyen, M. Posch, P. Rafaj, R. Sandler, W. Schöpp, F. Wagner, W. Winiwarter, Cost-effective control of air quality and greenhouse gases in Europe: Modeling and policy applications. Environmental Modelling & Software 26, pp. 1489-1501, 2011.

[5] M. Giannouli, E.A. Kalognomou, G. Mellios, N. Moussiopoulos, Z. Samaras, J. Fiala, Impact of European emission control strategies on urban and local air quality. Atmospheric Environment 45, pp. 4753-4762, 2011.

[6] A.I. Miranda, H. Relvas, C. Bouland, C. Belis, J. Douros, L. Fragkou, L. White, M.L. Volta, P. Viaene, P. Thunis, WP2: Review and gaps identification in air quality and health assessment methodologies at regional and local scale, Appraisal project, FP7-ENV CA 303895, 2013.

[7] C. Carnevale, G. Finzi, E. Pisoni, M. Volta, G. Guariso, R. Gianfreda, G. Maffeis, P. Thunis, L. White, G. Triacchini, An integrated assessment tool to define effective air quality policies at regional scale, Environmental Modelling & Software 38, pp. 306-315, 2012.

[8] F. Ferreira, L. Nogueira, C. Almeida, H. Tente, A. Martins, J. Monjardino, J. Neto, N. Franco, P. Pereira, P. Gomes, S. Mesquita, V.G. Ferreira, H. Maciel, P. Torres, Planos e Programas para a melhoria da qualidade do ar na Região de Lisboa e Vale do Tejo. Lisboa, Portugal, Departamento de Ciências e Engenharia do Ambiente da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, 2006.

[9] M. Almeida, P. Frade, C. Pimentel, A. Sousa, C. Taliscas, H. Lameiras, F. Póvoas, Plano de Melhoria da Qualidade do Ar na Região Centro, 2010.

[10] C. Borrego, A.I. Miranda, A. Carvalho, D. Coelho, E. Sá, S. Sousa, Plano de Qualidade do Ar Aglomerações de Porto Litoral, Vale do Ave e Vale do Sousa: 2005-2008, Aveiro, Portugal. Universidade de Aveiro, AMB-QA-07/2010, 2010.

[11] C. Borrego, A.I. Miranda, A. Monteiro, A. Carvalho, D. Coelho, D. Dias, E. Sá, Plano de qualidade do ar da Região Norte – NO2, Aveiro, Portugal, Universidade de Aveiro, IMA 61.11/01.03, 2011.